Edição digital Nº 05 - Setembro/2011

HELL AWAIT

LINE METAL M

Confira quem foram os ganhadores da coletânea DIE FIGHT!

KRISIUN

NO TOPO DO METAL MUNDIAL!

ENTREVISTAS:
THE ARTIFACT, BELARUSSIAN FOCKIN IDIOTS, SLASHER, MACHINAGE, ARENA, BLIND GUARDIAN, XERATH E MUITO MAIS!

Índice

02 **EQUIPE**
Conheça quem faz a Hell Divine.

03 **EDITORIAL**
Nota do Editor Chefe.

04 **LANÇAMENTOS**
Últimas novidades pra você ouvir.

04 **OUVINDO NOW**
O que os poderosos estão ouvindo no momento.

05 **AGENDA GUTURAL**
Os shows que você não pode perder no Brasil.

06 **ENTREVISTAS**
Krisium, Anaal Nathrakh, Enthroned, Attila, Xerath, Arena, Slasher, BFI, Ponto Nulo no Céu, Blid Guardian, Hatefulmurder, Machinage e The Artifact.

40 **RESENHAS**
Diversas avaliações da revista pra você acompanhar.

60 **COVERING SICKNESS**
Entrevista com Marcos Miller, um dos grandes mestres nas artes das capas.

64 **OLD SKULL**
Relembre ou fique por dentro de como foi o metal no passado.

66 **LIVE SHIT**
Resenhas dos últimos shows no Brasil.

70 **INSANIDADE METAL**
Veja o que tem de mais insâno no nosso metal.

71 **MOMENTO WTF**
Bizarrices do mundo do rock.

72 **UPCOMING STORM**
Conheça as bandas que estão surgindo.

73 **WISH LIST**
Fique por dentro dos lançamentos de luxo da sua banda preferida.

74 **RASCUNHO DO INFERNO**
Sessão dedicada aos quadrinhos, pinturas e ilustrações de nossos leitores.

Equipe

Editor Chefe: Pedro Humangous
Redatores: Augusto Hunter e Yuri Azaghal
Designer: Ricardo Thomaz
Publicidade: Maicon Leite
Revisão: Fernanda Cunha Salim
Colaboradores: Igor Scherer, Marcelo Val, Luiz Ribeiro, Cupim Lombardi e Rachel Möss.

Envio de Material:
Rua Alecrim, Lote 4, Ap. 1301 - Ed. Mirante das Águas
Águas Claras - Brasília/DF - CEP: 71.909-360

Errata Edição Nº04:
Os créditos das fotos do show da banda Accept em São Paulo, são do fotógrafo Flávio Hopp.
A resenha do disco "Pact With Solitude" da banda Utopian.Hope.Dystopian.Nihilism, foi feita por Pedro Humangous.

Editorial

Parece que foi ontem que lançamos a edição quatro... Às vezes não acredito quando vemos o quanto a revista cresceu em tão pouco tempo, além da ótima aceitação do público. É tanto trabalho, que mal vemos o tempo passar e quando nos damos conta, já é hora de lançar a próxima edição! Continuamos na correria incessante em busca de entrevistas interessantes, matérias novas, sem falar na divulgação sem fim. Conversando com as pessoas pelas redes sociais e nos shows, noto que ainda falta muita gente conhecer o nosso trabalho. Falando em shows, nossa seção "Live Evil" não para de crescer! Nossa dedicada equipe tenta comparecer ao máximo de eventos possíveis, nos mais diversos estados do Brasil, fazendo com que a cobertura fique a melhor e maior possível! Como sabem, no intervalo entre uma edição e outra lançamos a coletânea "Upcoming Hell". As bandas mais conhecidas já conquistaram seu espaço, portanto, tentamos dar uma força para as demais, que além de talentosas, merecem divulgação, merecem ser ouvidas! E essa é nossa contribuição! Sua banda ainda não apareceu na revista ou nas coletâneas? Fique tranqüilo, ainda estamos no começo. Teremos espaço para todos! Os trabalhos para o Hell Divine Fest estão a todo vapor! Se você mora em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro ou Porto Alegre, fique de olho, pois em novembro teremos o festival acontecendo simultaneamente nessas cidades! Recebemos toneladas de emails e pedidos sobre a edição impressa. Precisamos de patrocinadores e fechar um contrato interessante com uma editora a fim de imprimir e distribuir nacionalmente a Hell Divine. Se houver interessados, estamos abertos a negociações e loucos pra ver esse projeto tomar forma, literalmente! Agora chega de papo furado e devorem essa edição, que na minha humilde e sincera opinião, está matadora! Até a próxima e GO TO HELL!!

P-H-7CSL

Pedro Humangous.

LANÇAMENTOS

DREAM THEATER
"A Dramatic Turn Of Events"

ELESHGOD APOCALYPSE
"Agony"

OPETH
"Heritage"

VADER
"Welcome To The Morbid Reich"

WORLD UNDER BLOOD
"Tactical"

ANTHRAX
"Worship Music"

OUVINDO NOW

Alex Camargo (KRISIUN)
MORBID ANGEL "Covenant"
MOTORHEAD "Sacrifice"
AC/DC "Powerage"
RATOS DE PORÃO "Brasil"
ZZ TOP "Rio Grande Mud"

Dave Hunt (ANAAL NATHRAKH)
SKITSYSTEM "Stigmata"
BERGRAVEN "Till Makabert Väsen"
CHOPIN'S NOCTURNES
LIFE OF AGONY "River Runs Red"
NILE "Black Seeds Of Vengeance"

AGENDA GUTURAL

Sexta-feira, 14 de outubro
MACHINE HEAD - São Paulo/SP

Sábado, 15 de outubro
MACHINE HEAD - Curitiba/PR

Domingo, 16 de outubro
MACHINE HEAD - Porto Alegre/RS

Terça-feira, 18 de outubro
IMMORTAL - São Paulo/SP

Domingo, 13 de novembro
KYUSS LIVES! - São Paulo/SP

Renan Roveran (BYWAR)
FEAR FACTORY "Mechanized"
HYPOCRISY "A Taste of Extreme Divinity"
MORGANA LEFAY "Aberrations of the Mind"
BATHORY "Hammerheart"
ACCEPT "Blood of the Nations"

Felipe Lameira (HATEFULMURDER)
EXODUS "Exhibit B: The Human Condition"
THE BLACK DAHLIA MURDER "Nocturnal"
LAMB OF GOD "Wrath"
KORZUS "Discipline of Hate"
VADER "Impressions In Blood"

ENTREVISTA

Chega a ser redundante falar da importância que os irmãos gaúchos Alex Camargo (baixo/vocal), Moyses (guitarra) e Max Kolesne (bateria) representam para a cena do Metal extremo brasileiro, e com o novo disco, "The Great Execution", espera-se que sua carreira cresça ainda mais, já que se trata de mais um disco divisor de águas, assim como foi "Ageless Venomous", de 2001. Aliás, este foi um dos assuntos de nossa entrevista, bem como informações sobre "The Great Execution" e os primórdios desta banda que dispensa apresentações! Confira!

HELL DIVINE: Há exatamente dez anos atrás, o Krisiun lançava o polêmico "Ageless Venomous", que ao mesmo tempo em que trouxe comentários negativos acerca a sua sonoridade, funcionou como um divisor de águas na carreira da banda. Como vocês analisam este trabalho hoje em dia?

Alex Camargo: O nosso objetivo na época era produzir um álbum com um som mais limpo, sem perder a agressividade característica da banda, naquele período havia muitas bandas tentando soar brutais e velozes, mas o resultado na maioria das vezes não se entendia. Embora cometêssemos alguns erros na produção, que ficou muito limpa, as músicas são bem complexas e foram executadas de maneira precisa, além do que esse álbum abriu algumas portas para a banda.

HELL DIVINE: O fato da banda sempre se expressar conforme sua própria vontade acabou revelando discos, que embora sejam 100% extremos, possuam suas próprias peculiaridades. A nova música, "Descending Abomination", já mostra um pouco do que podemos esperar, ou seja, uma mescla da sonoridade mais lenta e pesada com as partes rápidas. O que podemos esperar do restante do disco?

Alex Camargo: Esse novo álbum vai expressar toda a experiência que acumulamos esses anos de tours e gravações. Trata-se de um álbum longo, mais de 60 minutos, as músicas estão bem variadas entre si e a sonoridade está orgânica e muito pesada. Estamos muito satisfeitos com os resultados que o álbum alcançou, as músicas estão bem empolgantes e massacrantes. Será lançado em vinil de capa dupla, o que dará uma sonoridade ainda mais pesada.

HELL DIVINE: Quando será lançado "The Great Execution"? Pelo que sei, já foram confirmadas as participações de nomes como João Gordo (Ratos de Porão), além de cogitar Schmier do Destruction. Como rolou esta parceria com o João Gordo e que linha musical segue esta faixa? Haverá mais convidados?

Alex Camargo: Não temos uma data certa para o lançamento no Brasil, será lançado pela Laser Company provavelmente. Na Europa sairá 01/11 e nos EUA em 31/10. A participação do Gordo foi foda, pintou a ideia e então fizemos alguns ensaios e compomos a música juntos. Ficou muito foda! Pode se dizer que o som é uma mistura de Krisiun e RDP. Outra participação muito especial foi a do "gaudério" Marcello Caminha, grande guitarrista da dupla (NR: de música gauchesca) César Oliveira e Rogério Mello.

HELL DIVINE: Ao longo dos anos vocês já trabalharam com diversos produtores, todos renomados em seu meio, como Harris Johns, Erik Rutan, Tchelo Martins e Andy Classen, este último, já presente em vários trabalhos. Como funciona o método de gravação do Krisiun e o que cada um desses profissionais colaborou para o amadurecimento da banda?

Alex Camargo: Cada produtor contribuiu com sua experiência conforme a sua capacidade, mas foi com o Andy que começamos a encontrar a nossa sonoridade ideal, além do que ele se tornou um amigo, sempre interessado em trabalhar conosco e desenvolver nosso trabalho, tivemos outras opções, mas sabíamos que o Andy era o cara certo no final das contas.

HELL DIVINE: Voltando um pouco no tempo. Todos sabem que a banda iniciou sua trajetória na cidade gaúcha de Ijuí, e posteriormente, Porto Alegre. Não há muitas informações sobre este começo, então, como eram aqueles dias?

Alex Camargo: Bom, primeiramente nos envolvemos com a música em Ijuí, com alguns colegas de escola, inclusive tínhamos uma banda que fez algumas apresentações em Ijuí e na região, tocamos em um festival em Catuípe com o velho Sacrario do Lots, que veio a tocar com o Leviathean mais tarde. O Max não fez parte dessa banda, mas era o fã nº1. Então fomos pra Porto Alegre onde formamos o Krisiun. Fizemos alguns shows principalmente com o Distraught, foi um período curto em Porto Alegre, tivemos a oportunidade de assistir o primeiro e clássico show do Sepultura em Porto Alegre, com abertura do Leviathean, ainda como trio. A primeira apresentação do Krisiun foi no colégio Rosário, no recreio da gurizada.

HELL DIVINE: Participando da cena musical de Porto Alegre, vocês mantiveram contato com as principais bandas daquela época, seja indo em shows ou até mesmo convivendo juntos, ensaiando nos mesmos lugares, etc. Que tipo de influência Astaroth, Panic e Leviaethan tiveram sobre vocês?

Alex Camargo: Verdade, o Astaroth foi uma grande influência, ainda em Ijuí, quando eles fizeram um show e foi uma loucura. O Moyses foi visitar o guitarrista Ivan anos depois, e olhando as fotos do Astaroth em Ijuí, o Moyses está na primeira fila. Depois veio o Leviaethan que era foda, a casa vinha abaixo, me lembro de um show memorável no Porto de Elis. Uma pena que o Alexandre veio a falecer, era um grande guitarrista e um grande cara.

HELL DIVINE: Após se mudarem para São Paulo, enfrentando diversas dificuldades, lançaram seu primeiro trabalho, a demo "The Plague", em 1992. Como foi chegar até este registro e em algum momento vocês chegaram a pensar em voltar para o RS?

Alex Camargo: Estávamos determinados, sabíamos que não tinha volta. Com certeza passamos por grandes dificuldades, tínhamos que nos virar por fora pra fazer um dinheiro pra sobreviver, nunca baixamos a cabeça ou perdemos a honra e dignidade.

HELL DIVINE: Em duas décadas de estrada, o Krisiun já dividiu o palco com grandes bandas, algumas delas consideradas as principais influências e que ajudaram a moldar sua sonoridade. De todas as turnês e de todas as loucuras na estrada, qual foi a banda mais legal de se excursionar e quais os momentos mais insanos que já passaram?

Alex Camargo: Acredito que o Immolation seja uma das minhas bandas favoritas no conceito geral, os caras são muito tranqüilos e cavalheiros, mas quando sobem no palco transmitem uma música extremante sombria e agressiva. Forjamos grandes amigos nesse caminho, posso citar o Alex Webster (baixo, Cannibal Corpse) como outro caval-

heiro, Dave Vincent, e Trey Azagtoth (Morbid Angel), Nick Barker, Tony Lazaro, Jesse Pintado (R.I.P.), Dallas, Karl, entre outros... Com certeza já presenciamos varias bizarrices que ocorrem em tours. No começo a certo deslumbre, viajar em tour bus e tocar todo dia, mas com o tempo você aprende que é necessário estar saudável e compenetrado para se ter uma boa performance todos os dias.

HELL DIVINE: Lembro que em 1997 houve uma excursão com o Kreator e Dimmu Borgir, estou certo? Naquela época o Kreator não passava por uma fase musical tão decente, e o Dimmu Borgir estava despontando no cenário Black Metal. Como foi a recepção do público perante o Krisiun, em uma época que já é bem diferente da atual?
Alex Camargo: Correto, foi uma boa turnê, aprendemos bastante especialmente por se tratar de uma das primeiras. A recepção foi muito boa de uma forma geral e foi a partir dessa turnê que começamos a fazer tours mais profissionais e com melhor estrutura.

HELL DIVINE: Ultimamente temos visto grandes lançamentos no campo do Death Metal, mas, um deles, tem decepcionado muita gente. É claro que estamos falando do Morbid Angel. Você, como fã da banda, o que tem a dizer sobre "Illud Divinum"?
Alex Camargo: Na verdade eu não fiquei decepcionado com o álbum. É claro que algumas das músicas causaram um choque geral por fugirem completamente do que é o Morbid na verdade. Mas se você pegar as músicas ''Death Metal '' do disco, não sobra pra ninguém.

HELL DIVINE: As datas agendadas para o Brasil já dão inicio a tour do novo petardo... O que planejam em relação a mais datas por aqui e posteriormente no exterior? Em sua opinião, é a quantidade de shows que mantém uma banda 100% ativa e estabilizada, já que a venda de CDs já não é a mesma coisa que era antes?
Alex Camargo: Acho que uma combinação das duas coisas, uma banda ativa tem que estar sempre lançando álbuns e desenvolvendo sua música para que se tenha um publico verdadeiro. Queremos tocar no Brasil o máximo possível, já estamos trabalhando as datas no exterior tambem, com certeza será uma longa turnê.

HELL DIVINE: Finalizando nosso bate papo... Quais os próximos passos na carreira do Krisiun? O que falta conquistar?
Alex Camargo: Estamos ainda com gás e motivação pra continuar, estar presente na cena musical e desenvolver Metal brasileiro de qualidade é a nossa meta. Quero te agradecer a oportunidade e tambem aos amigos que acompanham e suportam nossa carreira.

Por Maicon Leite.

OS DEZ ANOS DE "AGELESS VENOMOUS"

Há exatos dez anos o Krisiun lançava seu disco mais polêmico, "Ageless Venomous", onde a sonoridade suja de antes dava lugar a um som mais polido, porém não menos técnico e brutal. Para aqueles que curtiram o petardo desde o seu lançamento (me incluo nessa situação), chega a ser estranho ver aqueles que outrora o odiavam, hoje o venerando, numa clara manifestação de arrependimento e reconhecimento perante um trabalho tão criticado, mas de qualidade ímpar. Lançado em agosto de 2001 pela Century Media, "Ageless Venomous" apresenta dez faixas, sendo uma delas instrumental, intitulada "Diableros". Produzido pela banda em conjunto com Tchelo Martins, há de se destacar verdadeiros torpedos, como "Perpetuation", que abre o disco, já dando uma amostra bem clara do que os fãs poderiam encontrar. Os riffs marcantes, a bateria extremamente na cara, além do comando perfeito de Alex nos vocais, traduzem tudo o que o trio queria dizer na época, que não bastava tocar na velocidade da luz e o som sair todo embolado, era preciso fazer algo de qualidade, mas ainda assim soar brutal. Outras faixas, como "Dawn of Flagelation", "Ravenous Hordes" e "Sepulchral Oath" se destacam de maneira soberba, ao passo que "Diableros" é levada na base de um violão tocado de forma extrema,

Por Maicon Leite.

KRISIUN
"The Great Execution"
Century Media - Importado

O Krisiun já chegou num ponto de sua carreira que não precisa provar mais nada pra ninguém, mas a cada lançamento nota-se uma preocupação muito grande em evoluir, porém jamais perdendo a essência que os tornaram uma das maiores bandas de Metal extremo do mundo. Lançado dez anos depois do injustiçado "Ageless Venomous", o trio gaúcho não poupou esforços em reproduzir da forma mais pesada e eficaz a sua já característica sonoridade, afinal, quais bandas do gênero que são facilmente reconhecidas após alguns segundos de audição? "The Great Execution" mantém intacta a brutalidade orquestrada pelos irmãos Alex Camargo (baixo/vocal), Moyses Kolesne (guitarra) e Max Kolesne (bateria), que através das experientes mãos do produtor Andy Classen fizeram cada nota aqui perpetuada uma avalanche sonora, sendo considerado inclusive como um dos mais bem produzidos discos da banda, privilegiando uma sonoridade mais orgânica e consistente. "The Will to Potency" abre o álbum com vigor e mescla muito bem o lado mais veloz com momentos mais densos e pesados, já dando uma boa prévia do que o petardo representa. "Blood of Lions" varia entre a velocidade e o peso cadenciado, com amplo destaque para o trabalho de Moyses, que usa e abusa de riffs e solos inspirados, influenciados pelo Heavy Metal mais clássico. A faixa-título, recheada de climas e harmonias de guitarra bem sacadas em seu início, novamente dá um show de riffs, que, aliás, estão extraordinários em todos os mais de sessenta minutos de "The Great Execution". Além da longa duração do play, há uma novidade bem interessante: as participações especiais. "The Sword of Orion" conta com a insólita e excelente participação do guitarrista Marcello Caminha, da dupla gaúchesca César Oliveira e Rogério Mello, fazendo alguns dedilhados bem interessantes, combinando muito bem com a música. Já o folclórico João Gordo, do Ratos de Porão, vociferou na faixa "Extinção em Massa", destaque absoluto, num misto de Krisiun com Ratos de Porão de resultados apocalípticos. No geral, já que é impossível citarmos todas as dez faixas aqui, o Krisiun está de volta para ratificar sua posição de destaque na cena extrema, e "The Great Execution" mostra claramente a que nível estes gaúchos chegaram. Desde já na lista de melhores do ano!

Nota: 10
Por Maicon Leite.

ENTREVISTA

ANAAL NATHRAKH

Desde sua fundação até o atual momento, o duo Inglês Anaal Nathrakh vem surpreendendo os fãs do mundo inteiro; em um primeiro momento, saindo do clássico Black Metal e gravando um Death Metal/Grindcore com uma agressividade e qualidade fora do comum. Trocamos uma ideia com David Hunt, falamos sobre o disco novo e tudo mais acerca dessa grande banda. Check it out!

HELL DIVINE: Dave, primeiramente obrigado pelo tempo! Em 2001 o Anaal Nathrakh lançou "The Codex Necro", exibindo um disco e banda completamente Black Metal. Dez anos depois, vocês lançam "Passion" e uma banda completamente diferente é achada; como pode nos explicar tal fenômeno?

Dave Hunt: Hmm, não diria uma banda diferente. Existem muitas coisas em comum em alguns temas que já fizemos. Esse é um dos motivos que incluímos uma regravação em nosso último disco, só para mostrarmos como crescemos e não nos tornamos músicos diferentes. Claro que tivemos mudanças com o passar do tempo, mas isso foi natural pra nós. Lembro-me de uma entrevista com o Bolt Thrower na qual Gav disse: "Novo álbum? Que novo álbum? Nós só fizemos um álbum, apenas adicionamos algumas músicas a ele a cada dois anos!". E isso é uma grande resposta para uma banda como Bolt Thrower. No entanto, não é assim que trabalhamos. Estamos sempre tendo ideias novas, queremos incluir itens diferenciados, coisas que queremos trabalhar em cima e não gostamos de nos sentir mais restritos. Já temos um monte de ideias para o próximo álbum que, provavelmente, representará uma grande mudança, mas ao mesmo tempo selvagem, insano, intenso, lotado de ódio, sem direções – essas coisas não mudam.

HELL DIVINE: Desde o início da banda, Irrumator sempre foi o multi-instrumentista da banda. Vocês não têm vontade de incluir mais gente na banda, montar um verdadeiro line up?

Dave Hunt: Na verdade, não. Quando tocamos ao

vivo, é claro que temos uma banda completa. Em shows, só podemos chegar à intensidade máxima com uma banda, com pessoas tocando como se suas vidas dependessem disso. Não tem como termos um show eficaz com uma bateria eletrônica e um sampler, mas para a gravação, nós apenas não queremos ter outras pessoas envolvidas. Não queremos que outras pessoas fiquem nos dizendo o que tocar ou como tocar, isso aqui não é uma democracia para nós dois. Então, outros membros seria apenas fazer o que Mick (Irrumator) já faz. Estamos felizes com os resultados que alcançamos neste caminho, mudar por quê? Enquanto nossos fãs estão curiosos para ver o que aconteceria se outras pessoas estivessem envolvidas, não acho que eles queiram que a gente perca o nosso foco. Apesar de que – é claro –, muitas vezes, temos aparições de outras pessoas, convidados – como tivemos Barker na bateria, Shane Embury no baixo, guitarras solo convidados, inúmeras cantoras – e, obviamente, se você quiser nos ouvir com uma banda completa, há inúmeros vídeos ao vivo e etc... Há uma versão de ensaio da música "Drug Fucking Abomination" no Youtube que um amigo nosso filmou no estúdio. É um pouco escuro, mas você pode ouvir o efeito da banda completa.

HELL DIVINE: Uma coisa que sempre me chamou a atenção na banda foi a arte de seus lançamentos. Vocês têm um artista preferido ou trabalharam com um monte de artistas? Para "Passion", quem foi o artista responsável pela capa do álbum e o que vocês desejam passar para seus fãs nessa arte?

Dave Hunt: A obra de arte é sempre feita por Mick. Às vezes, a ideia é uma colaboração, ou com base em outra obra de arte, mas sempre foi Mick quem fez. Ele é um artista muito talentoso e trabalha com uma variedade de técnicas: computadores, óleos e assim por diante. Ele vem fazendo um monte de pinturas recentemente e os resultados que eu vi são muito impressionantes. Para "Passion", baseamos em uma imagem que vimos quando estávamos em turnê passando por Praga no museu de tortura. Uma xilogravura medieval de uma pessoa sendo serrada ao meio, enquanto suspensa pelos pés. A razão para a suspensão dela foi para que ela pudesse ficar consciente o maior tempo possível. Eu acho que a coisa mais horrível sobre isso não é que a sua dor teria sido feita para durar mais tempo, mas que eles viriam entender o que estava acontecendo com eles. Isso faz parte da ideia do horror conceitual que atravessa este álbum – o conhecimento e a compreensão do objeto do horror. E à direita da xilogravura foi uma serra real, de modo que era uma imagem muito poderosa e quando estávamos discutindo a arte pensamos nela. Eu tinha uma cópia da imagem semelhante em um dos meus livros, então eu mandei para Mick e ele produziu uma interpretação dela. Não acho que ele leu "Kafka", mas eu chamaria isso de uma interpretação muito kafkiana – sem rosto, sem nome, algozes sem contexto – a única identidade na imagem é a figura em agonia. Nenhuma explicação, nenhuma humanidade.

HELL DIVINE: Misantropia, ódio, religião. Esses sempre foram temas na música do Anaal Nathrakh, sempre cuspindo ódio em nossos ouvidos. Vocês conseguem explicar isso ou é simplesmente normal para vocês?

Dave Hunt: Essas coisas são apenas parte de como eu vejo o mundo – eles são parte da minha realidade. Mick e eu estávamos conversando sobre trabalhar em algumas pinturas, onde eu escreveria um monte de ideias e ele escolheria as que ele gostasse. Então, poderíamos falar sobre essas ideias específicas e ver se elas funcionariam em alguns quadros, usando-as como a inspiração. Este foi apenas alguns dias atrás, então comecei a escrever coisas que estava pensando, ideias que tive. Somente quando eu li de novo o que tinha escrito que percebi muito bem que eu era algo horrível. Acho que o fundamental é que essas coisas horríveis estão sempre em nossas cabeças. Eles não são a motivação para cada ação de cada dia, mas elas estão sempre lá no fundo. Eu vejo o mal diabólico, vejo demônios em toda parte, o tempo todo. E, às vezes, com o Anaal Nathrakh sinto que eu sou um deles. Assim, mesmo sendo pessoas razoáveis e bastante normais, quando trabalhamos juntos, toda a misantropia e horror vêm à tona. Às vezes as pessoas falam sobre a consciência como uma voz em sua cabeça. Talvez não literalmente, mas como uma espécie de voz dizendo "não faça isso, é errado". Bem, uma das vozes na minha cabeça é o Anaal Nathrakh e odeia tudo e todos. Assim, acho isso muito normal para nós.

HELL DIVINE: No disco "Domine Non Es Dignus", vocês têm uma intro chamada "I Wish I Could Vomit Blood On You... People" e parece que naquela época alguma coisa estava realmente deixando vocês muito irados. Pode nos dizer alguma coisa sobre isso?

Dave Hunt: Você já viu o filme "Se7en" onde Kevin Spacey é o psicopata que age com os sete pecados capitais em uma série de assassinatos? Lembro-me de uma parte onde ele falava que estava em um trem andando e alguém falou com ele. A pessoa em si não disse nada de escandaloso, mas ele ficou tão espantado com tudo aquilo que vomitou sobre ela. Bem, com esse título eu não estava realmente pensando sobre o filme, mas era a mesma ideia. Nós não somos assassinos em série, é claro, mas do ponto de vista que vem do Anaal Nathrakh, funciona dessa forma. Lembro-me de ver as coisas, ver as pessoas fazendo as coisas ao meu redor que eu não conseguia entender. Seres humanos, que têm a capacidade de criar grandes obras de arte, de construir monumentos brilhantes, concepção das filosofias mais lindas. As coisas que vi me fizeram pensar que devo estar a olhar para um tipo diferente de criatura. Parecia que vomitar sangue sobre eles seria a única coisa que expressasse um nível adequado de repulsa. Você não pode viver assim o tempo todo, ou você acabaria como o personagem psicopata de um filme, mas às vezes tenho flashes de memória, quase como uma fotografia mental, onde eu vejo o mundo através dos olhos de Anaal Nathrakh, e assim foi um desses momentos.

HELL DIVINE: Sobre seu último lançamento, "Passion", que para mim é o álbum mais brutal de 2011, você poderia nos falar um pouco sobre como foi o processo de composição? Como vocês conseguem esse som perfeito de todos os instrumentos, realmente limpo, pesado, extremo e fácil de entender?
Dave Hunt: É uma questão de experiência, antes de mais nada. Temos uma ideia muito boa do que queremos alcançar e como alcançar. Nós dois somos fascinados pelo som em geral – sejam sons de guitarra ou a produção de um álbum, ou apenas um som que você ouve no mundo todos os dias – motores de carros, trens do metrô, a chuva, o que quer que seja. Então, prestamos muita atenção ao som e produção de nossa música e Mick é muito bom em produzir o nosso material para obter o som que queremos. Para a composição, é simplesmente um caso de entrar no espaço mental correto e deixá-lo fluir. Em seguida, voltar e dar forma à matéria-prima, dar uma forma correta. É tudo muito instintivo, Mick atinge um ponto crítico, onde ele tem tantas ideias flutuando na cabeça que é hora de fazer um álbum. Tudo feito pelo puro sentimento em vez de um complicado processo de composição técnica. E acho que é por isso que ele é feito para sentir, o que vem a ser a parte mais importante: a maneira de saber quando algo é certo é quando se sente bem, não porque ele está de acordo com alguma lei de produção de estúdio.

HELL DIVINE: "Drug Fucking Abomination" é a música que ouço todos os dias, simplesmente perfeita, mas por que o nome e por que uma faixa de tão longa duração, que não é uma coisa normal na sua carreira?
Dave Hunt: Oh, obrigado, fico feliz por você ter gostado. Curiosamente, essa é a minha canção favorita no álbum também. O nome vem de alguns pensamentos que tinha de um verdadeiro horror e para mim isso significa a corrupção total da identidade da vítima. É por isso que, em 1984, é uma ideia tão poderosa que as pessoas no quarto 101 realmente acreditam ver um número diferente de itens. Então, "Drugs" é um nome para uma das primeiras figuras humanas de horror conceitual de verdade, é uma divindade como uma deixa de Zoroastra, também conhecida como a mãe de abominação. E eu pensei que a forma mais completa de horror foi abraçar a dedicar-me a fazer a mãe de abominação – a figura de verdadeiro horror em si – para fazê-la vir. É uma metáfora para a total depravação. Não como em algum "Cradle Of Filth" soar artístico de forma pseudoliterária, mas de uma forma sem corte, direta, portanto, mais perturbadora, mais real. A razão é um longo caminho e percebemos que precisávamos de mais espaço na música para desenvolver as atmosferas que eram apropriadas para as ideias por trás dela. A seção de introdução, tragédia é o que dá o contexto para o resto da canção. Acho que funciona muito bem como um todo, muito brutal, mas ao mesmo tempo, emocionalmente ferrado e perturbador.

HELL DIVINE: Alguns anos atrás, vi que fizeram uma turnê pela Europa. Vocês não pensam em juntar um time para conquistar o mundo, não?
Dave Hunt: Sim, seria ótimo tocarmos em alguns lugares mais exóticos e se tivermos a oportunidade de fazê-lo, então tenho certeza que vamos. Toquei em alguns shows no Brasil com Benediction, cerca de 18 meses atrás e foi incrível conhecer o seu país. É um lugar incrível, mesmo com minha limitada experiência sobre o Brasil. Viajamos bastante, de Belém para São Paulo, e tivemos shows na Argentina e no Chile, assim, foi uma viagem fantástica. Se tivermos a chance de levar o Anaal Nathrakh aí, então faremos definitivamente. Tudo o que precisamos é um promotor para entrar em contato e fazer isso acontecer.

HELL DIVINE: Em uma sessão de gravação, em "The Peel Sessions", você tinha Nicolas Barker na bateria. Como foi trabalhar com ele e como foi gravar um "Peel Sessions" para vocês?
Dave Hunt: Foi legal ter o Nick envolvido – foi a primeira gravação boa que ele fez desde que deixou o Dimmu Borgir, eu acho. Ele estava muito interessado em obter tudo o que ele poderia para manter um padrão elevado. Então, era difícil trabalhar no estúdio, mas acho que os resultados foram excelentes. Tecnicamente não foi um "Peel Sessions", foi uma gravação para o Rock Show, na mesma estação do John Peel. Fizemos a genuína "Peel Sessions" antes disso, e foi uma experiência incrível. Foi a primeira vez que tinha estado em um estúdio assim – a gravação na mesma sala que Jimi Hendrix usou, cara, surreal. A mesa de mixagem que eles estavam usando é mais cara do que todas as casas que eu já morei! Para você ter uma noção, uma pequena unidade de mixagem custa por volta de £ 4.000,00! E é claro que estávamos completamente entusiasmados lá, com a nossa gravação, até mesmo porque John Peel tinha perguntado por nós. Ele era uma lenda. Foi muito bem e John estava muito entusiasmado com o que nós gravamos. Acho que é por isso que fomos chamados de volta ao Rock Show um pouco depois. Ficamos muito felizes em estar envolvidos e ainda tivemos a chance de dar uma espiada na Orquestra Filarmónica da BBC tocar no estúdio ao lado, que foi muito legal. Ficamos boquiabertos.

HELL DIVINE: David, muito obrigado pelo seu tempo e obrigado por falar conosco, deixe aqui uma mensagem para a equipe da Hell Divine e para seus fãs brasileiros que estão na esperança de vê-los ao vivo aqui rápido! Abração!
Dave Hunt: Obrigado pelo apoio e o mais importante, obrigado a todos os nossos fãs. Esperamos estar por aí em breve. Enquanto isso, espero que "Passion" possa significar algo importante para vocês. Nos queimamos ao produzi-lo e espero que vocês possam sentir essa queimação também.

Por Augusto Hunter.

SHADOWSIDE

INNER MONSTER OUT

LANÇAMENTO MUNDIAL

EM CATÁLOGO

EXODUS
REMASTERIZADO + BONUS

DARK ANGEL
REMASTERIZADO + BONUS

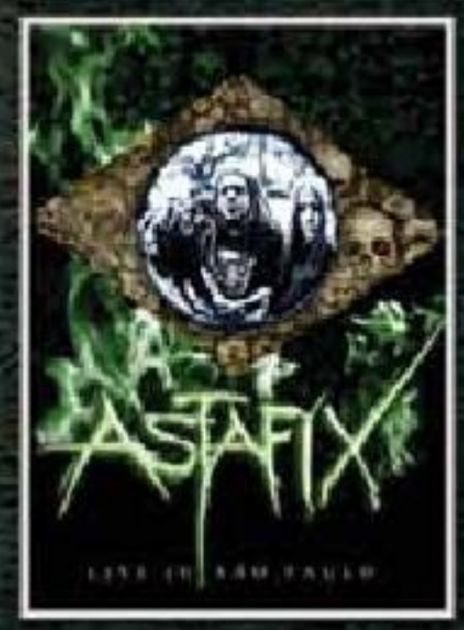
ARTILLERY
NOVO CD DOS VETERANOS DO THRASH METAL DA DINAMARCA

THE GATHERING
NOVO CD DE UM DOS PRINCIPAIS NOMES DO ROCK NA HOLANDA !

KORZUS
RELANCAMENTO REMASTER, DIGIPACK COM VARIAS BONUS !

DYNAHEAD
SEGUNDO ÁLBUM QUE MESCLA THRASH E HEAVY EM PERFEITA DOSAGEM !!

HOISTWAY
VETERANOS DO ABUTRE, SALÁRIO MINIMO E CENTURIAS EM UM CD INSTRUMENTAL



ASTAFIX (DVD)
THRASH METAL VICERAL DE PRIMEIRA LINHA !!

GAROTOS PODRES
RELANCAMENTO DO CLASSICO PRIMEIRO CD !!

MANU LITTIERY
REVELAÇÃO DO METAL NACIONAL CANTADO EM PORTUGUÊS

AGORA TAMBÉM NAS LOJAS

MUSIC Magick
WWW.MUSICMAGICK.COM.BR

Livrarias Curitiba
WWW.LIVRARIASCURITIBA.COM.BR

Sua compra diferente. fnac
www.fnac.com.br

VIDEOLAR.com

livraria cultura

leitura.com

Saraiva .com.br

Saraiva MegaStore

VENDAS NO ATACADO: (11) 3744.0593
VENDAS@VOICEMUSIC.COM.BR
WWW.VOICEMUSIC.COM.BR

VOICE MUSIC

ENTREVISTA

ENTHRONED

Todo artista novato que está formando sua primeira banda sabe como é difícil o procedimento de começar de baixo para o topo. Essa dificuldade aumenta ainda mais quando se trata de uma banda de Black Metal. Felizmente, nessa edição, trazemos uma entrevista exclusiva com uma das maiores bandas veteranas do estilo, na qual você poderá ter algumas dicas com Nornagest.

HELL DIVINE: Estamos felizes por tê-los em nossas páginas. Obrigado novamente por aceitar esse pedido. Enthroned é uma banda com quase 20 anos de carreira e podemos notar muitas mudanças desde o começo – especialmente sobre a formação da banda. Como essas mudanças – como Sabathan, o último membro original que saiu – afetaram a banda? É algo a se considerar ou isso não importa para os planos futuros da banda?

Nornagest: Certamente é algo a se considerar, pois uma mudança drástica dessas não acontece do dia para a noite. Tomamos essa decisão por ser a melhor para a banda e para nós mesmos; então quando Sabathan pediu para sair foi a melhor coisa para ele, pois agora ele está fazendo algo de que gosta mais, que se encaixa mais com seu ponto de vista. Ao mesmo tempo, o Enthroned recuperou a integridade e a fé na velha ideologia pela qual a banda foi criada, mantendo a ideia original intacta e se aprofundando nela cada vez mais. A formação do Enthroned não foi a mais estável ao longo dos anos, claro, mas tento manter o ideal da banda intacto, que é o que importa. Algumas pessoas saem por conta própria, outras causam um inferno e outras mandam tudo para o inferno, mas em um nível profissional ou pessoal. Hoje em dia, creio que a formação atual é uma das mais estáveis devido ao fato de eu estar aqui desde 1994! Neraath esteve aqui por 11 anos e Phorgath está se dedicando à banda muito mais do que eu.

HELL DIVINE: Gostaríamos de ouvir sua opinião sobre o lançamento não oficial do boxset "Blackland Records". Como esse ato desprezível te afetou?

Nornagest: Bem, é mais uma prova que muitos selos estão nessa "lama" mais por dinheiro que por qualquer outra coisa, mas já foi dito o suficiente sobre essas pessoas e quanto mais falarmos delas, mais audiência elas ganharão, então vamos pular essa!

HELL DIVINE: Sob o seu ponto de vista, o que pode dizer sobre esses quase 20 anos de carreira, em termos de composição e conceitos de produção musical? Você enxerga uma grande mudança quando ouve seus últimos álbuns? Eles são diferentes de "Towards The Skullthrone Of Satan", por exemplo?
Nornagest: Bem, cada álbum representa um período em nossas vidas na existência da banda. Eventos que afetam nossa vida pessoal estão refletidos em cada álbum. Para mim, cada um deles soa puramente o Enthroned! Pegue cada um deles e você pode dizer que não soa como o Enthroned. Claro que soarão diferentes para cada um. Seria muito triste nós repetir e repetir, e muito chato, se quiser saber. Veja, por exemplo, o Morbid Angel: Cada um dos álbuns soa diferente, mas continua sendo Morbid Angel. O mesmo vale para Beherit, que incluiu material eletrônico! É uma grande mudança, isso é inegável, mas é normal quando não se é senil ou retardado de repetir a mesma droga por 20 anos (risos).

HELL DIVINE: A carreira do Enthroned começou no mesmo período do famoso caos do Inner Circle norueguês. Isso definitivamente inspirou a criação da banda, ou sequer foi pensado no momento?
Nornagest: Não exatamente. Tivemos contatos com algumas dessas pessoas, como temos até hoje, mas o Enthroned sempre fez suas coisas, assim como sempre teve suas crenças e conceitos.

HELL DIVINE: Vocês são uma banda veterana, com gravações incríveis e, perdoem minha opinião pessoal, mas estou feliz de vocês manterem a velha ideologia e hábitos. O que acham das novas bandas de Black Metal de hoje? Estão fazendo um bom trabalho ou o propósito geral está corrompido?
Nornagest: Existem ambos os lados, sabe? Algumas bandas são honestas e fiéis e se dedicam verdadeiramente aos seus propósitos, muitas vezes acrescentando novos elementos, mas e daí? Que importa se não estão sendo originais? O fato é que elas arrasam. Uma banda como Katharsis, por exemplo, está longe de ser original, mas os caras arrasam e são dedicados! Por outro lado, há centenas de bandas de Black Metal inúteis fingindo ser satanistas e usando corpse paint, porque Marduk e Dissection fazem isso, então "vamos fazer esse tipo de música e usar essa pintura porque é divertido!". Esses idiotas deveriam ser postos contra a parede, mas, claro, é só minha opinião.

HELL DIVINE: É muito comum um artista sentir que está mais conectado a um som ou letra em particular de seu repertório. Isso acontece normalmente pela letra ou música ter um significado especial para ele. Isso acontece com você? Em caso afirmativo, qual letra ou música você poderia citar aqui? E por qual razão?
Nornagest: Tenho vários, mas vou citar "Unconscious Mind" de "Pentagrammaton", em particular, que relata um evento que marcou a minha vida nos últimos anos. A música é sobre as pessoas que entram nas artes do ocultismo e são sugadas por elas, caindo na sedução, incapazes de manter seus olhos abertos e querendo cada vez mais, sendo guiados a um caminho destrutivo (para todos os malvadinhos que estão lendo isso, não, não é ótimo ou legal seguir essa trilha se for para enlouquecer, e não é porque há destruição que é legal e Black Metal). E um de meus estudantes foi para essa trilha e foi destruído e tudo ao redor dele, incluindo ele mesmo – que, obviamente, foi bem merecido. É muito comum esse tipo de coisa acontecer dentro da prática do oculto e eu senti necessidade de expressar isso e tornar isso parte do conceito de "Pentagrammaton".

HELL DIVINE: Como é a cena em seu país? Você tem problemas graves com cristãos e a Igreja falando contra suas músicas, visual e letras? Como é o "espaço" do Black Metal na Bélgica?
Nornagest: Não. Na verdade, para ser sincero, a Igreja não tem nada para dizer aqui desde meados dos anos 50, então estamos abertos para a liberdade de expressão. A cena aqui está ótima e contamos com bandas ótimas e pessoal realmente dedicado, como Emptiness, Dawn of Crucifixion, Paragon Impure, The Reckoning, Goat Torment, só para citar algumas.

HELL DIVINE: O que você pode dizer sobre o seu último álbum "Pentagrammaton"? Em termos de produção e composição, qual foi o resultado final comparado com outros álbuns?
Nornagest: "Pentagrammaton" é um álbum muito especial para a história da banda. É o primeiro álbum feito 100% pelo Enthroned. O álbum foi mixado, produzido e gravado por nós mesmos. Assim como a capa, a fotografia, o layout, o show de divulgação... Tudo feito por nós. A Regain Records está apenas pegando a parte dela e estão fazendo um ótimo trabalho nisso. O processo de composição foi diferente de qualquer outra gravação nossa. Primeiramente, escrevemos as letras e traduzimos cada frase em som. Queríamos que cada palavra fosse traduzida em um riff que soasse com uma transposição de som perfeita e, acredite em mim, muitas vezes isso não é fácil, mas nós conseguimos e estamos muito felizes!

HELL DIVINE: Sobre os planos de turnês, há alguma chance de vermos Enthroned em solo brasileiro esse ano?
Nornagest: Estamos vendo isso, mas nada está confirmado. Ainda temos algumas datas marcadas na Nicarágua, El Salvador, e a caminho do Brasil, estamos vendo de passar na Costa Rica, Equador e Guatemala.

HELL DIVINE: Obrigado novamente por essa chance! Espero vê-los por aqui em breve!
Nornagest: Muito obrigado pela entrevista e espero voltar para o Brasil logo! Saudações!

Por Yuri Azaghal.

ENTREVISTA

ATTILA

No começo de 2005, diretamente de Atlanta (EUA) e com um Deathcore diferente, com novos propósitos na cena, surge Attila. A paixão pela música – e pelas festas – levou esses caras a se juntarem para começar a fazer um som pesado, mas que não seguisse os mesmos clichês de outras bandas. Em vez de sangue, morte, estupro e obscuridade, eles escolheram temas amenos e mais felizes, como festas e garotas. Attila já tem três álbuns – "Fallacy", "Soundtrack To A Party" e "Rage" – e lançará ainda esse ano o chamado "Outlawed". Confira o que eles disseram sobre a diferença deles na cena e sobre o novo álbum.

HELL DIVINE: Na biografia do MySpace da banda vocês se descrevem como Party Death Metal Rockers (roqueiros festeiros do Death Metal, em tradução livre); quais são os principais elementos das suas músicas que lhes conferem essa característica?

Attila: Nos demos esse título por causa das nossas atitudes e perspectivas na vida e também pela forma como nossa música faz você sentir: é pesadíssima e tem breakdowns esmagadores, que causam a vontade de pular e sorrir ao mesmo tempo, como em um show de rap.

HELL DIVINE: Qual foi a melhor coisa que vocês notaram na Artery Recordings logo após trocar de gravadora?

Attila: Família! Os rapazes e as meninas do escritório da Artery são as pessoas mais legais com que já trabalhamos, mas ao mesmo tempo são focadas e têm os pés no chão. A Artery Recordings é uma gravadora com número limitado de bandas, possibilitando a ela atender e dar a atenção necessária para cada banda.

HELL DIVINE: Pode nos dizer a história por trás do nome Attila?

Attila: Estávamos andando numa livraria e então vi Átila, o Rei dos Hunos, na capa de um livro, mostrei para os rapazes e aquilo impactou a todos da banda. Ficamos sabendo que ele viveu uma vida difícil e brutal e era muito respeitado, não só na comunidade em que vivia, mas em todo o mundo. Aquilo ficou em nossas cabeças e decidimos elogiá-lo (risos).

HELL DIVINE: Quais são os gêneros musicais ou artistas que os influenciam que ninguém poderia adivinhar que o fazem?

Attila: Hmm, talvez o rap! Embora não pareça, temos notáveis partes de rap nas músicas (risos).

HELL DIVINE: Sendo Party Death Metal Rockers, vocês gostam de música eletrônica ou apenas Deathcore fica bem em uma balada?

Attila: Dubstep! Esse belo estilo contém breakdowns eletrônicos e dropbeats, muito bom e pesado. Deathcore fica ótimo também em uma festa (risos).

HELL DIVINE: Então, o que há de novo sobre esse álbum intitulado "Outlawed" que vocês estão preparando para este ano? O que vocês carregam de "Rage" e o que é inovador?

Attila: É de longe o melhor álbum que já escrevemos. Pegamos todos os elementos que tínhamos antes e demos uma fortificada. Energia e brutalidade embebidas em partes cativantes e encantadoras.

HELL DIVINE: Vocês acham que seria legal repetir a turnê "Too Cool For School Tour" que fizeram com a Chelsea Grin e a Blind Witness, dessa vez no Brasil?

Attila: Ah, com certeza! Adoramos fazer qualquer turnê, ainda mais com nossos amigos da Chelsea Grin. Os caras da Blind Witness não os vemos há um bom tempo.

HELL DIVINE: As letras são bem diferentes da maioria das bandas de Deathcore. Vocês acham que esse é o principal contraste que Attila tem?

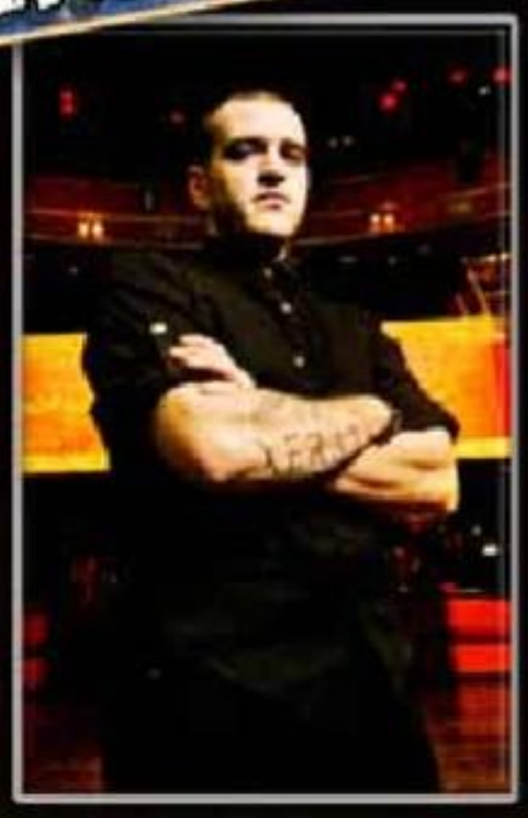
Attila: Com certeza! Isso, e também a energia positiva que é transmitida pelas nossas músicas. Quando alguém escuta Deathcore sempre percebe a afinação baixa, bem como os tempos muito rápidos ou muito lentos em algumas partes. Bem canalizadas, essas características são muito interessantes, mas nós tentamos sempre incorporar um pouco de cada tipo de metal em nossa música e também um aspecto de felicidade.

HELL DIVINE: Nós estamos muito agradecidos em recebê-los aqui na Hell Divine. Deixem aqui uma mensagem aos nossos leitores.

Attila: Que todo mundo faça o que tem que fazer e "enjoy the hell outta life" (aproveitem a vida)! Essa é a chance de se divertir e fazer algo para você. Ah, e comprem "Outlawed".

Por Igor Scherer.

ENTREVISTA



XERATH

Durante muito tempo a afirmação de que era necessário tempo para se acumular fama foi inquestionável. Xerath quebrou esse tabu lançando dois álbuns de sucesso em apenas quatro anos de carreira. Para saber mais sobre esses álbuns – principalmente sobre o trabalho mais recente – conseguimos uma entrevista exclusiva com o vocalista do Xerath, Richard Thomson.

HELL DIVINE: É incrível ter uma nova e ótima banda inglesa em nossas páginas. Novamente, obrigado por aceitar nossa entrevista. Bem, Xerath é uma banda nova, mas já lançou dois álbuns. Seus fãs já iniciaram uma discussão sobre qual álbum é melhor. Então, em sua opinião, o que pode dizer sobre a composição e a produção de ambos os álbuns? Há um álbum melhor para você?

Richard Thomson: Bem, eu realmente apenas faço uma coleção de riffs, ideias e experimentos que podem criar um álbum coeso. Creio que "II" seja um álbum mais focado, ele representa muito bem nosso "Groove orquestral". Ainda há muito que fazer do Xerath, então espero que "III" seja mais um passo adiante!

HELL DIVINE: Não é fácil formar uma banda, mesmo no Reino Unido. Fale sobre o início de sua carreira e dos possíveis obstáculos que tiveram de enfrentar.

Richard Thomson: Você está certo. É difícil para uma banda saber que hoje em dia qualquer idiota tem uma banda. Tentamos nos certificar que nosso som está inovador e tentamos nos manter no topo o máximo que podemos. Nós mergulhamos de cabeça primeiro, vamos para um estúdio e então começamos alguns experimentos. Trabalhamos duro, escrevemos e promovemos nosso trabalho todos os dias até que a Terrorizer Magazine nos pediu para sair na capa do CD deles. Isso nos levou a assinar com a Candlelights alguns meses depois! Até que aconteceu rápido para nós, mas antes do Xerath tivemos outras bandas, então entendemos perfeitamente a merda que é e que sempre será. Conseguir um contrato com um selo é o primeiro passo e formar a sua carreira é o segundo (risos)! Enfrentamos os mesmos obstáculos que outras bandas. Mudanças na formação, questões financeiras, doenças e o resto, mas se você realmente ama o que faz essas coisas só tornam o grupo mais forte.

HELL DIVINE: A arte dos seus álbuns é fantástica. Fale um pouco sobre elas. Quem é o gênio por trás da arte? O que ela representa para você?

Richard Thomson: Colin Marks é o cara por trás de nossa arte (disponível em: http://www.rain-song.co.uk/). Sempre quisemos criar algo súbito. Sempre quisemos ser ambíguos e diretos em nossa expressão, então o fã que decida por ele mesmo o que a capa representa. É engraçado ver as discussões em fórum sobre o significado dessa capa (risos)!

HELL DIVINE: É muito comum um artista criar uma ligação especial com algum álbum, música ou letra. Até o momento, de qual obra do seu repertório você gosta mais? E por qual razão?

Richard Thomson: Pessoalmente, creio que seja a faixa que compusemos no álbum "II" chamada "Unite To Defy". Acr-

editamos que representa nosso estilo na melhor forma possível; temos muitas influências, mas essa música soa como nenhuma outra para mim (risos)! O tema da letra é sobre as pessoas lutando contra um inimigo em comum. Quando tocamos ao vivo toda a plateia parece entender a mensagem e se unir a nós! Xerath contra a música porcaria e as pessoas (risos)!

HELL DIVINE: Gostaríamos de saber um pouco mais sobre Andy Phillips e o motivo que o levou a deixar a banda.

Richard Thomson: Andy quer uma vida mais superficialmente fundamentada. Ele é um "velhote" confesso e quer apenas um emprego normal, uma casa e uma boa mulher. Ele ainda está bastante envolvido com a banda, cuidando da parte online da coisa, dizendo o quanto nossos novos riffs são uma droga e tomando uma cerveja ou duas conosco. Nosso baterista mora perto dele, então ainda nos vemos frequentemente.

HELL DIVINE: O que você acha da cena metal hoje em uma visão geral?

Richard Thomson: Não é como a década de 90 ou o começo do século XXI que você podia fazer dinheiro unicamente com CD's. Hoje tudo é baseado em promoções online e turnês. Hoje, se alguém compra uma camiseta sua ou um CD, é mais uma doação que uma venda. Também há muitas bandas lá fora. Você realmente precisa saber trabalhar e ralar para conseguir desenvolver seu próprio estilo. Achamos que a música pesada progressiva é um grande renascimento ultimamente, especialmente aqui no Reino Unido, então acho que temos muitas bandas interessantes saindo dessa base!

HELL DIVINE: Fale sobre as suas inspirações. Que bandas inspiram as músicas do Xerath?

Richard Thomson: Bem, com certeza, nosso herói Devin Townsend e todos os seus projetos. Dimmu Borgir por seus elementos orquestrais, Gojira e Meshuggah do HEAVINESS e, claro, material clássico. Alguns de nossos compositores favoritos incluem Rachmaninov, Debussy, Vaughn Williams e Saint Seans.

HELL DIVINE: Vimos que já está em turnê esse ano. Quais sãos seus planos sobre turnês longas? Pretendem passar no Brasil?

Richard Thomson: Sim. Sempre que podemos planejamos uma turnê. Estaremos na China nas próximas três semanas. Em fevereiro do ano que vem estaremos na Europa. Claro que se alguém quiser nos trazer para o Brasil, poderemos mudar os planos. O público da América Do Sul é um dos melhores do mundo, então... Hey, dê-nos uma chance, sim?

HELL DIVINE: Muito obrigado pela sua participação! Desejamos ao Xerath todo o progresso que merecem e esperamos vê-los por aqui em breve!

Richard Thomson: Obrigado pelo seu interesse no Xerath e desculpem-nos novamente pelo atraso. Estaremos no Brasil em breve!

Por Yuri Azaghal.

ENTREVISTA

ARENA

Thiago Bianchi, que já participou de bandas como Karma, VOX, e hoje é vocalista da banda Shaman, nos conta sobre sua nova empreitada e talvez seu projeto mais audacioso, o ARENA, que conta com grandes músicos do Metal nacional, além de fortes influências de música brasileira. Vamos ver no que isso vai dar...

HELL DIVINE: Como surgiram as idéias e conceitos de "Brazilian Solaris"?

Thiago Bianchi: Foi há 11 anos! Acredite se quiser! Tito Falaschi e eu havíamos nos juntado para compor novas musicas para o "Leave Now" (último disco da banda de Heavy Progressivo, Karma) e muitas das músicas que estávamos finalizando, de fato não se encaixavam direito no perfil que tínhamos em mente para o Karma na época. Então resolvemos fazer um disco solo, onde fizéssemos todos os sons, e gravássemos todos os instrumentos. Mas, as coisas mudaram no dia em que resolvi chamar alguns amigos para que atuassem como convidados nas faixas. Começou com meus dois grandes chapas, Kiko e Ardanuy. Eles arrebentaram e ficou aquela sensação: por que não chamar todos os grandes nomes em evidência ou não, pra deixarem suas marcas no disco?

HELL DIVINE: "Brazilian Solaris" começou a ser feito em 2000 e será lançado agora em 2011. Nesses onze anos como você vê o crescimento e evolução do metal e também da música nacional em geral?

Thiago Bianchi: Na verdade, acho que tudo que a música mundial está precisando, é renovar suas energias dando valor a toda aquela riqueza deixada de lado pela mídia! Quem faz a cena musical mundial estar podre e falida como está, é a mídia! E o público, com sua parte de culpa, se recusa a pensar por si só! Acho que, enquanto deixarmos a mídia pensar e escolher por nós, as coisas vão ser como estão, pra pior.

HELL DIVINE: Você pretende reunir essa galera (ou parte dela) que participou em "Brazilian Solaris" para os shows?
Thiago Bianchi: Sim, pretendemos fazer um show de lançamento, com a maioria dos convidados que tivemos no disco. Será uma tarefa árdua, mas acho que a galera merece um lançamento a altura da riqueza de nossa cena.

HELL DIVINE: Você também trabalhou na produção de "Brazilian Solaris", que foi gravado no seu estúdio em São Paulo, o Fusão Estúdios. É mais complicado produzir um projeto como esse, no qual estão envolvidos vários músicos importantes?
Thiago Bianchi: Foi demais produzir esse disco, uma verdadeira "epopéia", um verdadeiro parto (risos)! Mas eu faria tudo de novo, se fosse necessário!

HELL DIVINE: Na sua outra banda, o Shaman, também vemos elementos de música brasileira. O que você coloca como diferencial no ARENA?
Thiago Bianchi: O diferencial do ARENA é o bom Heavy Metal, sob a perspectiva dos grandes músicos de nossa terra! O grande lance foi o jeito que cada convidado olhou pras músicas e colocou sua marca, sempre de forma única e genial. Tenho muito orgulho da riqueza musical do meu país e vou sempre estar envolvido em projetos que celebrem isso. O ARENA é simplesmente um presente de Tito, Gabriel e meu, aos fãs de música boa mundo a fora, além de um lembrete aos brasileiros, para que valorizem sempre o que é de vocês, pois nosso pais é rico demais em todos os aspectos, principalmente musical! Valorizem o que é de vocês!

HELL DIVINE: Muito obrigado por ceder-nos essa entrevista. Aguardamos esse lançamento do ARENA para conferir esse trabalho!
Thiago Bianchi: Obrigado à HELL DIVINE pela força. Todos poderão sempre contar comigo pra lutar e difundir o bom Heavy Metal! Um abraço a todos!

Guitarristas: Kiko Loureiro (Angra), Mozart Mello, Edu Ardanuy (Dr. Sin), Leo Mancini (Shaman), Kadú Averbach (Wizards), André Hernandes (Andre Matos), Nelson Junior (Royal Music), André Brunnetti (Vox), Chico Dehira (Karma).
Bateristas: Gabriel Triani (Tempestt), Marcell Cardoso (Karma), Marcelo Moreira (Almah) e Ricardo Confessori (Angra e Shaman), além de Guga Machado na percussão.
Baixistas: Felipe Andreoli (Angra), Fernando Quesada (Shaman) e Tito Falaschi.
Tecladistas: Gabriel Kauê, Fabrizio Di Sarno (Karma, Shaman) e Carlos Ceroni (Kavla).
Vocalistas: Thiago Bianchi (Shaman), Tito Falaschi (Symbols), Edu Falaschi (Angra), Nando Fernandes (ex-Hangar), Christian Passos (Wizards), Thiago Buslik (Vox) e Leo Belling, além de uma faixa surpresa com a cantora Maria Odete (mãe de Thiago Bianchi).

Por Luiz Ribeiro.

ENTREVISTA

A banda paulista de Thrash Metal Slasher, já vem se destacando na cena do metal nacional desde o lançamento do EP Broken Faith, que recebeu grande destaque em revistas e sites especializados. Em um papo descontraído com o guitarrista Lúcio Nunes e o baixista Wellington Clemente, conversamos sobre o lançamento do primeiro álbum "Pray For The Dead" e seus planos para o futuro.

HELL DIVINE: Nesse primeiro álbum, vemos uma qualidade muito grande nas composições e na parte gráfica de Pray For The Dead. Como foi o processo de criação desse álbum?

Lúcio: Bom, trabalhamos nas músicas deste álbum por um bom tempo. A gente vem tocando junto desde 2002, não como Slasher, mas com outro projeto que tínhamos. Podemos dizer que 2008 foi o ano de início da composição deste disco. Na época, estávamos finalizando algumas canções para serem liberadas no Broken Faith, EP lançado em Janeiro de 2009. De 2008 pra cá, compusemos algumas canções, evoluímos e amadurecemos bastante como músicos. "Pray For The Dead" é o resultado de muito empenho e sintetiza bem estes primeiros anos de nossa existência.

Wellington: Em primeiro lugar, agradecemos muito a opinião da Hell Divine. Para este lançamento tínhamos estipulado entre nós um prazo limite para o lançamento. Todo trabalho orbitou em concluir esse CD no tempo estimado e com qualidade. Queríamos um primeiro álbum realmente bom. As resenhas e comentários que estamos recebendo é uma prova de que estamos no caminho certo.

Lúcio: Com relação a parte gráfica, queríamos um artista que pudesse expressar bem e de forma original a temática que tínhamos em mente. Algo traçando um paralelo entre crenças religiosas e zumbis. Deparamos-nos com o trabalho do francês Stan W-D que se identificou bastante com nossas músicas, gostou do conceito para a capa e entregou uma arte que traduziu exatamente o que esperávamos. Ficamos muito satisfeitos em ter trabalhado com ele.

HELL DIVINE: A música "Hate" foi a escolhida para tornar-se uma animação. Ela tem também a participação de Raphael Olmos, guitarrista e vocalista da banda Kamala. Conte-nos sobre essa escolha e a criação do videoclipe.

Wellington: Puta merda, essa música eu compus no violão já faz uns 15 anos, mas nunca havia tido a oportunidade de trabalhar nela nas várias bandas que tive. O Slasher foi o único grupo que realmente levei a sério, a ponto de conseguir trabalhar nesta canção. Acredito que tenha sido a coisa certa, pois a forma como compomos agregou novas passagens que valorizaram ainda mais este som. Enquanto um traz uma idéia inicial e bases de uma nova música, os outros integrantes vão criando e propondo alterações em sua estrutura. Particularmente, atribuo a esta forma de compor a não repetitividade em nossos trabalhos. Cada um traz suas influências em cima de uma idéia inicial de composição, tanto lírica quanto musical. Enfim, escolhemos "Hate" para ser o videoclipe, pois acreditamos que a temática da letra sintetiza bem a proposta de todo o CD.

Lúcio: Toda a criação do videoclipe ficou a cargo de Reinaldo Antonelli da DC Studio. Ele já havia trabalhado com a gente em 2009, na época criou o personagem Slasher e uma animação com trechos das 4 músicas do Broken Faith EP. Ficamos bastante satisfeitos com este primeiro trabalho e resolvemos deixar nas mãos dele um videoclipe para "Hate". Sobre a temática, a história se passa em uma sociedade alienada, controlada pela religião e mentiras. Em

meio a este mundo decadente surge o personagem Slasher, que se nega a aceitar as manipulações presenciadas e combate os inimigos de sua realidade com extrema violência e ódio. Pra quem ainda não assistiu, é só dar uma passada em nosso canal no YouTube (SlasherBR) e conferir.

HELL DIVINE: Por que vocês resolveram lançar esse debut de forma independente?
Lúcio: Basicamente, não tivemos escolhas (risos). Por diversas vezes tentamos contatos com vários selos brasileiros e internacionais. Quando havia uma resposta, todas as empresas retornavam com a mensagem padrão de que não haviam mais vagas para novos artistas. Então, ou colocávamos a mão no bolso e abraçávamos todos os custos de uma produção independente, ou o "Pray For The Dead" ainda estaria guardado na gaveta.
Wellington: Apesar de todos os integrantes do Slasher já terem um certo tempo de estrada, a banda é nova. É claro que estamos interessados e à procura de um selo e parceiros, mas é difícil investirem em uma banda tão nova. Por enquanto, toda a correria somos nós mesmos que fazemos. Só o tempo e as críticas positivas, que já estamos recebendo, mostrarão que vale a pena investir grana na gente (risos).

HELL DIVINE: A produção de "Pray For The Dead" também é algo que merece destaque. Como foi trabalhar com Ricardo Piccoli que também produziu álbuns de bandas como Kamala e Exhortation?
Wellington: Só posso dizer que foi extremamente prazeroso trabalhar com o Piccoli. Tanto no EP quando no début.
Lúcio: Trabalhar com o Ricardo foi bastante fácil e gratificante. Atribuo ao talento dele a qualidade final deste álbum. Escutando os artistas com os quais o Piccoli já trabalhou, fica evidente que ele é bastante dedicado em todas as suas produções. Ele conseguiu entregar exatamente o que queríamos neste primeiro disco. Vale a pena conferir o que ele tem feito pelo underground brasileiro.

HELL DIVINE: "Pray For The Dead" também está disponível na íntegra para audição no site oficial da banda. Qual o motivo da banda lançar o álbum dessa forma?
Lúcio: Bom, o maior objetivo é dar a oportunidade para o público conhecer as músicas antes de eventualmente adquirir o CD. Acreditamos no material que temos em mãos e não apostamos em uma única música em específico. As composições deste álbum são bem variadas, umas mais rápidas e diretas outras um pouco mais trabalhadas. Enfim, disponibilizamos o "Pray For The Dead" desta forma para poder dar uma visão geral deste disco ao público.

HELL DIVINE: Uma das musicas que faz parte do EP "Broken Faith" e que também faz parte de "Pray For The Dead" é "Tormento Ou Paz". Qual a importância desta faixa para a banda?
Lúcio: "Tormento ou Paz" tem se mostrado como uma das mais esperadas em nossos shows. A resposta do público quando executamos este som é muito intensa. Em nossa última apresentação a gente nem precisaria ter cantado, pois a galera presente sabia a letra toda. É muito raro encontrar por ai Metal com letras em português. Talvez essa resposta tão intensa mostre que o público aprecia mais canções assim. Vamos ver se compomos mais uma em português. Quem sabe (risos)?
Wellington: De fato, esta é a música em que o público mais participa. Trouxe bastante de minhas influências punk/hardcore para este som. Compus "Tormento ou Paz" em meados de 2007. Na época, eu fazia parte de outra banda itapirense de thrash chamada Mantor. A idéia inicial para este som foi do vocalista e amigo Markus Klava que faleceu há alguns anos. "Tormento ou Paz" acabou ficando como uma homenagem a ele.

HELL DIVINE: Um fato bastante curioso é o baixista Wellington Clemente ser cadeirante. Vocês acabam em algumas casas de shows tendo problemas de acessibilidade?
Wellington: Algumas não, todas. Não só em shows como

também no dia a dia. A acessibilidade para pessoas com deficiência deixa muito a desejar em todos os lugares.
Lúcio: Acredito que este caso da acessibilidade seja apenas mais um dos obstáculos em nosso caminho. Não vai ser algo que conseguirá impedir nosso desenvolvimento. O Wellington é uma pessoa extremamente dedicada e persistente. Além disso, somos uma banda bastante unida e enfrentamos este e outros problemas juntos.

HELL DIVINE: Com o primeiro álbum lançado, quais os principais planos da banda para esse segundo semestre e para 2012?
Lúcio: O próximo tópico dos planos futuros é a gravação de um videoclipe para a música "Enemy Of Reality". O roteiro já está quase pronto. Só falta definirmos um local para as gravações. Temos alguns em mente. Vamos analisar com calma e, ainda este mês, iniciaremos a produção.
Wellington: Além disso, o objetivo principal é divulgar este nosso primeiro trabalho e fazer o maior número de shows possível. Estamos totalmente abertos a convites. Bora chamar o Slasher para uma apresentação em sua cidade, querido leitor da Hell Divine (risos).

HELL DIVINE: Para terminar, gostaria de agradecer, em nome da Hell Divine, a todos da banda Slasher pela entrevista. Fica agora o espaço para que vocês deixem uma mensagem aos seus novos fãs.
Lúcio: Em nome de toda a banda, agradeço a você (Luiz) e a Hell Divine pelo convite para participar desta entrevista. Agradeço também todos os fãs que têm nos dado um apoio infernal nesse difícil caminho pelo undeground nacional. Sem este carinho e força com toda certeza já teríamos desistido há muito tempo. Para aqueles que conheceram a gente nesta entrevista, bora lá pro nosso site conferir nosso álbum de estréia na íntegra. No mais, muito obrigado a todos!

Por Luiz Ribeiro

sexta brutal 2011

facada (CE)

the black coffins (SP)

device (DF)

warkikke (GO)

14.10

21hs

10$

First lumber

América Rock Club

QS 03 Conjunto 13 Loja 2B Taguatinga Sul, em frente ao Carrefour

Apoio

HELL DIVINE
www.helldivine.com

MUSIC MASTER
Música & Tecnologia

(61) 9235.9324

Gringo Tattoo

Porão
3562 3573

BOOM BOX TATTOO

www.intervalobanger.tumblr.com

ENTREVISTA

BFI

Vindo de um pequeno país do leste europeu, no início de 2010, BFI – Belarussian Fockin Idiots - destaca-se, atualmente, entre uma das mais promissoras bandas de Deathcore. Quem fala conosco de forma séria e, ao mesmo tempo, animada sobre esse projeto que reúne integrantes de outras bandas é o guitarrista Gleb e o frontman Geba.

HELL DIVINE: Sendo um projeto com a participação de músicos de outras bandas, conte-nos como foi o processo de criação da banda e os principais desafios encarados.
Gleb: Há um ano, Geba e eu decidimos tentar algo novo, algo que nunca tínhamos feito. E, tendo alguma experiência no assunto, pudemos nos adequar e girar em todas as direções para tentar criar algo único. Nós escrevemos todo o material, fizemos a pré-produção e então começamos a procurar músicos para gravar num estúdio o material que tínhamos. Naquele tempo, todos nós éramos de bandas diferentes. Agora, o projeto principal de todos é a BFI.

HELL DIVINE: De quais bandas originou cada integrante?
Gleb: Geba, o vocalista, estava procurando por uma banda grande e, enquanto isso, ia de um projeto para outro. O baterista Oleg tocou por mais de cinco anos numa banda chamada "Crisis". Alex, no baixo, veio da banda chamada "Compelled To Comply" (Math/Hardcore). Grisha é guitarrista e tocou numa de Punk Rock. A minha banda era a "Crisis", mas eu tentei fazer parte de outros projetos musicais como a banda "Thread My Soul" e outros.

HELL DIVINE: A Europa Oriental, atualmente, tem se destacado muito na música extrema, bem como o Deathcore. Bandas como My Autumn, Sumatra, Autoscan, Taking Your Last Chance, Ease Of Disgust, Kangaz Korva, Sarah Where Is My Tea e BFI têm ganhado bastante espaço na cena mundial. Quais são, na opinião de vocês, as principais diferenças que o Deathcore do leste europeu tem?
Gleb: Deathcore americano ou europeu, cada um tem sua história, suas raízes. Este estilo aqui na Europa Oriental, como em qualquer lugar do planeta, na maioria das vezes é uma paródia de tudo o que há. Se você não cresceu escutando bandas como The Beatles, Metallica e Sepultura – bandas clássicas, em geral – dificilmente conseguirá criar o diferente, o inesperado. Para encurtar a história: a única diferença é a cultura que cada país detém.
Geba: Em minha opinião, o espaço geográfico ou nação de uma banda não pode ser usado para comparar tendências, estilos e ideologia. Primeiramente, porque a música é criada em mentes diferentes e cada um pensa de uma forma; ela pode ter inúmeras variantes e por isso cada banda tem seu potencial, seu traço essencial. Não posso dizer qual é o diferencial do Deathcore do leste europeu.

HELL DIVINE: Como todos os projetos que unem músicos de outras bandas, BFI certamente teve obstáculos ao longo das gravações do primeiro álbum. Foi fácil mixar as características de cada integrante?
Gleb: Posso te afirmar que existem dificuldades até mesmo nas bandas mainstream e sólidas e, às vezes, até mais das que estão começando. Cada um tem seu objetivo e facilmente pode ser diferente daquele do colega. No nosso caso, apenas nos reunimos para tocar as músicas que eu já havia escrito. Ninguém podia acreditar que nossos interesses e habilidades estariam no mesmo nível e estavam. Devido ao fato de todos serem bem talentosos, o período de adaptação foi bem rápido e sem dor.
Geba: Todo o material do primeiro álbum foi escrito por Gleb e aprovado por todos. Tudo que posso dizer é que no nosso próximo álbum cada integrante vai aplicar esforços a fim do melhor resultado possível.

HELL DIVINE: Nós todos sabemos quanto é difícil definir quantas cópias precisam ser produzidas para o lançamento do álbum debutante. Quais foram os mecanismos usados por vocês para terem uma ideia de quantas pessoas comprariam o "For The Brotherhood"? Qual foi a repercussão do álbum?
Gleb: Durante a gravação do nosso primeiro trabalho, fomos sistematicamente procurando por uma gravadora e por aqueles que fariam o papel da divulgação e de agendamentos. Músicos têm de compor; o resto fica para os gestores (managers) e Relações Públicas/agentes. No nosso país, ninguém queria aceitar o Deathcore. Então sempre recebemos ajuda de bons amigos. Um amigo nosso fez uma viagem à América do Sul e a do Norte, levando consigo alguns exemplares para divulgar nossa música, e conseguiu-nos um reconhecimento inicial. Ainda estamos esperando ofertas de gravadoras bem reconhecidas e de pessoas que trabalham no meio. Temporariamente, temos um contrato com a Rogue Records America para uma distribuição ampla do nosso som.
Geba: Primeiro de tudo tenho que dizer que as músicas compostas parecem gostar da gente e dos nossos amigos! Impressionante como elas foram parar nos mais diferentes países do globo em tão pouco tempo. Adoramos a naturalidade disso e também das diferentes respostas que tivemos; na maioria positivas, mas sempre importantes para nós.

HELL DIVINE: Vocês se lembram da primeira música, primeiro álbum ou primeira banda que os seduziu e os levou a escutar Deathcore?
Gleb: De fato, se você escutar a música "Disasterpiece", da Slipknot, vai perceber feições do que nós vemos na cena atual.

Talvez essa música tenha me influenciado. Mas se for tomar bandas mais específicas do gênero, acho que são elas: As Blood Runs Black, Carnifex e Whitechapel.
Geba: Claro, lembro-me da primeira música: o nome era "In The Arms Of Perdition", da Despised Icon.

HELL DIVINE: Qual foi o artista da capa do EP "For The Brotherood"? O caranguejo tem alguma ligação com a banda de alguma forma?
Gleb: Vitaly Tion, artista da capital – Minsk. Depois de escutar a pré-produção, ele aceitou participar do projeto como designer de capa, design gráfico do MySpace e designer de mercado. O caranguejo gigante dança a nossa música e quer devorar todos aqueles que tentaram nos parar durante a realização dos nossos sonhos. Muito obrigado, caranguejo!
Geba: A conexão dele com a Belarussian Fockin Idiots é só pelo fato de ele ter usado meus óculos (risos)!

HELL DIVINE: Eu já era fã da música de vocês desde o final do ano passado e agora que estou tendo a honra de entrevistá-los, sou mais ainda. Devo confessar que estou ansioso para o que vem pela frente. A Hell Divine agradece pela entrevista e, por favor, se quiserem deixar uma mensagem ou aviso aos leitores e ouvintes, fiquem à vontade.
Gleb: Obrigado Igor e Hell Divine por seu apoio! Nós mandamos, então, um "Cheers" (Viva) a todos os leitores dessa revista maravilhosa! Vejo vocês nos nossos shows na América do Sul ano que vem. Tudo de melhor para vocês!
Geba: Seja Você Mesmo!

Por Igor Scherer.

ENTREVISTA

Ponto Nulo No Céu

Ainda como colaborador da extinta revista portuguesa Horns Up, tive a felicidade de resenhar o primeiro álbum da banda Ponto Nulo No Céu. Agora – um ano depois, e na minha própria revista –, tenho o prazer de entrevistá-los para falar um pouco do novo lançamento, o álbum "Brilho Cego". Confira o bate papo.

HELL DIVINE: Conforme escrevi na resenha de "Brilho Cego" na edição passada da Hell Divine, achei esse disco um dos melhores lançamentos nacionais do ano. Como foi o processo de composição desse álbum?

Dijjy: Esse aconteceu um pouco diferente do "Ciclo Interminável". Assim que lançamos o EP começamos a compor. À medida que sobrava tempo nos juntávamos, então ia saindo uma coisa aqui, outra ali. Como todo mundo na banda trabalha, estuda e tem seus afazeres pessoais, até então estava indo lento demais. Foi aí que resolvemos dar uma parada com shows e todo o resto para nos dedicarmos somente a compor o "Brilho Cego". Isso se deu no meio de 2010. Estabelecemos uma meta e aceleramos as composições. Começamos a nos reunir com mais frequência e foi saindo. O instrumental era gravado, como uma pré-produção, e mandado para eu colocar a letra em cima. Apesar de cada um compor no seu instrumento, todo mundo sempre teve a liberdade de opinar ou dizer que não gostou. Tudo tem que passar pela aprovação de todos, desde o instrumental às letras. Um dos pontos em comum na banda é que somos muito perfeccionistas, isso fez com que esse álbum se tornasse mais trabalhoso do que qualquer outra coisa que já fizemos, e valeu a pena!

HELL DIVINE: A banda cresce cada vez mais e cai no gosto do público brasileiro pelas letras em português e por conseguir unir o peso às melodias de fácil assimilação. Como tem sido a receptividade do novo álbum e a presença do público nos shows?
Dijjy: Ficamos muito felizes com a aceitação das pessoas em relação ao álbum e à banda. Isso acontece em todas as cidades em que tocamos, todas mesmo! Sempre tem gente nova conhecendo o som. Nossos fãs sempre ajudam na divulgação também e isso é de grande importância para que o som possa ultrapassar fronteiras e atingir o maior número de almas possível.

HELL DIVINE: Sempre que entrevisto alguma banda que canta em sua lingua natal, pergunto isso: existe a vontade de atingir o mercado mundial? A lingua não dificulta esse processo?
Dijjy: Existe sim, mas nunca fomos muito preocupados com isso. Para nós, passar a mensagem para o nosso povo, valorizar nossa cultura, está acima disso. Se acontecer, sem dúvidas, vamos abraçar a oportunidade. Já temos fãs em outros países, mas acho que ainda é cedo para se falar em exterior, temos muito espaço a conquistar aqui.

HELL DIVINE: No EP anterior, vocês trabalharam com Adair Daufembach que produziu, mixou e masterizou o disco. Dessa vez, mantiveram o time, inclusive a direção de arte por Fellipe Cruz do Hundead. Em time que está ganhando não se mexe?
Dijjy: Exatamente! Estes caras terão nosso respeito para sempre. São profissionais com muita competência que nos ajudaram demais e, consequentemente, aprendemos muito com eles. Essa parceria ainda vai durar por anos e pretendemos continuar com esse mesmo time. Um ajudando ao outro, todos crescendo juntos. É disso que falamos o tempo todo. Isso é União Underground!

HELL DIVINE: Falando um pouco sobre a arte da capa, o que o desenho quer dizer? Por que não mantiveram o logotipo original?
Dijjy: Os dois trabalhos, de certa forma, são relacionados. Porém, o "Brilho Cego" marca uma nova fase, mais amadurecida e com mais um integrante, o André, que no EP ainda não fazia parte da banda. Sendo assim, resolvemos fazer uma nova logo para diferenciar também. A arte mostra uma pessoa presa por seus próprios medos, rodeada de sombras que impedem que ela possa ver através do que é imposto todo o tempo. Nem todos estão preparados para ver as coisas como elas realmente são. As pessoas têm medo da liberdade, do mundo de verdade, têm medo de abrir os olhos, pois são incentivadas a seguir a corrente e a não precisar descobrir as coisas por si próprias. Tudo isso está dito nas letras. Combatemos isso com nossa música.

HELL DIVINE: O som da banda é bastante característico e único. Podemos notar diversas influências na sonoridade. Afinal, de onde vêm essas influências todas?
Dijjy: Dos mais distintos estilos de música. Ouvimos de tudo um pouco, tanto que nem conseguimos definir as influências no meio dessa mistura. Temos coisas em comum, rock dos anos 90, MPB, Hardcore, New Metal (pegamos bem essa época). O Henrique e eu gostamos muito também de Rap e Black Music. O André trouxe bastante influência de Roupa Nova e Protest The Hero, isso só completou a mistura, mas nossa música não se prende a estilos, fazemos de dentro para fora. É puro sentimento, é o manifesto da alma.

HELL DIVINE: O disco todo é brilhante e bastante variado. Impossível não destacar as faixas "Existência Seca" e "Ponto Nulo No Céu". Quais as preferidas de vocês e por quê?
Dijjy: Cara, é difícil, viu (risos)?! Se pudesse, escolheria todas, pois todas são cheias de sentimento, mas vou escolher três: "Sem dor, sem vida", "Peito Aberto" e "Penumbra". Todas as músicas, sem exceção, são cheias de significados; cada palavra, cada frase, cada riff diz algo e essas três, para mim, são as melhores de ouvir e cantar. Para ter uma ideia, "Sem dor, sem vida" é meu lema de vida, tenho até tatuado (risos).

HELL DIVINE: É praticamente impensável como a banda ainda não assinou com uma gravadora. Como andam as negociações nesse quesito? Poderemos ver a banda ao vivo além do eixo Santa Catarina/São Paulo?
Dijjy: A P.N.N.C. já tocou em alguns estados, dentre eles São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e Rio de Janeiro. Esperamos visitar o Brasil todo levando nossa mensagem para quem quer que seja. Quem quiser contratar é só entrar em contato e conversar. Quanto à gravadora, já recebemos propostas de selos, produtoras, mas de gravadora ainda não. Quando aparecer, vamos analisar e, se for de acordo com nossos ideais futuros, poderemos até assinar. Isso é muito relativo, se acharmos que assinando com alguém as coisas vão melhorar, faremos. Por enquanto, vamos levando do jeito Ponto Nulo: tudo feito por nós, na coragem, na raça e fazendo acontecer!

Agradecimentos: Agradecemos à Hell Divine, ao Pedro pelo espaço, e todas as pessoas que estão conosco nessa caminhada.
União Underground!

Por Pedro Humangous.

ENTREVISTA

Blind Guardian

Considerado um dos grandes nomes do Power Metal mundial, o Blind Guardian carrega em sua carreira uma quantidade enorme de clássicos, distribuidos em discos que se tornaram referência dentro do estilo, sejam eles mais voltados ao Speed/Thrash Metal ou a sua fase mais recente, onde a mistura entre Metal e sonoridades mais épicas conquistaram uma nova leva de fãs. Formada em 1984 sob o nome de Lucifer's Heritage, foi somente em 1988 que viria a sair o debut, "Battalions of Fear", já com o nome atual e contando com a seguinte formação: Hansi Kürsch (baixo/vocal), Andre Olbrich e Marcus Siepen (guitarras) e Thomas "Thomen" Stauch (bateria). Com este time foram gravados sete álbuns de estúdio, mas em 2005 ocorre a única mudança, com a saída de Thomas, dando lugar a Frederik Ehmke, que gravou "A Twist in the Myth" (2006) e o último petardo, "At the Edge of Time" (2010). Este último lançamento é o assunto principal de nossa conversa, realizada semanas antes da turnê brasileira. Com vocês, Marcus Siepen!

HELL DIVINE: O Blind Guardian já se tornou referência máxima no Power Metal mundial, tanto que já lançaram até um tributo para a banda, chamado "Tales from the Underworld". Quando vocês começaram, imaginavam que fossem fazer tanto sucesso?

Marcus Siepen: Óbvio que nunca há garantia para o sucesso, mas nós sempre tivemos a meta de sermos uma banda bem sucedida e trabalhamos muito duro para isso, então nós não nos surpreendemos tanto com o fato de termos sucesso, pra dizer o mínimo. Nós somos os nossos próprios maiores críticos, nós sempre tentamos fazer o melhor que pudemos no que tange a composição, gravação ou performances ao vivo, nós sempre tocamos nossa música, nós nunca tentamos seguir nenhuma moda, e eu acho que todas essas coisas são observadas e respeitadas por nossos fãs. Eles sabem que, seja quando for que lancemos um disco, eles terão algo de qualidade, algo no qual eles podem confiar, nós nunca lançaremos músicas que apenas somam no disco ou canções com as quais não estamos plenamente convencidos.

HELL DIVINE: Ao mesmo tempo em que a banda recebe homenagens como esta, é notório o quanto vocês já gravaram de covers, lançando basicamente um disco repleto deles, o "The Forgotten Tales". Quais os covers mais difíceis de serem interpretados que a banda já gravou? Há algum em especial que desejam fazê-lo?

Marcus Siepen: Eu penso que no geral é um pouco mais complicado de transformar algo em uma canção do Blind Guardian, algo que não tem nada a ver com nosso estilo de música, como "To France" de Mike Oldfield, por exemplo. Em contraste, é obviamente muito mais fácil de adaptar outra canção de Heavy Metal, como "Don't Break the Circle", por exemplo, onde o desafio pode ser muito divertido e o resultado muito mais interessante. E sobre canções que eu gostaria de fazer covers, há várias que me vem à mente. Quando interpretamos "Spread Your Wings" do Queen nós também estávamos discutindo sobre outra canção deles, a "Prophet's Song". Esta estaria num ponto bastante alto na minha lista, mas é apenas um exemplo. Eu posso me imaginar fazendo covers de alguns clássicos do Metal que sempre amei da mesma forma que algo de gêneros completamente diferentes, como uma música do Jethro Tull por exemplo.

HELL DIVINE: Na década de 80, quando a banda foi formada, o Metal alemão estava em franca ascensão, com muitas bandas aparecendo, dentre elas, Grave Digger, Rage, Running Wild, e claro, as famosas bandas de Thrash, como Sodom, Kreator e Destruction. Qual era a relação de vocês com os membros destas bandas?

Marcus Siepen: Isso depende. Nós sempre nos relacionamos muito bem com bandas como Kreator, Sodom, Rage ou Grave Digger, pois tocamos muitos festivais juntos e sempre nos divertimos muito juntos. Em contrapartida, nós nunca tivemos nenhuma relação com o Running Wild, por exemplo, simplesmente pelo fato de que nunca nos encontramos.

HELL DIVINE: Acredito que o Blind Guardian estava num meio termo entre elas, pois ao mesmo tempo em que possuía as melodias do Metal mais tradicional, também carregava consigo a agressividade e rapidez do Speed/Thrash Metal. Como foi moldar o som da banda, agregando estas características?

Marcus Siepen: Nós realmente nunca pensamos em outras bandas quando procurávamos pelo nosso estilo, e eu não acho que alguma das bandas citadas tenha tido alguma influência em nosso som. No começo é claro que nós éramos influenciados por bandas como Iron Maiden dos primórdios ou Metallica; o Helloween certamente teve uma influência sobre nós, mas nunca quisemos soar como outra banda, pois foi sempre muito importante para nós criar algo fresco e novo, então estávamos sempre nos direcionando para um som único e individual. Como mencionado, é claro que tivemos nossas influências no início. Quando fizemos "Follow the Blind" nós estávamos escutando bastante Thrash Metal como Testament, Forbidden e Holy Terror, exemplos que definitivamente nos influenciaram naquela época. Porém, com o "Tales From the Twilight World" nós definitivamente estabelecemos o padrão sonoro do Blind Guardian e deixamos todas as influências do começo de carreira para trás.

HELL DIVINE: A mitologia e os temas épico-medievais sempre estiveram presentes na discografia do Blind Guardian, agregando inclusive, sonoridades voltadas ao Folk. Esta união de elementos se tornou muito forte principalmente nos discos lançados no começo dos anos 90, e as capas de seus álbuns sempre trouxeram estes traços. Mas, teria sido Tolkien o grande inspirador disso tudo?

Marcus Siepen: Com certeza Tolkien serviu de inspiração, mas ele definitivamente não foi o único. Nós sempre gostamos de Literatura Fantástica, e Tolkien é certamente algo como um "padrinho" para este gênero, mas caras como Stephen King e Michael Moorcock, citando apenas esses dois, exerceram a mesma influência sobre nós também, além de mitologia e História em geral. Seria definitivamente errôneo limitar tudo a apenas Tolkien.

HELL DIVINE: Já a música clássica, ópera e demais elementos sinfônicos estão fortemente ligadas à banda a partir da década de 90. Foi difícil mesclar tudo isso?

Marcus Siepen: Não, não foi difícil porque nunca tentamos fazer isso de propósito. Foi uma evolução natural para nós e aconteceu mais ou menos por conta própria. Como eu disse antes, nós sempre quisemos criar algo fresco e novo, nós nunca quisemos nos repetir, então sempre procuramos por algo novo que pudesse ser adicionado ao nosso som. Nós começamos como uma banda de Speed Metal Melódico, depois vieram o Thrash e o Power Metal, a partir daí nós incorporamos elementos mais progressivos, depois nos tornamos mais orquestrais em algum ponto... Mas como te disse, tudo isso aconteceu naturalmente, não houve uma programação "passo a passo" para tentarmos seguir. Na verdade nós nunca sabemos como o próximo álbum soará, a única coisa que sabemos é que ele não soará como o anterior.

HELL DIVINE: O último álbum, "At the Edge of Time", traz todos os elementos que caracterizam o som da banda, mas sempre em constante evolução... Como funciona o processo de composição? Algumas bandas preferem compor tudo em casa para depois ir para o estúdio... Funciona desta forma?

Marcus Siepen: Sim, é isso mesmo. Bem no início da banda nós costumávamos escrever as músicas na sala de ensaio, porém desde o começo nós também investimos em nosso próprio estúdio e aprendemos a usar as vantagens de um equipamento de estúdio também para compor. Nossa música é bastante complexa, com muitas linhas vocais e de guitarras, e se você quiser tentar algo assim numa sala de ensaio você fica bastante limitado, pois há apenas 2 guitarristas e 3 caras que podem fazer os backing vocals. Todos da banda temos nossos próprios kits de estúdio em casa, desta forma nós podemos trabalhar em praticamente qualquer idéia que tivermos e nós trocamos os arquivos sempre que queremos compartilhar essas idéias. Desta forma nós podemos trabalhar em nossas composições, tentar arranjos diferentes, e lentamente construí-las. Apenas quando temos tudo pronto é que entramos no estúdio "de verdade" e gravamos de forma apropriada. Esta forma de trabalho é a melhor para nós.

HELL DIVINE: Num primeiro momento, "At the Edge of Time" soa como uma mistura entre o que foi lançado do "Imaginations From the Other Side" pra cá, balanceando muito bem esta fase. Em sua opinião, quais têm sido os maiores destaques e que podem vir a se tornar clássicos?

Marcus Siepen: Eu não sei se sou a pessoa certa para dizer qual de nossos álbuns é clássico ou não, pois em minha opinião eles são todos clássicos ;-) Cada álbum representa o que a banda estava vivendo naquele momento e portanto é um clássico para nós. Mas se ainda assim você quiser que eu mencione um deles, eu citaria "At the Edge of Time", para mim ele é a mistura perfeita de tudo que fizemos em nossa carreira, ele de certa forma resume aquilo que o Blind Guardian representa.

HELL DIVINE: E como você avalia o artista Felipe Machado Franco, que fez a arte de "At the Edge of Time"? Durante muito tempo Andreas Marschall cuidou dessa parte, mas, parece que ele sumiu do mapa... A troca de artistas se deve a este fato?

Marcus Siepen: Não, nós quisemos tentar algo diferente após o "Nightfall", não porque estaríamos supostamente insatisfeitos com as capas anteriores, mas apenas porque quisemos tentar algo novo. Andreas fez algumas capas fantásticas para nós, ele também fez a capa para o "Live" novamente após termos trabalhado com outro profissional no "A Night At the Opera". Quem sabe, nós trabalharemos com ele novamente no futuro, mas também estamos abertos a tentar coisas diferentes. Trabalhar com o Felipe foi ótimo, ele foi incrivelmente rápido e a forma que ele transformou nossas idéias em seu trabalho foi absolutamente perfeita. Em minha opinião, "At the Edge of Time" tem a melhor capa/encarte para um álbum que já tivemos. Eu adoro não apenas a capa, mas também todo o trabalho que ele fez para cada canção individualmente.

HELL DIVINE: "At the Edge of Time" saiu ano passado, se levarmos em conta que "A Twist in the Myth" foi lançado em 2006, logo teremos material inédito do Blind Guardian na Copa do Mundo de 2014, estou correto? (risos) Quais fatores influenciam para todo este tempo entre os lançamentos?

Marcus Siepen: Eu tenho a absoluta certeza de que vamos lançar nosso próximo álbum em 2014. No fim das contas nós gostamos de lançar álbuns em anos de Copa do Mundo, é uma antiga tradição que começamos já com o "Nightfall". (risos) Falando sério, é fato que temos lançado álbuns a cada quatro anos por um certo tempo já, mas não pense que estamos tirando uns meses de descanso por preguiça. As pessoas tendem a esquecer que há muito trabalho a se fazer e que se leva um bom tempo para produzir um novo álbum. Primeiramente, nós estamos fazendo longas turnês mundiais para promover nossos discos. A última, por exemplo, nos manteve na estrada por 18 meses, e enquanto estamos em turnê nós não compomos novas canções. Então após esses 18 meses nós começamos a compor quase que imediatamente, porém como nossa música é complexa, leva um tempo para escrever 10 ou 12 composições que preencham nossos padrões de qualidade. Você pode somar aí no mínimo mais um ano, se não um ano e meio para o processo de composição e imediatamente 3 dos 4 anos de hiato se foram, cheios de trabalho. E então nós obviamente temos que gravar o novo trabalho; uma produção do Blind Guardian leva de 6 a 8 meses. Os 4 meses que ainda faltam na sua lista são necessários para a gravadora promover o lançamento e produzir os CDs, e assim você tem os 4 anos entre os álbuns. Então para produzirmos um álbum de forma mais rápida nós teríamos que eliminar as turnês, ou então teríamos que baixar nossos próprios padrões ao compor e gravar, e isso com certeza não irá acontecer! Nós preferimos usar todo o tempo necessário para compor um grande álbum, nós não queremos nos apressar e baixar a qualidade do trabalho apenas para lançá-lo mais rapidamente.

HELL DIVINE: Esta será a quarta visita de vocês à terras brasileiras. Quais os momentos mais marcantes da primeira turnê, realizada em 1998? Lembro que vocês fizeram um show acústico em São Paulo, conte-nos como foi e se pensam em fazer um show nesse formato novamente?

Marcus Siepen: Aquela primeira turnê Brasileira foi fantástica, nós nunca havíamos estado na América do Sul antes, nós não sabíamos o que esperar e no fim das contas os fãs simplesmente nos deixaram maravilhados. Eu me lembro do primeiro show em São Paulo, os fãs cantavam tão incrivelmente alto que nós não conseguíamos mais nos ouvir no palco, aquilo foi incrível. E é claro que me lembro dos shows acústicos, nós fizemos alguns deles daquela vez e foi legal, algo que nunca tínhamos feito antes. Talvez façamos algo parecido um dia, mas no momento não há planos para isso.

HELL DIVINE: E fazendo uma comparação com aqueles primeiros shows no Brasil, com a última vez que estiveram por aqui, em 2006, o que você vê de diferente? Do lado profis-

sional as coisas mudaram ou ainda precisam melhorar?
Marcus Siepen: Uma mudança bastante importante foi que tivemos um tempo para dormir (risos). A agenda de nossa primeira tour foi homicida, aconteceu basicamente assim: nós chegamos ao aeroporto e fomos levados ao hotel apenas para deixarmos nossa bagagem. Nós fomos imediatamente levados a uma rádio para uma entrevista, e de lá fomos a um restaurante para jantarmos. Próxima etapa da lista foi uma sessão de autógrafos em uma loja de discos local, daí passagem de som e então mais uma entrevista em outra rádio. Depois tivemos alguns encontros com fãs, tocamos o show e logo após fomos levados para outro programa de rádio para mais algumas entrevistas. Aí lá pelas 4 da manhã nós retornamos ao hotel onde tivemos em torno de 1 hora para tomar banho antes de sermos levados até o aeroporto novamente para a próxima cidade, onde tudo se repetiu... Após alguns dias nós estávamos completamente mortos, mas nós mesmo assim curtimos tudo aquilo, pois os fãs nos devolviam a energia. E a respeito do aspecto profissional, é claro que as coisas melhoraram, na primeira tour nós tocamos alguns shows com um equipamento que não era o melhor. Isto definitivamente mudou, mas mesmo naqueles momentos as coisas funcionavam para a banda no fim das contas. Mas acima de tudo, SEMPRE há espaço para melhoras, não importa o que você faça.

HELL DIVINE: A interação da banda com os fãs ao vivo é sentida especialmente em músicas mais calmas como "Lord of the Rings" e "The Bard's Song", onde todos interagem e cantam cada palavra juntos. Como músico, você prefere o lado mais pesado do show ou momentos mais intimistas como este?
Marcus Siepen: Eu penso que um bom show deve ter ambos, a dinâmica é muito importante. Um show repleto de baladas seria maçante, um show apenas com canções rápidas e agressivas seria igualmente entediante. Em ambos os casos algo estaria faltando, então nós sempre tentamos encontrar uma boa mistura que mostre todos os aspectos de nossa música.

HELL DIVINE: Com nove álbuns de estúdio e uma infinidade de clássicos, creio que seja difícil escolher o set list... É claro que nem sempre dá para agradar a todos e logicamente existem aquelas que são obrigatórias, como "Bright Eyes". É difícil fazer este balanço entre os clássicos e as músicas mais recentes?
Marcus Siepen: Com certeza é, e vai ficando mais difícil a cada novo álbum lançado. É claro que queremos apresentar algumas canções novas, e aí tem alguns clássicos que simplesmente temos que tocar e acima de tudo há algumas canções que não tocamos por um bom tempo e queremos trazer de volta ao repertório, ou até mesmo canções mais antigas que nunca foram tocadas até então. Encontrar esse equilíbrio é bastante complicado, e como você disse é definitivamente impossível agradar a todos. Sempre haverá alguém reclamando de alguma música, mas nós não nos preocupamos muito com isso. Nós tentamos agradar a nós mesmos, e se nós estamos felizes com o repertório então nós não podemos estar tão errados assim. O que nós fazemos para manter as coisas interessantes é preparar muito mais músicas do que vamos tocar a cada noite. Desta vez, por exemplo, nós ensaiamos 45 músicas, e no fim talvez 18 estejam no repertório de cada noite. Assim nós podemos mudar o set list toda noite e mais músicas podem ser tocadas ao longo da turnê. Outro fato que ajuda é que o Blind Guardian é uma das bandas que ainda toca shows longos. Eu acho horrível o fato de mais e bandas deixarem o palco após 1 hora de apresentação. Mas voltando às músicas que "devem" ser tocadas todas as noites... Bem, às vezes nós excluímos canções como "The Bards Song", "Valhalla" ou "Mirror Mirror" para abrir espaço para músicas diferentes, e nós sobrevivemos a esses shows sem sermos crucificados, então eu acho que sempre há uma forma de fazermos um bom set list.

HELL DIVINE: Obrigado pela entrevista, o público brasileiro os espera ansiosamente. Algum recado para os fãs gaúchos, que sempre acolheram a banda com muita dedicação?
Marcus Siepen: Tocar no Brasil é sempre algo muito especial para nós, sempre foi um ponto alto em cada turnê e mal podemos esperar pra tocar de novo pra vocês, pessoal. Espero ver vocês todos novamente em algumas semanas, estejam preparados para grandes shows!

Por Maicon Leite.
Tradução Daniel Seimetz.

ENTREVISTA

O Hatefulmurder, apesar de ser uma banda relativamente nova, veio para ficar e provar que o Rio de Janeiro tem muito mais a mostrar do que nós podemos imaginar. Com uma demo e um EP lançados, o último, "The Wartrail", a banda vem correndo atrás do seu espaço e tem conseguido isso com muito profissionalismo, carisma e boa música. Conversamos com o Felipe Lameira, vocalista da banda para ele nos dar novidades e falar sobre o Hatefulmurder! Confiram!

HELL DIVINE: Felipe, obrigado por conversar com a gente. Vamos começar com conceitos simples: de onde vocês tiraram o nome da banda e qual é a principal influência musical de vocês?

Felipe Lameira: Bom, o nome da banda nasce em uma das primeiras reuniões do projeto quando eu ainda era apenas o produtor e trouxe alguns nomes para sugerir. Um deles era esse: "Hatefulmurder". Um termo utilizado por algumas divisões de homicídios nos Estados Unidos para definir "assassinatos com requintes de crueldade", sabe como é? Aqueles em que em vez de você encontrar o cara simplesmente morto, ele está pendurado com uma corda no pescoço e com umas 15 facas diferentes cravadas no peito. Sentimos que o significado e a sonoridade do nome eram fortes o bastante para definir o que pretendíamos como banda.

Quanto à questão das influências, a verdade é que não existem uma ou duas grandes influências para nós. Temos muitas vindas de vários lugares. Eu poderia ficar aqui citando umas 20 bandas diferentes dentro e fora do extremo, e algumas que nem se pode dizer que são de metal, mas não acho que isso ajudaria a definir o que somos. Não somos aquele tipo de "headbanger bitolado" que só escuta metal extremo. Gostamos de boa música e música bem feita, mas sabemos o que queremos com o Hatefulmurder. Fazer um som agressivo, rápido e forte. E é isso que importa para nós.

HELL DIVINE: O time do Hatefulmurder é novo e cheio de gás ainda, quais são os principais planos da banda em termos de promoção e mesmo composição?

Felipe Lameira: Temos muitos planos para promoção da banda e conseguimos muita coisa nesses três anos de existência. No momento, o foco é a divulgação do nosso atual trabalho, o EP "The Wartrail", alcançando, assim, novos lugares e mais público, além de buscar mais apoios e parcerias para o ano que vem. Uma das nossas intenções para o próximo ano também é conseguir uma gravadora para, então, lançarmos um full length. Com isso, o resto ficará muito mais fácil.

HELL DIVINE: Quais são as principais diferenças que você poderia nos destacar da demo até os dias atuais, em termos gerais?

Felipe Lameira: Em termos gerais, poderia destacar o fato que quando fizemos a demo, éramos uma banda ainda sem tanta experiência com gravação e composição, de fato. No entanto, sem ela não teríamos conseguido alcançar o que hoje somos com o atual EP. Essa "maturidade" é perceptível para mim e para os demais membros e, pelo que vejo, pelos fãs também. Poder olhar para trás e perceber que, apesar de pouco em termos de existência de uma banda de metal, o que você fez foi "sincero" e que o que você está fazendo agora é "melhor", isso é o que tem me deixado mais feliz com a banda.

HELL DIVINE: "When The Slaughtering Begins" e "Extreme Level Of Hate" foram muito bem recepcionados no underground nacional. Quais as principais diferenças entre um e outro e, com essa recepção, as coisas ficaram mais fáceis para a banda?

Felipe Lameira: Em 2009, quando lançamos "Extreme Level of Hate" a recepção foi muito boa, mas ainda éramos uma banda muito nova na cena e as coisas ainda eram um tanto difíceis para nós. Contávamos com o apoio de amigos, o que nos ajudou muito neste inicio da banda. Quando lançamos a demo "When the Slaughtering Begins", no ano passado, muita coisa mudou. Conseguimos mais espaço na cena e as pessoas nos enxergavam como uma banda mesmo e por isso começamos a surpreender onde tocávamos.

HELL DIVINE: "The Wartrail" é o último lançamento de vocês e é um EP grandioso. Desde a introdução até "Black Chapter", o EP segue brutal e sem conversa, mas, atualmente, muitas bandas vem procurando a mescla entre gêneros. Isso pode vir a ocorrer no Hatefulmurder?

Felipe Lameira: Não saberia dizer. Entendo sua pergunta como: "O Hatefulmurder poderia soar mais melódico?" Eu acho que se formos agregar mais elementos ao som que fazemos, só o faremos se realmente nos sentirmos à vontade e se isso puder mesmo expressar o que queremos com o som da banda. Para nós, cada música é um caso especifico com histórias e sentimentos a serem transmitidos. Essa vertente brutal da banda é o que mais me agrada no som que fazemos e se colocarmos outros elementos, será para deixar mais completo e variado, mas nunca para abandonar o que mais gostamos de transmitir: a agressividade!

HELL DIVINE: Esse ano vocês se inscreveram no WOA Metal Battle, seletiva Rio de Janeiro e ganharam, tendo a chance de disputar a grande final no Roça N´Roll desse ano, ao lado de grandes nomes do underground nacional. Como foi a experiência de ter tocado nesse evento?

Felipe Lameira: Foi a melhor de todas, com certeza. A adren-

alina de participar deste concurso e viver isso por alguns meses nos fez subir muitos degraus em pouco tempo. Até agora, ter participado do Roça N' Roll em uma final do Wacken Metal Battle, com certeza, foi o show mais importante desde o início da nossa carreira. Conhecemos ótimas bandas de diferentes estilos e partes do Brasil. Fizemos alguns novos amigos nessa empreitada. Representar o Rio de Janeiro, que possui uma cena underground com bandas muito competentes, foi uma honra e uma grande responsabilidade, mas acredito que a nossa missão foi cumprida em Varginha/MG.

HELL DIVINE: Acredito que os planos de lançar um full-lenght não devem estar tão longe; vocês já vêm compondo material para esse tipo de lançamento, ou ainda estão preferindo fazer shows e turnês em divulgação do "The Wartrail"?

Felipe Lameira: No momento, estamos com foco na divulgação do EP, mas eu estaria faltando com verdade se dissesse que não estamos fazendo coisa alguma com relação ao vindouro full-length. Já estamos trabalhando em algumas composições novas, o que para nós é um processo natural de criação, e organizando as coisas aos poucos. Tudo que tem surgido até agora tem sugerido aos que acompanham o nosso trabalho que podem esperar algo mais intenso e, arriscaria dizer, técnico do que mostramos até agora.

HELL DIVINE: Em conversa com várias pessoas do underground carioca, muitos citaram a faixa "Black Chapter" como um clássico do cenário e um hino a ser entoado. Como vocês recebem essa "responsabilidade"?

Felipe Lameira: Sério mesmo? Isso é uma coisa que me deixa feliz e, ao mesmo tempo, surpreso. Encaramos essa responsabilidade com a seriedade com que sempre desenvolvemos o nosso trabalho, procurando fazer o melhor em todos os nossos shows. "Black Chapter" é uma música muito importante para a banda, pois mostra o quão brutais podemos ser sem sair do que inicialmente propusemos fazer. É uma música que possui uma estrutura variada e reflete muito do que os fãs podem esperar do Hatefulmurder daqui para frente.

HELL DIVINE: Felipe, obrigado pelo papo, boa sorte sempre para o Hatefulmurder! Deixe aqui uma mensagem para a HELL DIVINE e seus leitores.

Felipe Lameira: Inicialmente, agradeço à HELL DIVINE pelo espaço e a oportunidade de falar um pouco sobre a trajetória e os projetos da banda para o futuro. Gostaria de agradecer também a todos os fãs e amigos do Hatefulmurder por todo apoio e cumplicidade nesses três anos de carreira. Estaremos na estrada destruindo tudo com o nosso EP "The Wartrail". Nos esbarraremos por aí. Abraços, headbangers!

Por Augusto Hunter.

ENTREVISTA

Na ativa desde 2007, a banda paulista de thrash metal Machinage está prestes a lançar "It Make Us Hate". Conversamos com Fábio Delibo para saber quais as expectativas sobre esse lançamento da banda que chega ao mercado brasileiro como grande promessa.

HELL DIVINE: Nesse primeiro álbum, vocês fizeram a mixagem e a masterização nos EUA com Tim Laud - que já trabalhou com grandes nomes como Soulfly e o Cavalera Conspiracy. Por que resolveram fazê-las no exterior?

Fábio Delibo: Nós já havíamos gravado e até feito a mixagem aqui no Brasil, mas a banda acabou sofrendo algumas mudanças na formação e o CD acabou ficando na geladeira. A banda acabou mudando bastante a forma de tocar e não ficaria fiel ao que tínhamos gravado com o que a banda vinha fazendo, então com a nova formação, resolvemos gravar novamente e nesse meio tempo apareceu o Tim Laud. Ele ouviu nossa banda pelo myspace e me enviou um e-mail dizendo estar interessado em trabalhar conosco, e oportunidades como essas não aparecem da noite pro dia, então topamos fazer para ver como ficaria e realmente ficamos contentes com resultado final.

HELL DIVINE: A banda em junho fez uma turnê pelos EUA. Conte-nos como foi essa primeira experiência internacional da banda.

Fábio Delibo: Foi extraordinária! No começo estávamos bastante ansiosos, pois não sabíamos o que teríamos pela frente, mas foi incrível, a recepção do publico foi mágica! Infelizmente precisamos sair do país para sermos tratado como músicos e não um bando de pessoas apenas tocando em fim de semana. Os promoters de shows aqui poderiam ter mais essa mentalidade e tratar melhor as bandas que estão lutando, lógico que não são todos, mas isso deveria mudar um pouco por aqui. O que falta são pessoas competentes para fazer daqui um dos melhores lugar do mundo para tocar, porque lá fora o povo ama o Brasil, eles querem vir pra ca de qualquer jeito. Ano que vem estamos acertando os detalhes para nossa volta!

HELL DIVINE: Esse primeiro álbum também será lançado no mercado americano, certo? A banda já tem propostas para lançar "It Make Us Hate" no velho continente?

Fábio Delibo: Fechamos com dois selos, um aqui no Brasil com a BTS Records e nos EUA com a MMR Records. Ainda não recebemos nenhum convite para lançarmos na Europa, mas já estamos conversando com algumas pessoas, espero logo fechar algo por lá, inclusive tocarmos lá seria maravilhoso.

HELL DIVINE: Em "It Make Us Hate" temos a participação especial de Antonio Araújo (Korzus) na faixa "Next Victim". Alem disso há também a participação de Zoltan Farkas da banda húngara Ektomorf. Como surgiram esses nomes para fazer parte desse primeiro registro da Machinage?

Fábio Delibo: Antônio Araújo fez ótima a participação no solo da música, ficou incrível! Como um grande fã do Korzus, eu fui atrás dele e no primeiro contato ele já respondeu que faria com prazer. Quanto ao Zoltan, na verdade nosso baterista conversa com ele via e-mail e depois de alguns e-mails ele disse que faria as vozes de um de nossos sons, mas infelizmente por alguns problemas de agenda ele acabou não podendo gravar, mas isso ainda irá acontecer, estamos no aguardo e assim que ele gravar as vozes, lançaremos a música para download, para que todos possam ouvi-la!

HELL DIVINE: A banda já tem planos para uma turnê pelos quatro cantos do Brasil na divulgação de "It Make Us Hate"?

Fábio Delibo: Sim, pensamos nisso o tempo todo, temos conversado com bastante gente pelo facebook e a resposta da galera tem sido ótima quanto às músicas e pedidos para irmos tocar em suas cidades. Estamos fazendo de tudo para que possamos fazer dessa tour uma realidade, pois seria maravilhoso.

HELL DIVINE: Ouvindo "It Make Us Hate" vemos uma grande similaridade com o Nuclear Assault no que diz respeito ao seu vocal, ela é uma das principais influências da banda?

Fábio Delibo: Pode se dizer que sim, existe uma grande influência das bandas dessa época, passamos nossa infância ouvindo esses caras e somos gratos por isso. Mas o que é interessante no Machinage é que temos em cada músico influências bem diferentes e acredito que isso faz com que a banda cresça bastante. Ouvimos desde Hatebreed até Canibal Corpse, mas as bandas de thrash dos anos 80 são as que nos focamos em nossas composições.

HELL DIVINE: Falando em Nuclear Assault, vocês abriram o show deles e puderam tocar alguns sons de "It Make Us Hate". Como foi a reação do público?

Fábio Delibo: Foi ótima, tivemos o grande prazer de tocar com uma das mais extraordinárias bandas de thrash metal, não há nada igual a isso! Ainda pudemos tomar algumas cervejas com eles, foi uma das melhores experiências que tivemos! A galera curtiu bastante nosso som, e esperamos voltar em breve a Catanduva para tocarmos novamente, foi incrível!

HELL DIVINE: Gostaria de agradecer pela entrevista e deixar este espaço para que a banda possa mandar uma mensagem aos fãs, que como eu, não vê a hora do lançamento de "It Make Us Hate".

Fábio Delibo: Quero agradecer à HELL DIVINE por abrir as portas para o Machinage e mostrar nosso trabalho! O que vocês vem fazendo pelas bandas é o que precisamos mais por aqui! Muito obrigado aos fãs do Machinage, quero agradecer por todo o suporte que temos tido em todos os shows, tem sido maravilhoso poder ter a resposta do público todas as vezes que tocamos, não há nada igual a isso, e em Outubro "It Makes Us Hate" estará ai pra galera curtir, um abraço a todos!

Por Luiz Ribeiro.

ENTREVISTA

Formada no ano de 2010 e tocando um metalcore de muita qualidade, a banda The Artifact tem tudo para ser um dos grandes nomes do estilo. Nesse pequeno bate-papo com o guitarrista Brandon Roberts, ele nos conta como surgiu a banda e como foi fazer o primeiro álbum "Eternal Dreams And What Could Be". Confira!

HELL DIVINE: A banda The Artifact nasceu da junção de duas outras bandas, certo? Qual o principal motivo os levou a tomar essa decisão?

Brandon Roberts: Sim, o The Artifact nasceu da união das bandas IWHATCHEDHERDIE e March Against Fear. A razão pela qual decidimos tomar essa decisão foi de combinar o talento das duas bandas para chegar a um lugar maior no cenario do metal. Mas acima de tudo, o fato todos sermos muito amigos ao longo do tempo, fez com que criássemos essa nova banda.

HELL DIVINE: "Eternal Dreams And What Could Be" é o primeiro álbum da banda, e soa diferente das suas antigas bandas IWHATCHEDHERDIE e March Against Fear, que faziam um som mais direto. Por que da mudança?

Brandon Roberts: A mudança veio naturalmente quando resolvemos juntar as duas bandas. Na medida em que íamos escrevendo e gravando o primeiro álbum "Eternal Dreams And What Could Be", íamos moldando nosso som próprio.

HELL DIVINE: Essa talvez seja a primeira entrevista da banda para uma revista brasileira, vocês conhecem algo do nosso país?

Brandon Roberts: Sim, essa é nossa primeira entrevista para uma revista brasileira. Não conhecemos muita coisa do Brasil, só que vocês têm mulheres bonitas, praias lindas e uma imensa floresta tropical.

HELL DIVINE: Nesse primeiro álbum, encontramos músicas mais rápidas como "Regenaration" e "Coalescence", e outras com passagens eletrônicas e até atmosféricas. Por que dessa variação?

Brandon Roberts: Nós não queríamos escrever um álbum em que todas as músicas fossem iguais, por isso decidimos fazer um registro mais diversificado. Queremos levar nossos fãs a uma montanha russa emocional.

FAÇA O DOWNLOAD AGORA MESMO DAS EDIÇÕES ANTERIO

HELL DIVINE: Hoje em dia o Deathcore se tornou um grande estilo musical com muitas bandas, e muitas delas têm um som parecido. Como você vê essa nova tendência e o que diferencia o The Artifact dessas bandas?

Brandon Roberts: Na verdade nós não nos consideramos uma banda de Deathcore ou Metalcore, nós escrevemos o que queremos escrever e deixamos nas mãos das pessoas denominarem e chamar do que quiser nosso som.

HELL DIVINE: O The Artifact é uma banda nova. Quais as suas principais influências?

Brandon Roberts: É difícil dizer, pois cada membro tem diferentes influências. Mas acima de tudo a vida, experiências, e nossa paixão pela música nos leva a criar a música que fazemos hoje.

HELL DIVINE: Quais os principais planos para o futuro da banda? Pensam em alguma turnê pela América do Sul?

Brandon Roberts: Nós esperamos eventualmente poder visitar a América do Sul e o Brasil mais cedo ou mais tarde, mas a partir de agora pretendemos assinar contrato com uma gravadora e fazer uma turnê pelos EUA e internacionalmente em breve.

HELL DIVINE: Muito obrigado pela entrevista, esperamos que o The Artifact possa vir ao Brasil em breve. Deixe uma mensagem para os fãs brasileiros.

Brandon Roberts: Obrigado pelo apoio. Vamos ver todos vocês muito em breve. Muito amor ao Brasil.

Por Luiz Ribeiro.

ORES DA HELL DIVINE! WWW.MYSPACE.COM/HELLDIVINE.

RESENHAS

ABSTRUSA UNDE
"Instrospection"
Independente

"Introspection" é álbum de estreia da banda de Paris, Abstrusa Unde, que iniciou sua carreira em 2007. Lançando antes desse projeto apenas uma demo, em 2008. O álbum possui elementos melódicos e sinfônicos, que geram um Black Metal obscuro e melancólico, porém de grande beleza também. Isso se nota facilmente nas melodias de piano e no vocal soprano de Perrine Gournage, que contrasta de uma forma épica com o gutural Thibault Schwartz. Em um aspecto geral, a palavra que define o álbum é justamente essa: contraste. A atmosfera sinistra e mais lenta contrasta com o peso tradicional do estilo, porém de uma forma que gera uma combinação maravilhosa, fazendo do álbum uma tradução sonora perfeita de suas letras, em vez de resultar em um embolado sonoro sem pé nem cabeça. Embora, pessoalmente, eu ache uma tolice julgar bandas e a qualidade de seus trabalhos pela sua nacionalidade, devo admitir que os franceses parecem ter o dom para o metal sinfônico, seja ele extremo ou não. Faixas como "Hastra Nä" mostram o limiar entre a beleza e a agressividade – elementos que, se empregados com sabedoria dentro do Black Metal, criam uma sonoridade poderosa, profunda e obscura, sem fazer com que um tipo de sonoridade tire a essência da outra. Em suma, "Introspection" é álbum maravilhoso, dotado de uma bela composição e muito bem gravado. O respeito por esse trabalho aumenta por ter sido feito inteiramente pela banda, já que eles ainda não assinaram com nenhuma gravadora.

Nota: **9.0**
Yuri Azaghal

AGAINST TOLERANCE
"Undefined"
Independente

Preparem-se amigos! Um caldeirão das mais diversas influências forma a poção mágica chamada "Undefined" – o primeiro registro da banda Against Tolerance. Modernidade e experimentalismo são as palavras de ordem. A primeira música já começa com um som de trompete e descamba em um Thrash nervoso, cheio de Hardcore. No meio dessa mesma música, ainda é possível conferir uma passagem jazzística bastante interessante. Bela forma de abrir um disco! "Cold Hearts" vem na seqüência e mete ficha nesse jukebox infernal. Pancadaria total e pitadas de Metalcore com direito a breakdowns. Afinal, o que esperar, então, da próxima faixa? Que tal uma abertura de MPB? Sim, "The End Of Histoty" começa no violão e logo volta para o ritmo "usual" – se é que podemos usar tal adjetivo para essa banda. Além dos vocais rasgados, ainda são utilizados os vocais limpos nos refrãos, fazendo um belo contraste. Algumas coisas de Death Metal melódico também são utilizadas pela banda, lembrando bastante a sonoridade dos brasilienses do Zilla. Em um disco como esse, todas as faixas merecem menção. Porém, destaco as faixas "Zarathustra" pelas passagens viajantes e "Dias Irae" pela absurda violência sonora! A maravilhosa arte da capa foi feita pelo mestre Gustavo Sazes – parece que toda banda que ele faz ilustração é tão boa quanto sua obra. Produzido por Andria Busic (Dr. Sin), mixado e masterizado por Heros Trench (Korzus), impossível não ter um resultado final incrível, como é o caso aqui. "Undefined é um disco que precisa e merece ser escutado com atenção, por diversas vezes. Só assim, você poderá assimilar todos os detalhes de cada composição e a proposta artística desses caras que, convenhamos, é bastante inovadora. Muita gente vai torcer o nariz pro Against Tolerance. Eu aplaudo de pé!

Nota: **9.5**
Pedro Humangous

ALL SHALL PERISH
"This Is Where It Ends"
Nuclear Blast Records

Se você gosta de Blind Witness, After The Burial, Veil Of Maya, Through The Eyes Of The Dead, As Blood Runs Black ou outras bandas parecidas, All Shall Perish é uma que, certamente, vai te cativar. Com quase dez anos na estrada, esse grupo de músicos talentosos de Oakland (Califórnia, EUA) que reúne Deathcore, Deathgrind e Death Metal alcançou o número um no Top Heatseekers, em 2008 – ranking da Billboard que publica as vendas de artistas novos e em crescimento –, e lançou seu quarto disco pela Nuclear Blast Records. "This Is Where It Ends" mostra o desempenho que eles vêm fazendo todos esses anos e dá uma boa continuação aos CD's anteriores. A presença de guitarras dedilhadas, escalas rápidas e shredding é forte, acrescentando à banda

uma característica envolvente, técnica e, às vezes, progressiva. Os solos parecem dançar ao longo do álbum e a gravação dele também é algo notável. Em alguns momentos, é até possível se entediar com a progressividade excessiva das guitarras sem o vocal de Eddie Hermida, mas logo vêm os breakdowns ou blast-beats para aliviar a tensão e proporcionar prazer. Ele melhorou seus guturais e screams highs, deixando-os mais claros e intensos; bem como diminuiu os pig squeals, além de deixá-los mais trancados e brutais. Sendo um baterista, consegui perceber facilmente a genialidade de Adam Pierce, que substituiu Matt Kuykendall há pouco mais de um ano. Ele é mais rápido que Matt e faz muitas coisas diferentes da maioria dos outros da cena; All Shall Perish, com isso, adquire ainda mais singularidade no Deathcore. "Divine Illusion", "A Pure Evil" e "Royalty Into Exile" são as faixas que mais achei interessantes, pelo fato de representarem, em geral, qual é o som da banda; melódico e rápido. "This Is Where It Ends" é composto de 13 faixas e possui mais de 40 minutos de duração.

Nota: **8.5**
Igor Scherer

ANAAL NATHRAKH
"Passion"
Candlelight Records

Não tem como dar menos que 10 para o novo petardo lançado por esse duo inglês. Eles vêm com um ataque a qualquer padrão musical extremo que você possa imaginar. Irrumator (Mick Kenney – multi-instrumentista) e V.I.T.R.I.O.L (Dave Hunt – vocais) mais uma vez surpreenderam ao fazerem "Passion" – aliás, de nome realmente interessante para um disco tão absurdo. O álbum começa com "Volenti Non Fit Iniuria", faixa que parece uma simples introdução, mas com o passar do tempo as guitarras começam e o vocal de V.I.T.R.I.O.L vem ao fundo dando uma noção do que será esse play. Uma levada cadenciada te leva a perguntar "Será que o disco inteiro correrá assim?", mas não se enganem, queridos leitores, o lance começa a ficar extremo e daí pra frente eles largam toda a técnica e brutalidade já conhecida da dupla, com passagens rápidas, aquela pegada Hardcore linda e blast-beats com os vocais limpos do V.I.T.R.I.O.L sempre bem encaixados. Músicas como "Locust Of Damnation", "Who Thinks Of The Executioner", "Ashes Screaming Silence" e todo o disco é perfeito, mas tenho que dar destaque para "Drug Fucking Abomination" que, no decorrer de seus 7min24 de música, mostra tudo o que eles têm: uma cadência única composta pelo duo no início dessa grandiosa faixa, as guitarras do Irrumator ríspidas como sempre e rápidas, a bateria bem composta e gravada, tudo perfeito e te levando a pensar que a música segue até o final da mesma maneira. Isso, até o momento em que o Sr. Dave Hunt berra um "Holy Fuck!" com tanto ódio e raiva que a música muda completamente, virando "o" petardo extremo de 2011, até o dado momento. Em minha opinião, se você curte Grindcore, esse disco é indispensável na coleção de qualquer um.

Nota: **10**
Augusto Hunter

BETWEEN THE BURIED AND ME
"The Parallax: Hypersleep Dialogues EP"
Metal Blade Records

Between The Buried And Me é uma banda realmente complicada de se resenhar. Tantas passagens diferenciadas e toda a variação da banda fazem dela uma peça única, mas nesse novo EP a banda vem mostrando o que já sabemos que encontraremos: bastante influência de Jazz nos baixos, o vocal gutural contrastando com passagens bem viajantes oriundas do Progressivo, mas nada que tire o brilho do lançamento aqui analisado. Em suas três faixas, sendo duas com mais de dez minutos, ouvimos aquilo que, a meu ver, encontramos nos anteriores e maravihosos "Colors" e "The Great Misdirect", um estilo de tocar bem diferenciado, mas nada demais. Se você tem uma mente bem aberta com relação à música pesada, ouvir essa banda vai te fazer bem, pois eles não têm limites para deixar a criatividade fluir em seu som, mas se não tiver, nem chegue perto, pois tenho certeza que não vai fazer sua cabeça, mesmo!

Nota: **7.0**
Augusto Hunter

BELARUSSIAN FOCKIN IDIOTS
"For The Brotherhood"
Rogue Records

Diretamente de Minsk, capital da Bielorrússia, Belarussian Fockin Idiots surge em 2010 com um Deathcore digno de muito respeito. Com mais de cem mil execuções na Last-FM - serviço musical que lhe permite descobrir novas músicas com base nas que você já ouve, além de registrar as execuções de artistas que você ouve - o BFI caminha para o sucesso no gênero, mostrando que o Deathcore do leste europeu cresce mais a cada dia, revelando muitas boas bandas. Mas a cena da Europa Oriental ainda tem pouco

espaço na mídia, já que o número de gravadoras e bandas americanas é muito maior que as do resto do mundo. Por causa disso, diversas bandas menos conhecidas, em muitos casos, são melhores que as principais do chamado mainstream. E esse é o caso de BFI, que apresentou em seu primeiro trabalho talento, disposição e criatividade - coisa que muitas bandas mais famosas não têm. Relançado pela Rogue Records em julho desse ano, "For The Brotherhood" traz em quase 20 minutos, um som que lembra muito My Autumn, Blind Witness e Dead Silence Hides My Cries. Bem sintetizado e organizado, esse EP de sete músicas explicita o que os integrantes já detêm: muita experiência. Não só porque vieram de outras bandas, mas pelo contexto musical apresentado, criativo e técnico. Nessa edição da Hell Divine, entrevistamos a banda justamente pelo belo trabalho desenvolvido por esses caras. O álbum que fizeram é estimulante e um passo importante para a criação de um full-length. Belos breakdowns, presença constante de pedal duplo da bateria, vocal gutural tradicional, solos interessantíssimos e um ritmo acelerado e brutal, fazem deste álbum único. A faixa introdutória do álbum é extremamente empolgante e chama o ouvinte para escutar o que vem pela frente. "Last Night Together With My Friends", "Ничто Не Вечно" - em alfabeto cirílico, que na tradução para o inglês significa "Nothing Lasts Forever" - e a "For The Brotherhood", são as melhores faixas do CD.

Nota: **9.5**
Igor Scherer.

BREATHLESS
"Thrashumancy"
Xtreem Music

Acompanhado de uma bela cerveja, começo a escutar o primeiro registro dos thrashers espanhóis da banda Breathless. O próprio título do álbum já denuncia o estilo logo de cara: "Thrashumancy". Cada vez mais temos a certeza de que a onda Thrash Metal anos 80 realmente pegou no mundo todo e, aparentemente, veio para ficar. Após uma rápida intro, a pancada come solta com "Nuclear Seas". Uma mistura agradável entre o nosso Violator e o velho conhecido de todos, o Kreator; principalmente nas influências do vocalista e guitarrista Eduardo Moreno. O ritmo mais cadenciado e o excesso de melodias nos riffs de guitarra levam para o lado mais speed como o Megadeth, por exemplo. O disco conta com 13 faixas, sendo que uma delas é a já mencionada intro e ainda temos duas faixas instrumentais. Dentre as dez restantes, destaco as faixas "Slavery Of The Masses" – por seus riffs interessantes e um refrão matador –, "Among Two Worlds Of Lies" e "Pastors Of Hell" que remete à arte da capa. Falando em arte, que belíssima obra temos nesse álbum! Créditos para o experiente Juan Castellano, que captou bem a ideia apresentada pela banda e fez um grande trabalho – mesmo que extremamente influenciado por Ed. Repka. Mais uma ótima banda que se une ao hall das bandas que ressuscitam o Thrash feito há, pelo menos, trinta anos. Para os amantes do estilo, segue aí minha sincera indicação!

Nota: **8.0**
Pedro Humangous

DECIMATOR
"Bloodstained"
Kill Again Records

Quatro anos após o lançamento de seu primeiro registro, o ótimo "Killing Tendency", a banda Decimator ressurge com mais um soco no ouvido, o "Bloodstained". Uma mistura entre o Thrash Metal moderno e o mais tradicional, ríspido e extremamente bruto! Um som mais cru e direto ao ponto. Sem frescuras, esses caras de Porto Alegre despejam riffs atrás de riffs, bateria veloz e vocais nervosos no melhor estilo Kreator de ser. Ao final de cada música, você sente como se tivesse sido atropelado por um trator. É tudo muito intenso! O álbum começa mastigando pregos e sem dó já dispara seu som por meio da faixa "Banner Of Terror", incrivelmente veloz! A banda tem em sua formação uma mulher, Patrícia Bressiani, que detona nas quatro cordas. O time ainda conta com Alceu Martins (bateria), Paulo Hendler (guitarra), Rodrigo Weiler (guitarra) e Leonardo Schneider (vocais). O destaque fica por conta da terceira faixa – que, inclusive, saiu no terceiro volume da coletânea da revista, o Upcoming Hell – "Call To War". Como sempre em minhas resenhas, não posso deixar de mencionar a bela arte da capa, feita por Marcos Miller – que já trabalhou com bandas nacionais como Tierramystica, Mental Horror, The Jokke. Todas as faixas são incríveis, fazendo com que o disco mereça ser ouvido por completo! O Decimator só prova (mais uma vez) que temos bandas sensacionais no Brasil e que não devem coisa alguma para as gringas. Temos condições de brigar de igual pra igual! Não adianta lamentar o descaso da nossa cena, o jeito é apoiar e bater cabeça! Agora é suportar a dor no pescoço...

Nota: **8.5**
Pedro Humangous

DEMONAZ
"March Of The Norse"
Nuclear Blast

"March Of The Norse" nos mostra claramente a genialidade de composição de Demonaz, deixando evidente que ele não precisa estar sob a sombra de um nome gigante dentro do gênero para, também, se tornar um gigante. O álbum de estreia de sua carreira solo expõe a glória de um veterano desde a sua faixa de introdução, "Northern Hymn", que, em menos de um minuto, já deixa o ouvinte ciente do que terá no álbum com sua bela melodia característica dos elementos de folclore nórdico e viking, e das raízes pagãs escandinavas – que, obviamente, são temas explorados nas letras. O peso e os elementos musicais típicos do Black Metal se encaixam com grande maestria nas melodias folk, fazendo das faixas verdadeiras cargas de euforia sonora do primeiro segundo até o último dos quarenta minutos. A última faixa, "Dying Sun", que foi composta, em 1998, cria um misto de depressão e peso, tornando-a a candidata ideal para encerrar o álbum com beleza e emoção, dando lugar novamente ao silêncio logo em seguida. E o que mais impressiona é que toda essa sonoridade foi criada com o básico dos elementos musicais em uma banda de metal. Ou seja, Demonaz não fez uso de nenhum elemento orquestral e complexo, muito comum nas bandas que gostam de misturar a sonoridade do Black Metal com recursos sinfônicos como violinos e órgãos. O feeling que esse álbum me despertou é incrível e, no geral, posso dizer que Demonaz não poderia ter feito uma "estreia" melhor.

Nota: **10**
Yuri Azaghal

DERELICT
"Derelict"
Independente

Há dez anos, tive a incrível oportunidade de morar na cidade de Montreal, no Canadá. Infelizmente, a cena do metal no país e mais precisamente na cidade era tão fria quanto a temperatura do lugar. De lá para cá, vem surgindo boas bandas canadenses, como é o caso do Derelict. Em 2009, lançaram o excelente álbum chamado "Unspoken Words", no qual já demonstravam uma perícia incrível na hora de compor e executar suas músicas extremas, calcadas no Death Metal, sem poupar nas experimentações, agregando diversas influências ao seu som. Após algumas mudanças na formação, a banda se estabilizou, em 2011, com Eric Burnet (vocais), Jordan Perry (bateria), Max Lussier (guitarra), George Lago (guitarra) e Sébastien Pittet (baixo). É nesse mesmo ano, acabam de lançar um EP contendo três faixas brutais. O quinteto se mostra bastante entrosado e disposto a destruir tudo o que veem pela frente. O Death Metal é, certamente, a base do som; ainda assim podemos conferir passagens bastante técnicas adicionadas de melodias marcantes. A abertura fica por conta da faixa "Perpetuation", que logo de cara mostra todo o poder de fogo da banda. Vocais nervosos e instrumental preciso, com destaque para as levadas velozes de bateria. Na sequencia temos a faixa "Expiry", exemplificando o lado mais melódico supracitado. "Yours To Surpass" fecha o EP de forma brilhante, deixando o ouvinte seco por mais. Vale destacar, ainda, a qualidade da produção e gravação do disco, que ficou ótima. Se você procura por boas bandas do underground mundial, trate de conferir o som dessa banda, pois certamente em pouco tempo ela não será tão underground assim.

Nota: **8.5**
Pedro Humangous

DEVIN TOWNSEND PROJECT
"Deconstruction"
Peaceville Records

Desde seu tratamento para o corte das drogas e abuso de álcool em sua vida, o final do "Strapping Young Lad", Devin Townsend vem reaprendendo a compor até começar o seu projeto – sua quadrilogia, o "Devin Townsend Project". O que me parecia impossível de acontecer, ele fez: o cara se redescobriu e lançou dois maravilhosos discos, "Ki" e "Addicted", este último que conta com a linda e majestosa voz de Anneke Van Giersbergen (ex- The Gathering, Agua de Annique). A terceira parte dessa história complexa de se entender chega com "Deconstruction" e como o nome dessa parte propõe, vamos desconstruir TUDO, até mesmo o que podemos entender de música pesada. O disco é simplesmente perfeito, louco em momentos, mas nessa parte de sua história Devin Townsend veio para realmente descontruir tudo, para quebrar dogmas e paradigmas. Somente ele conseguiria essa maestria e perfeição e ainda, no curso de tudo, trazer de volta à tona o "Ziltoid". Nossa, esse cara é um dos mestres do nosso tempo e pode ser que muita gente esteja passando ser percebê-lo ou mesmo sem dar a atenção necessária para esse gênio canadense da música. Ouçam toda a história e vejam como é possível, mesmo com o mundo da música já saturado, termos coisas únicas.

Nota: **10**
Augusto Hunter

DEVIN TOWNSEND PROJECT
"Ghost"
Peaceville Records

Se na terceira parte da história ele praticamente te leva à loucura, nada como Devin Townsend fechar a história de sua quadrilogia com um disco tão calmo e relaxante como o primeiro – "Ki". Assim vem "Ghost", como se ele estivesse reapertando parafuso por parafuso de sua mente com suas próprias mãos, recolocando todas as peças do quebra-cabeça em seu devido lugar. E você, vendo o plano maior, percebendo "como me deixei enganar por tanto tempo por essa insanidade? Como posso ter demorado tanto a compreender a grandeza disso?". Simplesmente genial em todos os sentidos, "Ghost" vem mostrando novamente o lado Soft Rock/Ambient do Devin Townsend, com músicas de um bom gosto inabalável. Somente ouvindo o disco você poderá chegar a tal conclusão; então, queridos leitores da Hell Divine, façam o que forem fazer, mas ouçam a quadrilogia completa, um atrás do outro e fique perplexo você também!

Nota: **10**
Augusto Hunter

DROWNING THE LIGHT
"Catacombs Of Blood"
Dark Adversary Productions

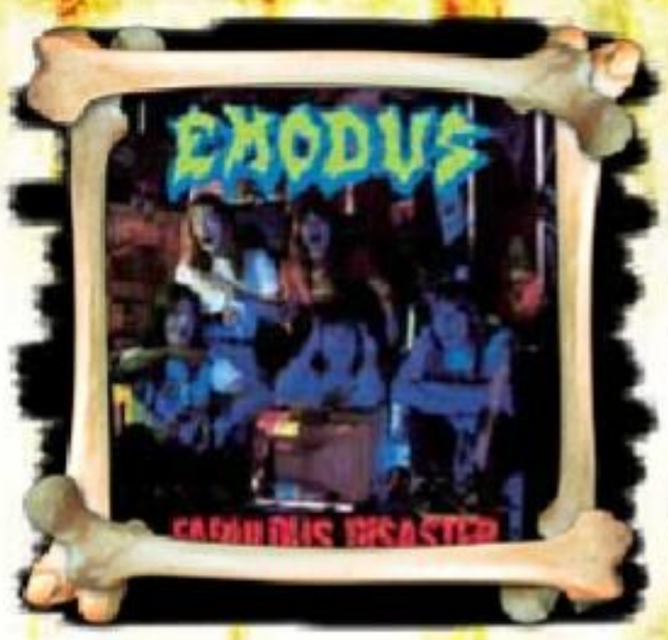
As letras desse álbum já revelam seu intento logo de cara e basta ouvir alguns dos primeiros segundos da faixa de introdução para ter certeza que esse trabalho foi composto de um modo muito meticuloso, para despertar no ouvinte a agonia, a melancolia e a depressão profunda. A melodia do piano se encarrega de fazer isso de uma forma genial, antes do tradicional peso extremo do Black Metal entrar em ação. O som é um tanto cru, e ao mesmo tempo mostra riffs, ritmos e melodias rápidas que, apesar da agressividade, não deixam de exalar aquele tom de tristeza. Sempre tive um profundo respeito por músicos multi-instrumentistas que adotam toda a carga, toda a responsabilidade para si mesmos e Azgorth não é exceção. Com esse novo trabalho, inspirado em temas como melancolia e vampirismo, ele novamente deixa claro que se você realmente tiver vontade e habilidade, sequer precisa de outras pessoas para fazer um trabalho de qualidade; basta apenas você mesmo e alguns instrumentos. "Catacombs Of Blood" não é apenas mais um álbum para você se sentir deprimido, mas você só irá concordar comigo quando ouvir as novas faixas por conta própria. Vale lembrar que "Drowning The Light" adota a filosofia musical das primeiras grandes bandas de Black Metal, então se você é o tipo de fã que não tem frescuras em relação ao chamado necrosound, com certeza, pode esperar grandes coisas de "Catacombs Of Blood".

Nota: **9.0**
Yuri Azaghal

EVIL EMPEROR / CORROSIVO
"Execution – Split"
Underground Produções

Excelente iniciativa dos gauchos das bandas Evil Emperor e Corrosivo em lançar esse split. A ideia é divulgar mesmo o trabalho das bandas e fazer com que as pessoas passem a ter conhecimento de seu som. Infelizmente, o disco não vem com letras ou informações extras sobre as bandas, gravação, formação, etc, mas o que importa mesmo é o que sai das caixas de som, certo? O Evil Emperor promete lançar um disco novo esse ano e espero que cumpram essa promessa, pois a banda pratica um Death Metal de primeira, bastante técnico e brutal. Nesse split, eles ficaram com quatro músicas, sendo uma delas cantada em português e que ficou muito boa! Destaque para a terceixa faixa, "Devoured By Inner Bestiality". Já na quinta faixa, é a vez da banda Corrosivo. Todas as letras são em nosso idioma e o som é uma mistura de Thrash com Death Metal. A qualidade da gravação ficou um pouco inferior, abafada e mais amadora, mas o importante é a qualidade das composições, e isso eles tem de sobra. Se tiverem condições de gravar em um bom estúdio, com bom produtor, tenho certeza que será um grande disco. As músicas são bastante pesadas, cadenciadas e sombrias. Destaque para "Máquina do Ódio". Uma boa forma de mostrarem seus trabalhos, espero que mantenham o pique e lancem álbuns completos em breve!

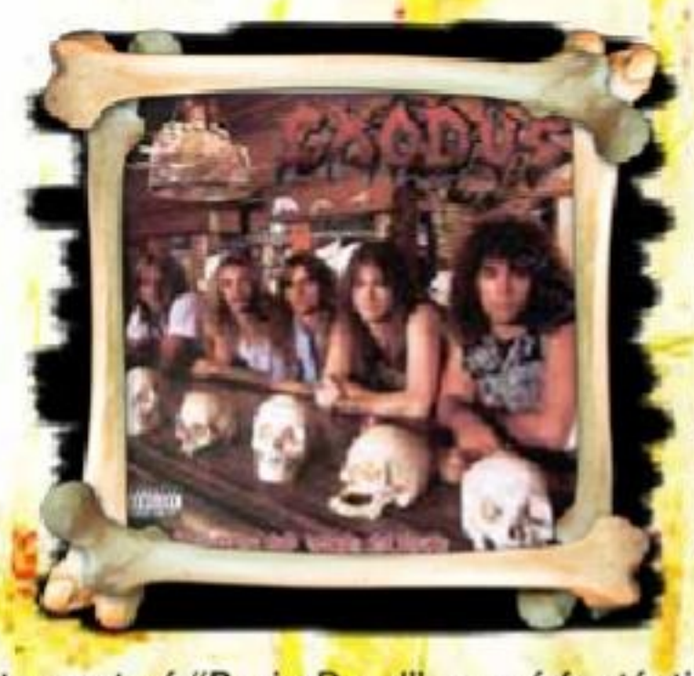
Nota: **7.0**
Pedro Humangous



EXODUS
"Fabulous Disaster"
Shinigami Records

Pense em um álbum bom. Agora multiplique por dez. Pensou? Multiplicou? Eleve isso à décima potência do mais puro Thrash Metal! Esse é o terceiro álbum da banda Exodus lançado, em 1989, pela Combat Records; o último com Tom Hunting antes do lançamento de "Another Lesson in Violence". Com certeza, esse petardo é um marco histórico no mundo metalístico. Apesar de ter dois covers, "Low Rider" da banda War e "Overdose" do AC/DC, seu conteúdo é frenético e com uma energia fabulosa. Muitos e muitos bangers não se cansaram de ver o fantástico vídeo "The Toxic Watz" passado na MTV Headbager's Attack. Assistir a como Rick Hunolt faz seus vôos no palco acompanhado de diversos moshes do público, simplesmente é alucinante! Na obra, "The Last Act Of Defiance" é uma martelada atrás da outra, uma usina sonora. "Fabulous Disaster" consegue ser destruidora e parece ser uma fábrica de riffs massacrantes. "Canjun Hell" é extremamente sensacional e não te deixa parar de bater cabeça um segundo sequer. "Like Father, Like Son" é a mais longa do álbum com seus mais de oito minutos de puro trabalho e peso. Enfim, essa obra não pode faltar em sua discografia. Por isso, se achar o CD vendendo por aí, não deixe de comprar. É FABULOSO!

Nota: **10**
Ricardo Thomaz



EXODUS
"Pleasure Of The Flesh"
Shinigami Records

Se "Bonded By Blood" já era um massacre, todos esperavam que o segundo álbum do Exodus fosse mais assassino que o antecessor, mas não foi muito bem assim. Lançado em 7 de outubro de 1987, "Pleasure Of The Flesh" marca a entrada de um novo vocalista, Steve "Zetro" Souza, que substituiu Paul Baloff. Muitos fãs do Exodus torceram o nariz com isso, mas logo se acostumaram e reconheceram que a voz de Souza se encaixava perfeitamente ao som da banda. As músicas, na minha opinião, são excelentes, com muita energia e thrash na veia, mas em comparação com "Bonded By Blood" ficaram devendo um pouco. A produção do álbum ficou abaixo do esperado, porém, os riffs são excelentes em todas as faixas. A melhor música desse álbum certamente é "Brain Dead", que é fantástica! A música título "Pleasure Of The Flesh" é uma usina de riffs que colocam qualquer um pra agitar. "Chemi-Kill" é extraordinária e possui riffs bem rápidos e eletrizantes. Com certeza, com esse álbum, o Exodus pôde mostrar que há vida pós-Baloff e que o thrash continuaria sem a sua personalidade difícil e seus problemas com álcool e drogas.

Nota: **7.0**
Ricardo Thomaz

FORBIDDEN
"Twisted Into Form"
Shinigami Records

Segundo petardo dessa fantástica banda californiana. Seu antecessor "Forbidden Evil" foi realmente uma avalanche destruidora de riffs e "Twisted Into Form" veio para confirmar que o mal proibido teve sua seqüência devastadora. Esse álbum marca a entrada de Tim Calvert nas guitarras, entrando no lugar de Glen Alvelais e marca também como sendo o último álbum de Paul Bostaph, que logo depois foi para o Slayer substituindo Dave Lombardo. Com o mais puro thrash metal, o Forbidden manda realmente muito bem nesse álbum, bastante técnico e agressivo. Graig Locicero desfila seus riffs como anjos negros em busca da total destruição. "Step By Step" teve seu video clipe rolando na Headbanger's Attack e logicamente foi um grande sucesso. Pra mim, a melhor música desse álbum é "Twisted Into Form", sensacional, pesada e técnica, com solos animalescos e envolventes. "R.I.P." é um arremesso no ouvido com riffs rápidos e com pegada thrash aniquiladora. Paul Bostaph manda bala e prova por A+B como se toca uma batera com velocidade e precisão. "One Foot In Hell" fecha com chave de ouro esse excelente álbum. Com a mais absoluta certeza, uma obra prima que não pode faltar para um bom apreciador do thrash metal.

Nota: **8.0**
Ricardo Thomaz

GRAVE DESECRATOR
"Insult"
Ketzer

E o underground brasileiro conseguiu de novo. "Insult" é o segundo álbum de estúdio da banda carioca Grave Desecrator, sendo o segundo e último trabalho da banda a ser lançado pela gravadora Ketzer. Não há dúvidas que esse disco marca mais um grande ponto no placar do metal nacional. Esse álbum é uma das melhores combinações dos estilos Black Metal e Death Metal que tenho ouvido nos últimos tempos. O álbum está brutal e profano, ou seja, ele está perfeito. As letras merecem uma atenção especial, pois são realmente geniais. A habilidade instrumental dos caras é inquestionável, muito menos o vocal feito por Butcherazor. O álbum contém ao todo 12 faixas incríveis, sendo duas delas instrumentais. E, claro, para finalizar, uma ótima capa com uma arte bem herege. Somam-se ao todo 45 minutos aproximados de pura agressividade, solos intensos, bases com grande peso e distorção e uma bateria fulminante, sem esquecermo-nos do baixo, claro. E ainda por cima tem gente que insiste em dizer que o metal brasileiro não presta – e são brasileiros que dizem isso. Para essas pessoas, o meu conselho é deixarem de ser alienados e pararem de olhar apenas o comercial do comercial. Expandam a mente e comecem a dar atenção para o underground. Vocês estão perdendo muita coisa boa. Faixas recomendadas: "Black Vengeance", "Stained By Blood", "Dangerous Cult" e "Poisoned Purity".

Nota: **9.0**
Yuri Azaghal

GUTTURAL DECAY
"Epoch Of Racial Extermination"
Coyote Records

Sabe quando você encontra um álbum que representa tal gênero com certa senhoria? Que possui todas as características do estilo bem organizadas e combinadas com uma criatividade singular ao mesmo tempo? "Epoch Of Racial Extermination" é um desses. Guttural Decay surgiu, no final de 2007, em Moscou e tendo como inspiração – segundo informações na página do MySpace da banda – Guttural Secrete, Waking The Cadaver e Viral Load já mostra um belo e criativo Slamming Brutal Death Metal. Mesmo com apenas uma demo e um EP, já é forte influência na cena e caminha para ser uma das grandes bandas. O full-length tem pouco menos de 30 minutos contando com dez faixas, incluindo um cover de "Babykiller", da Devourment. O cover ficou sensacional e, em minha opinião, melhor que a original – o vocalista faz os guturais mais trancados, irreconhecíveis de letra, brutais e sombrios. O vocal é assim na maioria do álbum, mas com uns diferenciais – existem trechos que parecem de Brutal Death Metal normal, sem a característica Slamming, que é um pouco mais alto e menos trancado. Uma coisa que me chamou a atenção foi a capa do álbum: bem retrô e obscura, com umas caveiras de monstros disformes desesperadas em meio a vísceras vermelhas. Ela desenha mais ou menos o que você sente ao escutar Guttural Decay. As faixas que mais me impressionaram em nível de criatividade, brutalidade e vocais, apresentando também breakdowns encantadores são "Mortal Defilement", "Infected Collapse", "Infesting Of Incubation" e "Supreme Act Of Torture"– bateria com pedal duplo a toda velocidade e a guitarra do tipo slam dançando com o baixo, que é bem perceptível, acrescentando um maior peso. Em geral, "Epoch Of Racial Extermination" é um ótimo primeiro full-length para a banda e também bem fácil de ser ouvido por quem gosta de um metal pesado.

Nota: **9.5**
Igor Scherer

HURLEMENT
"De Sang Et D'Acier"
Emanes Metal Records

Hoje em dia receber material físico para resenhar das bandas ou gravadoras é raridade, infelizmente. Recebemos umas versões promo, que nada mais são do que um CD-R com as faixas gravadas dos originais. Sem ter acesso às letras, encarte, etc, fica dificil conhecer melhor a banda a ser resenhada e assim passar as informações com maior precisão e qualidade aos leitores, fãs e consumidores – já que o intuito ao enviar discos para resenhas em sites e revistas, são as vendas certo? Bem, esclarecido esse ponto, vamos à resenha propriamente dita. Hurlement é uma banda que pratica um Heavy Metal tradicional, e simples. Praticamente um Manowar francês. Algumas músicas são cantadas em inglês e outras em francês mesmo. Tudo bem que na década de oitenta esse estilo era novidade e muito bem difundido entre os fanáticos pela música pesada na época, mas hoje em dia, é difícil entender os motivos pelas quais uma banda resolve gravar simplesmente mais do mesmo. Nada aqui é novidade, nem a qualidade de gravação, abafada e cheia de ecos. O vocalista não é ruim e executa bem seu papel, lembrando bastante o Eric Adams (Manowar) e Kai Hansen (Gamma Ray). As guitarras caminham em linha reta, mas conseguem ser interessantes em alguns momentos entre um riff e outro. A arte da capa por sua vez é maravilhosa e

merece todos os detaques, pena eu não ter a informação de que a fez. Para quem parou nos anos oitenta e curte esse estilão classico do Heavy Metal, vale uma ouvida descompromissada. Talvez sua impressão seja um pouco melhor do que a minha, pois a mim nada impressionou.

Nota: **4.0**
Pedro Humangous

IN FLAMES
"Sounds Of A Playground Fading"
Nuclear Blast

O In Flames é uma banda que desde o seu início vem agradando a muita gente, mas de um tempo para cá, devido a mudanças bem drásticas em sua sonoridade e inclusão de muitas influências, fãs mais extremos do estilo inicial proposto pela banda vem torcendo o nariz, enquanto outros vêm aceitando e curtindo o som da banda até o momento. O importante é dizer que o In Flames continua com a sua proposta inicial: fazer uma boa música, não importando o estilo ou mesmo o "formato" em que sua música vai sair e, assim, eles lançam mais um grande álbum, o "Sounds Of A Playground Fading". Com uma gravação, como sempre, linda, limpa, clara e perfeita, o disco começa com a faixa-título, mostrando um In Flames mais diferente ainda do que vimos em seu disco anterior, com mais cadência e mais melodia, passagens de teclado que em momentos chega a nos lembrar do projeto do vocalista Anders Fríden, "Passenger". Falando em vocal, esse, que continua maravilhoso, é sempre um ponto a ser destacado na banda que, atualmente, não conta mais com Jesper Strömblad. Em seu lugar está o guitarrista Niclas Engelin (ex-Engel), um bom profissional que veio e fez bem o trabalho dele, ao lado de Björn Gelotte. Dou 9 ao álbum por ele estar um pouco mais lento que o anterior, mas com a mesma qualidade de sempre. No entanto, diria que esse não seria um álbum memorável do In Flames, como eles colecionam ao longo de sua carreira.

Nota: **9.0**
Augusto Hunter

INFINITE TRANSLATION
"Impulsive Attack"
Emanes Metal Records

Quando recebi o CD para resenhar, me assustei com a capa, pois pensei que Ed Repka havia sido plagiado descaradamente, usando a ideia de Rust in Peace do Megadeth para compor a ilustração de Impulsive Attack. Meu queixo caiu quando vi que o responsável pela capa era ele mesmo, mas, todos sabem que a maioria das bandas de Thrash/Speed adora este tipo de arte, conseqüentemente isso acaba influenciando no trabalho final, certamente a pedido da própria banda. Quanto ao som, os franceses do Infinite Translation estão um pouco distantes da sonoridade de Mustaine & Cia, buscando em bandas mais agressivas como Kreator, Slayer, Overkill, Anthrax, Nuclear Assault e Sepultura (fase Schizophrenia) suas maiores influências, usando e abusando da rapidez, constante em praticamente todo o álbum. A intro instrumental Escaped abre o disco despejando riffs em velocidade estonteante, com a bateria funcionando como uma espécie de "locomotiva desenfreada", abrindo caminho para The Past Never Dies, sem descanso para o pescoço. Legion of Death possui momentos mais lentos (para o padrão da banda), com alguns arroubos de pura pancadaria. Além de a temática nuclear ser abordada, a banda também se inspira em filmes de terror clássicos como "Re-Animator", "Evil Dead", "Hard Rock Zombies", etc, elementos que se completam perfeitamente. No geral, o que Max Maniac (guitarra/vocal), Guillautine (guitarra), Jon Whiplash (baixo) e Fish Killer (bateria) fazem é a mais pura diversão, num misto de amor por cerveja, filmes de zumbi e Metal, sem pretensões de mudar o mundo da música.

Nota: **7.5**
Maicon Leite

INTESTINAL DISGORGE
"Depravity"
Carnificina Records

Mas o que diabo é isso? O leitor deve se perguntar ao saber que o disco possui nada mais, nada menos que 60 faixas! Sim, 60. Tem gente que chama isso de música, eu prefiro dizer que são vinhetas do inferno. Creio que nenhuma música passe de um minuto de duração. E isso é ruim? Jamais! Estamos falando do bom e velho Gore/Grind/Splatter Metal. Curto e grosso, mais direto ao ponto, impossível! É uma porrada atrás da outra, sem descanso. O álbum é recheado de passagens e vinhetas de sons com falas, vômitos, práticas sexuais, violência etc. Tudo misturado ao som caótico, desesperado e doentio que sai das caixas de som. O Intestinal Disgorge é uma banda

americana de San Antonio, Texas. Começaram em meados da década de 90 e de lá para cá lançaram uma penca de demo tapes, splits, EP's e CD's. Agora, em 2010, por meio do selo brasileiro Carnificina Records, somos brindados com o mais recente trabalho intitulado "Depravity". A gravação está excelente, um baixo incrivelmente encorpado, bateria incessante, guitarras que mais parecem motosserras e um vocal cavernoso! Destaques? Dentre as 60 faixas? Jamais arriscaria apontar. É o tipo de disco que se ouve de ponta a ponta, de preferência batendo cabeça o tempo todo! A capa é horrível, mas estranhamente bela! Típica do estilo. Espero que essa gravadora continue firme, trazendo mais desgraças como essa ao nosso mercado.

Nota: **8.0**
Pedro Humangous

JOB FOR A COWBOY
"Gloom"
Metal Blade Records

Um EP que, certamente, divide a massa que é fã de Job For A Cowboy desde os tempos de "Doom" e os apreciadores novos, que descobriram no "Gloom" uma banda sólida de Technical Death Metal. Ao passo que a banda parece tentar apagar as épocas em que cada música sua tinha pelo menos um breakdown e um pig squeal; também, ela acaba por deixar poucas características do seu antigo Deathcore e isso pode ter marcado ou marcar os fãs de 2005 e 2007, por exemplo, de forma negativa. Porém, os caras, pelos menos, lançaram um EP demonstrativo do que está por vir; dessa forma, em vez de um full-length, eles vão "amaciando" aos poucos os fãs de Deathcore e buscando por novos que gostem de algo mais técnico. O álbum contém quatro faixas bem parecidas entre si e, dentro delas, várias inversões de tempos e de tomadas, algo inconstante. Em 15 minutos de duração, Job For A Cowboy procura impressionar e, eventualmente, em algumas partes, consegue isso. Particularmente, a faixa que mais me impressionou e é, consequentemente, a minha favorita é a "Misery Reformatory". Ela apresenta riffs dedilhados da The Black Dahlia Murder, solos caóticos da Suffocation e a bateria cheia de metrancas – blast beats – da polonesa Behemoth; nos momentos sem vocais, até parecia que eu estava escutando outra banda. Essas características e entre muitas outras de outras bandas, está presente em todo álbum, deixando, assim, a ausência da criatividade desses caras de Arizona. JFAC está ficando cada vez mais técnica, mas, aparentemente, menos originais. E originalidade é algo que importa muito quando o assunto é música. Contudo, seria tolo e infantil dizer que a banda não fez nenhum progresso com esse álbum – fez, e muito. O baterista Jon Rice – presente desde 2007 - melhorou sua já perfeita técnica no pedal duplo e nos rolos. Bobby se adequou aos novos moldes de influências da banda, mediando seus acordes e riffs a um estilo mais técnico. Jonny Davy continua com seu gutural baixo e sujo, mas piorou um pouquinho nos altos. Brent Riggs – o baixista e backing vocal - adicionou à banda características melódicas do Black Metal que via na Abigail Williams, sua banda há oito anos. Se você gostou do álbum "Ruination", ou até mesmo do "Genesis", Death Metal bem regular de 2007, verá em "Gloom" um amadurecimento da Job For A Cowboy. Agora, espero que eles tenham se decidido de qual som fazer; Deathcore, Death Metal ou Technical Death Metal? Uma coisa eu garanto: ruim não será.

Nota: **8.0**
Igor Scherer

JUNGLE ROT
"Kill On Command"
Victory Records

Cru, ríspido, decidido, firme, forte, sólido, seguro, viril, animalesco, determinado, direto. Eu poderia citar mais uns 30 adjetivos desse gênero que classificaria o som da Jungle Rot como ele é. Com pouco mais de 15 anos de estrada, a banda tranquilamente transita na cena underground: boa repercussão nos Estados Unidos e, principalmente, na Europa. E há motivos para essa tranquilidade toda; o Death Metal carece de bandas como Jungle Rot e Vomitory, por exemplo. Bandas com a simplicidade e a criatividade que estas duas senhoras do metal têm aparecem de vez em quando. Contrastando a busca por extrema técnica – muitas vezes, sem qualquer conteúdo – de muitos músicos, "Kill On Comand", assim como outros recentes álbuns da Jungle Rot, mostra que a técnica não é a coisa mais importante, e sim a organização e a cadência encerradas em conjunto, o que lembra muito a época da ascensão do Death Metal. O álbum começa muito bem com a faixa "Their Finest Hour", que apresenta bastantes dedilhadas tremidas – tremolo picking – e elementos do Thrash Metal, assim como todo o álbum. Faixas como "Rise Up & Revolt" e "I Predict A Riot" mostram a explícita fusão entre o Thrash e o Death. As que mais se destacam, apresentando uma disposição perfeita dos integrantes na elaboração das tablaturas e na gravação, são a "Demoralized" e a "Blood Ties".

Nota: **8.0**
Igor Scherer

KILLRAPE
"Corrosive Legion"
Independente

Eis que tenho em minhas mãos, com exclusividade, o novo disco dos cariocas do Killrape! O primeiro disco, "Corrosive Birth" foi lançado de forma independente e gratuita no ano de 2010. Um ano depois, a banda nos brinda com mais um álbum de inéditas, composto por onze faixas do mais puro Thrash Metal, totalmente atual, agressivo e cativante! É incrível como o mentor Nilmon Filho (guitarras) e seus comparsas Rodson Lemos (baixo e voz), Turko (bateria) e João Paulo (guitarras), prezam pela qualidade em todos os níveis: visual e musical. A arte da capa ficou sob responsabilidade do mago Gustavo Sazes, que apresentou um belíssimo trabalho. Se comparado com o trabalho anterior, o novo disco não apresenta mudanças drásticas no som, apesar de um aprimoramento na técnica e nas composições, que estão matadoras! Podemos notar uma influência de Kreator (ouça a faixa "Self-Destructive Race"), Machine Head, além de outras clássicas do gênero. Pitadas de Death Metal incrementam as canções, que mesclam muito bem o old school com o lado mais moderno. Na maior parte do tempo, as músicas são velozes e agressivas, graças aos riffs de Nilmon, e o vocal enfurecido de seu irmão Rodson. As letras, na maior parte do tempo, tratam do ser humano e seu lado mais obscuro. No primeiro disco, o filho do Diabo havia nascido. Agora, em "Corrosive Legion", ele está crescido e convoca uma legião de seguidores para reinar na Terra. Mais um belo trabalho do Killrape, mostrando que veio pra ficar de vez no cenário nacional. Corra atrás do seu e compre. Altamente recomendado!

Nota: **9.0**
Pedro Humangous

LOST FOREVER
"Rising"
Independente

Quando comecei minha coleção de discos, o álbum "The End Of Beginning" da banda carioca Lost Forever, foi um dos primeiros que adquiri. Na época, foi um disco muito bem recebido pelos fãs e pela crítica especializada. Depois de um tempo sumidos da cena, eis que ressurgem esse ano com um novo registro de inéditas, o "Rising". Para quem ainda não conhece a banda, eles praticam um Prog Metal de primeira, calcado em bandas como Dream Theater, Threshold e o peso do Symphony X. Falando em peso, já é possível notá-lo logo na primeira faixa, "Perfect Machine". Uma introdução de respeito, deixando o ouvinte ansioso pelo que ainda está por vir. Essa primeira música é como se fosse uma mistura entre os brasileiros do Mindflow (pelos vocais), Dream Theater (pelas melodias e pelo teclado) e Symphony X (pela construção da música e pelo peso absurdo). Achei o refrão pouco inspirado nessa faixa, coisa que não se repete na música seguinte, "Sheltering Darkness". Destaque para o baixo e bateria, quebrando tudo em sincronia perfeita! Os teclados aqui tem um papel importantíssimo e não ficam como meros coadjuvantes, como em muitos casos do estilo. Detalhe que pode ser notado em "Aletheia". A quarta faixa, "Rising", possui um belo refrão e influências de música egípica que ficaram bastante interessantes. "Nexus", "With Your Own Eyes", "Abcense & Fear" e "Brewing My Hate", completam o disco, deixando-o bastante coeso e atrativo. Como é de praxe, discos de Prog Metal possuem faixas de longa duração. Para o final, foi reservada a música "One Letter For Vengeance" com pouco mais de 15 minutos. Ao longo da audição, podemos ver que o Lost Forever vai diminuindo as influências e reforçando cada vez mais seu som próprio. Um bom disco, após uma espera longa. Espero que não demorem tanto para lançar outro álbum!

Nota: **8.0**
Pedro Humangous

LUCTUS HYDRA
"Blasphemous War"
Black Crusade Producciones

Existem poucas coisas – no que diz respeito à habilidade vocal – dentro do metal que mereçam tanto respeito quanto um gutural feminino bem produzido. Claro que é obrigação minha citar Angela Gossow aqui e também a vocalista italiana Cadaveria, mas, felizmente, o poder das mulheres dentro do metal extremo não está limitado somente a esses dois ótimos exemplos. Claudia Celis, vocalista da banda chilena Luctus Hydra – às vezes chamada somente de Hydra – mostra toda sua força e magnitude no novo álbum da banda, "Blasphemous War", lançado em 2010. O padrão de sonoridade, falando de uma forma geral, não apresenta grandes mudanças em relação ao álbum anterior, "Screams and Laments from the Deepest of the Soul", lançado em 2009. Ou seja, as músicas continuam ótimas, mesclando emoções que variam de melancolia a uma raiva eufórica e reanimadora. Resumindo, posso dizer que "Blasphemous War" é uma catatonia que se manifesta na forma mais pura, usando a música como intermédio. O peso das guitarras, as melodias melancólicas do teclado, os blast beats

da bateria e os grooves do baixo estão em perfeita sintonia para gerar um poderoso e típico necrosound, mas nada supera a força do gutural de Claudia, que se destaca com fervor entre o fluxo de notas e melodias. Em muitas passagens, diversas faixas do álbum me lembraram dos primeiros trabalhos da Cadaveria – que, em minha opinião, são os melhores. Se você é fã de gutural feminino e não conhece Luctus Hydra, sugiro correr atrás o quanto antes. Está perdendo mais uma ótima banda.

Nota: **10**
Yuri Azaghal

MORBID ANGEL
"Illud Divinum Insanus"
Mana Recordings Studios

Desde o retorno do clássico vocalista a sua posição de origem, viemos esperando por longos sete anos. Todos aguardávamos por ele, aquele que seria o retorno do grande David Vincent ao Morbid Angel. Tudo bem, não seria a formação clássica, pois Pete Sandoval ainda se recupera de uma cirurgia, mas não tem problema, o time chamou o exímio Tim Yeung (Divine Heresy, Decreptih Birth, entre outras...) para ocupar o lugar. Trey Azgathoth e David Vincent sempre curtiram fazer experimentalismos; beleza, acho válido por demais, mas com qualidade musical, não esse LIXO que lançaram como sendo "O retorno do Mal". Por favor, tenham misericórdia dos meus tímpanos! Acompanhando o lançamento de perto, vi a capa – uma obra do Gustavo Sazes –, uma arte digna de prêmio, linda, e isso me deixou até mais obcecado ainda. Devo confessar, saiu o track list e, logo de cara, uma música me chamou a atenção: "Too Extreme!" Olhem bem o nome da música e me digam se tem algo de "extremo" nisso! Se a sua resposta foi "Nada", muito obrigado, pois concordamos completamente. Tenho que dizer que me dá até raiva! Existem coisas que salvam, "Blades For Baal", "Nevermore", "I Am Morbid" são boas músicas, mas as outras: LIXO! Nem vale a pena continuar. Decepção sem tamanho é o que tenho a falar.

Nota: **3.0**
Augusto Hunter

NECROBIOTIC
"Alive And Rotting"
Songs For Satan

Deve ter alguma coisa rolando na água que os mineiros bebem... A quantidade de boas bandas de metal que surgem daquele estado não é brincadeira! O Necrobiotic surgiu na década de 90 e, após uma pausa, retornaram, em 2009, a fim de tocar o bom de velho Death Metal. Agora, em 2011, acabam de lançar o disco chamado "Alive And Rotting". Uma verdadeira paulada na orelha. Death Metal sujo e agressivo, sem frescuras, com boas doses de Splatter. As músicas são, em sua maioria, bastante rápidas e brutais. Em alguns momentos lembra bandas como Grave e Dismember, por exemplo. A gravação ficou muito boa, com exceção da bateria, que ficou um pouco alta demais, abafando os demais instrumentos. As mentes doentias por trás dessas belas músicas são: Faco (vocais e guitarras), Broka (bateria), Alexandre (baixo e vocais) e J.Hell (guitarras). O disco não foi prensado de forma profissional, mas vale destacar a qualidade na confecção desse material, ficou de primeira qualidade. A arte da capa, apesar de simples, é bastante interessante e combina bem com a proposta musical dos caras. Confesso que gostei mais da arte da parte de trás do CD, mas isso é questão de gosto pessoal, mesmo. Uma sequencia matadora com as faixas "Shame", "Metal Hell" e a que leva o título do álbum "Alive And Rotting". O cenário brasileiro é rico demais para as pessoas reclamarem tanto. Temos ótimas opções de bandas executando um som honesto e muito bem feito. E esse é o caso do Necrobiotic! Não deixe de conferir!

Nota: **8.0**
Pedro Humangous

NECROPSYA
"Distorted"
Independente

O segundo álbum da banda Necropsya já encanta logo pela bela arte que envolve o disco – tanto na parte da frente, quanto na de trás. "Distorted" é composto de 13 faixas de um Thrash Metal modernoso, recheado de groove e diversas influências de outros estilos, fazendo com que o som desses curitibanos seja algo de extremo bom gosto, agradando aos fiéis do estilo e ainda angariando novos ouvintes sedentos por inovação. A gravação está excelente, bastante cristalina – evidenciando bastante as linhas de baixo. A banda é formada por Henrique Vivi (vocal e baixo), Henrique Bertol (guitarras e backing vocal) e Celso Costa (bateria e backing vocal). O power trio faz inveja a muita banda abarrotada de músicos por aí. Além da técnica apurada que demonstram,

a qualidade de composição é notável e merecedora de aplausos. É possível notar influências de Lamb Of God, Pantera e Anthrax (principalmente nas levadas de alguns riffs), além da parte vocal ter me lembrado um pouco de Arch Enemy em alguns momentos. A banda procura variar bastante entre uma faixa e outra, onde é possível conferir algumas surpresas, como é no caso da faixa "Son Of A Bitch", uma mistura de Black Label Society com o já mencionado Pantera. Ainda no item surpresa, temos duas faixas cantadas em português, "Utopia" e "Stress", que fecha o disco com maestria. Um ótimo lançamento de uma banda nacional, que merece destaque e, certamente, após esse registro, alcançará vôos mais altos.

Nota: **8.5**
Pedro Humangous

NEGATIVE PLANE
"Stained Glass Revelations"
AJNA Offensive

Dessa vez é os Estados Unidos que merece os parabéns, e como merece! Em exatamente dez anos de carreira, a banda Negative Plane lançou, esse ano, seu segundo álbum de estúdio intitulado "Stained Glass Revelations". Não querendo aqui desvalorizar o álbum anterior da banda – até porque não sou ninguém para isso –, mas eles realmente se superaram com esse novo trabalho. Os instrumentos foram usados de uma forma genial, gerando elementos que criam uma atmosfera sinistra que despertam emoções incrivelmente profundas e sombrias. Isso se nota logo na primeira faixa, "The Fall", que soa incrível, lembrando aquelas músicas que começam de uma forma lenta e sinistra em filmes de terror, deixando você sem a mínima noção do que vai acontecer. O álbum foi produzido e gravado de uma maneira genial, fazendo a sonoridade expor o cenário das letras em sua mente de uma forma magnífica. Ao todo o álbum tem, aproximadamente, uma hora de duração, na qual cada segundo soa como uma agonia obscura e o emocional se exala totalmente no clima criado pela atmosfera negra do álbum. Pessoalmente, posso dizer que essa foi uma das resenhas que mais me deu gosto de fazer até hoje. Os caras realmente captaram a ideia e, com certeza, sabem fazer um Black Metal de qualidade. Claro que nem é preciso dizer o quanto eu recomendo esse álbum, não é?

Nota: **10**
Yuri Azaghal

NOVEMBERS DOOM
"Aphotic"
Shinigami Records

Ainda me lembro bem de quando descobri essa banda americana de Doom Metal, o Novembers Doom. Na época, eles ainda eram bastante desconhecidos, pelo menos aqui no Brasil. Desde então, venho acompanhando o trabalho desses caras e me surpreendendo cada vez mais por meio de extraordinários lançamentos como "The Pale Haunt Departure" (disco de 2005) e "The Novella Reservoir" (2007). Parece que, finalmente, a banda caiu no gosto do público brasileiro, apaixonado pela vertente mais obscura, arrastada e de certa forma triste praticada aqui. Ainda bem que esta gravadora brasileira apostou na banda e lança agora, em 2011, o mais recente trabalho do grupo, o "Aphotic". A sonoridade do Novembers Doom permeia entre o Opeth e My Dying Bride. A voz de Paul Kuhr é inegavelmente o destaque e a cara da banda, seja quando abusa do gutural ou quando simplesmente solta sua bela voz em partes mais cantadas e acessíveis. As melodias criadas são maravilhosas e marcantes, aliando de forma ímpar, o lado agressivo e obscuro ao melodioso e pacífico. "Aphotic" foi mixado e masterizado pelo mestre Dan Swano, que também deu o ar da graça cantando em "Of Age And Ruin". O álbum conta, ainda, com a participação especial de Anneke Van Giersbergen na faixa "What Could Have Been" (que música sensacional!). Destaque para as duas primeiras músicas "The Dark Host" e "Harvest Scythe", ambas pelas belas passagens e refrãos marcantes. Mais um "discaço" dessa banda que não para de crescer mundo afora. Definitivamente, vale a audição e aquisição! Espero que venham para o Brasil em breve!

Nota: **9.0**
Pedro Humangous

PAINSIDE
"Dark World Burden"
Inner Wound Recs

Não tem como não dar nota máxima para essa maravilhosa banda oriunda do Rio de Janeiro. O Painside veio para mostrar que o Metal carioca ainda tem muito para mostrar ao país inteiro. O disco é extremamente bem gravado e mixado, guitarras pesadíssimas, riffs lotados de qualidade, um vocal mais do que excelente; esse time novo de bons músicos ainda tem muito para nos oferecer, tenham essa certeza! "Dark World Burden", seu primeiro lançamento, vem somente para concretizar isso. O vo-

cal de Guilherme Sevens me remete aos clássicos Bruce Dickinson e Rob Halford, com agudos altos e potentes, mas com momentos graves maravilhosos e bem encaixados. As guitarras de Carlos Saione sobressaem maravilhosamente, arranjos muito bem feitos. Em minha opinião, todas as músicas desse lançamento merecem atenção, destacando a excelente "Forsaken", com um refrão que gruda em sua cabeça de maneira mais que agradável! No Myspace da banda está disponível para download a faixa "God Make Me Unbreakable", tema de entrada do lutador Rony Torres na UFC, com participação de Jean Dolabella (baterista do Sepultura). Que marra, hein?

Nota: **10**
Augusto Hunter

RESISTANCE
"A Tale Of Decadence"
Emanes Metal Records

Mais uma banda francesa chega em nossa redação, dessa vez o Resistance dá as caras através de seu mais recente trabalho, "Tales Of Decadence". A capa enigmatica já chama a atenção, e ao ler um pouco sobre a banda, descobri que o disco é conceitual baseado em uma história escrita em 1796, envolvendo padres, Satanás, estupro e morte. Confesso que a junção do vocal com o instrumental é bastante estranha. O som é um Thrash Metal mais na linha do Speed enquanto o vocal é meio Gothic/Doom, na linha do Moonspell e Paradise Lost. Ainda não me decidi se gostei ou não, mas certamente é algo diferente do usual. As músicas são bastante pesadas e mantêm a velocidade na maior parte do tempo. As bases são simples, sem muita técnica, porém honestas. Atmosferas são criadas para ambientar o ouvinte e fazer com que entremos na história contada. Um exemplo disso são as faixas "Premature Burial" e "Conjure Of Fate", que contam com introduções faladas bem interessantes. Bandas como essa nos mostram que o undergroud continua vivo e forte, cada uma mantendo suas raízes e características próprias, tornando tudo ainda mais interessante. Resistance não vai mudar sua vida, mas certamente será uma experiencia nova para seus ouvidos já cansados. Vale a audição, nem que seja apenas por curiosidade.

Nota: **7.0**
Pedro Humangous

SETHERIAL
"Ekpyrosis"
Regain Records

O problema de algumas bandas de Black Metal é que elas mudam. Mudam tanto que se tornam irreconhecíveis quando analisamos cronologicamente seu repertório, mas, felizmente, com Setherial esse não é o caso. Ao ouvir "Ekpyrosis", a primeira coisa que ele confirma é que é uma banda que conserva a mesma essência musical desde os seus primeiros trabalhos – o que é excelente se tratando de Black Metal, já que a mania do avant-garde provou diversas vezes não gerar bons resultados com esse gênero musical, em particular. Em termos emocionais, o álbum está incrivelmente intenso e profundo, despertando de forma agressiva todos os sentimentos tradicionais que um Black Metal de qualidade é capaz de provocar em uma alma humana. Grande parte dessa intensidade está focada nas letras que estão geniais e, combinadas com a excelente produção e peso das músicas, acabam por intensificar a atmosfera obscura que cessa somente no último segundo do álbum. Uma faixa em particular que eu recomendo é a terceira, intitulada "The Mournful Sunset Of The Forsaken". Além de contar com uma ótima sonoridade, essa letra possui uma letra genial, uma das melhores que já li. Ao todo, são mais de 40 minutos que variam entre a lentidão deprimente e a rapidez intensa. Como era de se esperar, Setherial nos surpreende novamente e posso dizer que "Ekpyrosis" é o álbum ideal nas horas em que você procura música caótica, doentia, obscura e satânica em todos os aspectos.

Nota: **9.5**
Yuri Azaghal

STATIK MAJIK
"Stoned On Musik"
Be Magic Distro

Parece que hoje em dia o Metal em geral tende a ficar cada vez mais extremo. Talvez seja uma tendência passageira, assim como foi a época do Thrash nos anos 80, o Death nos anos 90, o Melodic Power em dois mil e agora a forte onda de Metalcore e Deathcore. Entretanto, não podemos generalizar, certo? A banda carioca Statik Majik prova que não. É raro vermos bandas nacionais praticando esse tipo de som. Muitos estão chamando de Stoner Rock. Seja qual for a nomenclatura usada, o que importa mesmo é a qualidade do som apresentado. Temos pitadas de Hard, Tradicional, umas viagens Prog e aquela típica veia setentista. A sonoridade desse trio é super agradável e cativante. Méritos para Luis Carlos na bateria, Artur Círio nas guitarras e Thiago

Dominogorgoth no baixo e vocais. O bom gosto prevalece nas nove músicas que compõem o disco. Uma timbragem muito bem escolhida por todos os músicos, principalmente das guitarras e seus solos. O álbum intercala muito bem os ritmos, variando entre o mais cadenciado e o mais veloz, assim como os vocais, que são ora mais rasgados ora mais amenos. O estilo da banda me lembrou o de outro grupo brasileiro, o King Bird. São duas bandas nacionais que procuram fugir do padrão, do óbvio. Destaques para as faixas "Shadows Of Hope" e "Born Of A New Day", que mais parece uma trilha sonora para filmes de motoqueiros. Um ótimo disco para se ouvir acompanhado de uma cerveja gelada ou enquanto faz uma bela viagem de carro, de preferência sem destino certo.

Nota: **8.0**
Pedro Humangous

SUICIDE SILENCE
"The Black Crown"
Century Media

Os californianos do Suicide Silence estão cada vez mais nervosos, cada vez mais próximos do Death Metal e mais distantes do Deathcore que eles faziam na época do "The Cleasing". Mesmo com muitas passagens que podem vir a lembrar daquela fase, a proximidade da banda ao Death Metal está cada vez mais aparente em suas músicas, em suas passagens e afins. Apesar de saber que muitos discordaram das minhas palavras, ao ouvir com calma "The Black Crown" a gente começa a perceber que a banda não tem mais os blast beasts e breakdowns como tinham no início. Seguindo o disco você começa a perceber certa vagareza, um jeito mais arrastado de se fazer Suicide Silence, pois a banda tem personalidade – e muita –, isso nada, nem ninguém podem tirar. O vocal do Mitch, como sempre, se destacando no disco, com um peso descomunal; as guitarras parecem duas gigantes muralhas largando ódio e peso em seu sistema auditivo, mas não com velocidade e insanidade como antes, e sim de uma forma moderada, algo até mesmo mais adulto. Parece que eles estão, de certa forma, abandonando o Deathcore para se tornar um Death Metal com muita personalidade; se continuarem assim, eles vão mais longe ainda! Destaque para as músicas "Witness The Adiction" e "Smashed", a primeira com a participação de Jonathan Davis, do Korn – sim, ele mesmo. Participação maravilhosa que (não nego), ao saber dela, torci o meu nariz, pois ele nada tem a ver com o som do Suicide, mas o trabalho ficou incrível! A segunda canção citada, com nada mais nada menos que o já conhecido de todos Frank Mullen, do Suffocation, é mais rápida do que as músicas do disco, até mesmo com uma lembrança do Suffocation, em alguns momentos. No entanto, acho que qualquer semelhança seria mero... "acidente"? Não sei, mas ficou muito boa e vale ser destacada. Para fechar, acho que se a banda continuar por esse caminho conseguirá muito mais do que já veio conquistando, agora é esperar até dezembro e ver como "The Black Crown" funciona ao vivo. Nos vemos no Carioca Club, no dia 3/12!

Nota: **9.0**
Augusto Hunter

THE ARTIFACT
"Eternal Dreams And What Could Be"
Independente

O fato é que o metal moderno veio para ficar, quer você aceite isso ou não. O que quero dizer com metal moderno? Aquelas misturas entre vocais limpos e guturais, passagens eletrônicas, Prog com Deathcore etc. E é o que encontramos aqui nesse lançamento da banda americana The Artifact. Um pouco de tudo, sem que pareça forçado ou deslocado. Uma receita cheia de ingredientes que aguçam os sentidos, principalmente a audição. Estranhamente, "Eternal Dreams And What Could Be" foi lançado de forma independente, apesar da alta qualidade dos músicos e de gravação. Convenhamos, não é nenhuma novidade isso acontecer por aqui em terras brasileiras. Antes de mais nada, temos que mencionar a belíssima arte que envolve o disco, tanto na parte de fora, quanto dentro. A sonoridade varia bastante, como mencionado anteriormente, tendo sua força motriz no Death Metal Melódico, com toques de Prog Metal, Metalcore e alguns breakdowns. Algumas passagens me lembraram levemente do Scar Symmetry. Faixas como "Requiem" exemplificam bem esse fato, contando, ainda, com teclados atmosféricos sinistros bem na linha do Black Metal. O álbum possui 12 faixas, sendo quatro delas instrumentais ou intros para as faixas subsequentes. As guitarras de Adam Teller e Brandon Roberts estão muito inspiradas e despejam uma quantidade de riffs memoráveis. Outro destaque fica por conta dos vocais, liderados por Nate Butcher (responsável por todas as letras), que contam com o auxílio do baixista Ryan Murgatroyd. A banda ainda conta com os excelentes Colby Sixx nos teclados e sintetizadores e John Toth III na bateria. Um time de primeira, que merece mais atenção do público, pois qualidade de sobra e composições de alto nível eles já possuem. Se você não tem frescuras, vale a pena escutar!

Nota: **8.5**
Pedro Humangous

THE BLACK DAHLIA MURDER
"Ritual"
Century Media

Cada vez melhor e mais empolgante, o The Black Dahlia Murder também é uma daquelas bandas que começou no Deathcore, lotada de velocidade e breakdowns e com o passar do tempo veio freando o andamento da música, o que também não veio a mudar em nada a identidade da banda e nem a deixou menos extrema. Para ser mais exato, com a experiência que esses garotos ganharam, extremismo é o que mais vemos em lançamentos dessa banda. Em "Ritual" não poderia ser diferente, gravação excelente, músicas com muita qualidade e o clássico diferencial, aquela influência de Black Metal sempre presente nas partes rápidas da banda; desde as guitarras que ficam bastante ríspidas, e com muito clima no vocal rasgado, coisa que marca a banda desde o início. Músicas rápidas, cadenciadas, passagens com bastante Hardcore – como na essência da banda e outras influências –; sim, você vai encontrar tudo isso nesse maravilhoso disco, que possui 12 faixas de muito som extremo. Acho que nesse caso nem tem como destacar alguma faixa, esse é o carro-chefe desse álbum. Caso fizesse isso, estaria sendo injusto e me esquecendo de citar todas as outras tão boas. Escute e saiba que esses vieram para ficar, estabeleceram seu nome e vai ser difícil alguém conseguir tirar a banda de seu lugar.

Nota: **10**
Augusto Hunter

THE HAUNTED
"Unseen"
Century Media

Se você torceu o nariz, ou realmente não curtiu o último disco do The Haunted por estar moderno demais sem aquelas músicas extremamente rápidas dos primeiros discos, então é melhor ir com calma nesse disco. Vamos começar destacando coisas clássicas da banda, a gravação, como sempre, é um ponto que não pode ser questionado, eles têm uma qualidade incrível; às vezes, pela presença dos irmãos Björler na banda, com toda a experiência deles possa dar uma pesada nesse quesito. Nesse momento você me pergunta, então por que somente essa nota? Vamos lá, ao pegar um disco com o Sr. Dolving no vocal – os irmãos Björler e todo o time – você sempre espera algo mais violento, nervoso e bem rápido, estilo que marcou o The Haunted no cenário, mas desde "rEvolver" a banda vem mudando seu estilo. Naquele disco ainda tínhamos o nervosismo e em "The Dead Eye" ele começa a sumir. Agora, em "Unseen", praticamente não aparece mais. Na sequência do disco, percebemos que a banda está possivelmente explorando todas as suas influências, bem como colocando em suas músicas um pouco mais do "gosto pessoal"; temos passagens praticamente de Pop Rock no álbum. E isso é ruim? Olha, particularmente, não acho, mas com certeza não estava esperando esse tipo de disco deles. Um disco que poderá figurar em rádios de rock no mundo inteiro, mas em meu CD Player, com certeza, não.

Nota: **7.5**
Augusto Hunter

THE PROJECT HATE MCMXCIX
"Bleeding The New Apocalypse (Cum Victriciis In Manubis Armis)"
Season Of Mist

Falar dessa banda é meio complicado, pois em todos os lançamentos eles parecem estar cada vez mais blasfemos, mais ríspidos, mais ignorantes e melhores! E essa evolução é apresentada nesse disco, no qual temos seis faixas da mais pura e bem feita destruição sonora! A banda é composta por ex-membros do Dark Funeral, Entombed e outras. Apesar desse passado dos integrantes, o The Project Hate MCMXCIX faz um som industrial único, com inclusões eletrônicas maravilhosas, passagens de vocal feminino muito bem encaixadas – a voz da Ruby Roque ajuda e muito; apesar de nesse disco ela parecer ter colocado mais raiva no seu estilo de cantar, não afetou em coisa alguma o disco. Nenhum destaque no disco, todas são maravilhosas, apesar de o tamanho de cada faixa até mesmo assustar (a menor delas possui 8min50); mas tenham certeza, vocês nem perceberão o tempo passar!

Nota: **9.0**
Augusto Hunter

THE UNBORN DEAD
"Primitive Origins"
Unborndead Recordings

O Canadá tem revelado grandes nomes para o metal mundial. Acho que nem preciso citar nomes, certo? Algumas atingiram o nível e reconhecimento pelos quatro continentes, outros, entretanto, ainda permanecem no underground. É o caso do The Unborn Dead. Uma banda incrível que acaba de lançar de forma independente o álbum "Primitive Origins". O disco funciona como uma verdadeira faca na goela, rasgando e decepando pescoços despreparados para tamanha brutalidade. Death Metal ríspido, grosseiro e extremamente técnico. Ao invés de introduções sem sentido, a banda escolhe para primeira faixa um tema instrumental, com todo o peso que merece. Os riffs de guitarra lembram algo de Decrepit Birth e The Faceless. Na sequência, "Totalitarian Rites" começa o disco propriamente dito e que belo jeito de começar! Velocidade e agressividade andando juntas, dessa vez contando com os vocais cavernosos, porém totalmente compreensíveis, de Stefano Manera. A produção e gravação estão perfeitas, evidenciando o peso sem deixar o som embolado ou abafado. Destaque para as linhas de baixo de Darek Palubiak, totalmente audível na mixagem e bastante criativo. Outro ponto que merece menção é o absurdo praticado pelo baterista Johnny Macri, sempre alternando os ritmos, abusando do pedal duplo. Completa o time o competente guitarrista John Murphy, com riffs insanos e um timbre perfeito para o estilo. O disco flui de maneira que acaba antes do esperado. As faixas têm em média três minutos de pura destruição sonora. Pelo visto, não é privilégio do Brasil existir bandas excelentes que não possuem contrato com selos e gravadoras. Espero que assinem logo e possam levar esse discaço ao conhecimento de mais pessoas! Recomendo uma audição urgente!

Nota: **9.0**
Pedro Humangous

TOTEM
"Vale Quanto Pesa"
Independente

Já tive a oportunidade de presenciar alguns shows da banda Totem, aqui de Brasília. Dessa última vez, no Porão do Rock 2011, após a apresentação da banda, esbarrei com o amigo e guitarrista da banda, Fábio Marreco, que gentilmente me concedeu uma cópia do debut da banda. "Vale Quanto Pesa" já chama a atenção pela belíssima arte da capa que envolve o digipack. Ao vivo, os caras botam pra quebrar. Impossível não mencionar o desempenho extravagante do vocalista Regivéi que, literalmente, deita e rola no chão. Completam a banda Alex Siqueira no baixo e Thiago Totem na bateria. A produção e gravação estão ótimas, principalmente, a timbragem das guitarras. Com letras cantadas em português, confesso que nada me veio à mente para comparar o som do Totem a outras bandas. É um som bem próprio e singular. Em certos momentos, notei algumas semelhanças com o Mastodon, ou seja, encontramos aqui um pouco de Stoner, Rock, Metal e até pitadas pop – como é o caso da quarta faixa "Balada Perdida" (que belo solo de violão!). As três primeiras faixas começam em um ritmo forte e letras interessantes, com destaque para "Nojanta". Os vocais roucos e "descompromissados" são a identidade marcante da banda e, particularmente, gosto mais quando se arriscam para o lado mais nervoso, mais rasgado, como acontece em "Imagem e Semelhança". O disco segue bastante linear, com ótimas composições, sem dar sinal de cansaço. A banda intercala momentos velozes e técnicos com outros mais lentos e viajantes. O resultado final é bastante positivo, tendo em vista que não vemos bandas nacionais fazendo esse tipo de som ultimamente. Creio que se cantassem em inglês o resultado poderia ser ainda melhor e quem sabe atingir o mercado internacional. Quem sabe numa próxima. Belo trabalho, caras!

Nota: **8.0**
Pedro Humangous

TOXIC HOLOCAUST
"Conjure And Command"
Century Media

Se você quer que eu defina o som do Toxic Holocaust em uma sentença é mole: Metal Punk Death Squad! Sem frescura, sem brincadeira, direto ao ponto como foi criado e como o Joel Grinder gosta até hoje. Esse é o Toxic Holocaust, uma banda de somente um camarada que grava tudo até hoje e em suas turnês usa músicos convidados para, assim, detonar o som de seu petardo em palcos com apresentações sempre empolgantes. "Conjure and Command" não poderia passar por processo diferente, riffs clássicos e marcantes, uma gravação que, apesar de bem clara e limpa, você percebe a diferença das atuais gravações, com uma caixa mais densa, menos estalada do que aquelas que ouvimos normalmente; arriscaria dizer que a gravação desse disco foi feita analogicamente, como era feita nos anos 80. Um álbum de fácil audição, empolgante e com músicas que, com certeza, cairiam como uma bomba atômica em qualquer apresentação da banda, "Conjure And Command" é mais um disco desse estilo que marca muito o fã do som oitentista e que, com certeza, vai ver no Toxic Holocaust uma verdadeira ode

ao período, mesmo sendo único e criativo. Músicas maravilhosas em todo o disco. Ouçam e batam cabeça como, por muitas vezes, eu já fiz ouvindo a esse maravilhoso álbum.

Nota: **10**
Augusto Hunter

TRIVIUM
"In Waves"
Roadrunner Records

Conheci o Trivium em seu penúltimo álbum, "Shogun" (2008), e já me trouxe boas impressões com seu Metalcore. Os norte americanos são uma banda que já cravou sua bandeira na cena, sempre trouxe boas surpresas e críticas em seus lançamentos. Com o lançamento do último álbum intitulado "In Waves" (2011) – o quinto da banda –, ela se coloca mais uma vez entre os destaques do heavy metal, com um som muito bem consolidado e maduro. É um álbum muito bem produzido e a disposição das músicas faz o recheio perfeito para a proposta da banda. O álbum inicia com a bela instrumental "Capsizing the Sea" e já emenda com a faixa título "In Waves" que, para mim, é o grande destaque; com ótima melodia, peso e refrão daqueles que ficam na cabeça, além de utilizar os teclados da música anterior em sua execução, que ficaram muito bons. Destaque para "Inception of the end", rápida (talvez a mais rápida do álbum),com ótimo peso e letra, além de "Watch the World Burn" e "Chaos Reigns", esta última com ótimo peso, cadência para agitar e boa letra. O encaixe da alternância dos vocais guturais e limpos está cada vez mais afiado e muito bem executado, no qual o guitarrista e vocalista Matt Heafy faz as duas variações, enquanto o baixista Paolo Gregoletto faz os limpos e o guitarrista Corey Beaulieu faz os outros screams. Claro que também cabe o destaque ao primeiro álbum de estúdio do baterista Nick Auguto (ex-Infarnaeon). Ah, vale ressaltar que há uma edição especial com cover de "Slave New World" do Sepultura! Ótimas composições, ótimos músicos e um álbum de destaque do gênero para este ano.

Nota: **8.5**
Cupim Lombardi

UNGOD
"Cloaked In Eternal Darkness"
Kneel Before The Master's Throne Records

Mais um excelente trabalho do metal alemão. Apesar da capa raw, esse álbum possui alguns elementos na sonoridade que lembram as grandes bandas da época mais old school do Black Metal. A produção está ótima, assim como as letras que foram compostas com grande criatividade, heresia e ódio anticristão. O peso das músicas está muito bem aplicado, principalmente na guitarra, que alterna entre bases lentas com muita distorção e batidas agressivas. A bateria também é outro elemento que varia bastante de ritmo, soando genial de uma forma incrível. Esse é o resultado de dez anos de experiência de músicos que sabem realmente captar o significado das coisas, de compreender verdadeiramente a essência do Black Metal e traduzi-la em suas próprias composições e gravações. Outro ponto forte é o vocal, que está mais forte e muito bem trabalhado, complementando o instrumental de maneira fantástica, não deixando nada a desejar, tampouco decepcionando em qualquer aspecto de produção ou gravação. Em suma, são 42 minutos de pura agressividade, de um metal extremo que não era visto há muito tempo. Altamente recomendado, sendo uma blasfêmia – no mal sentido – deixar um álbum tão excepcional em formato mp3 no seu PC. Se você acha tudo isso um grande exagero, ouça algumas faixas como "Agnus Dei" e "Deserted Human Plague" que, com certeza, ele se tornará um item de prioridade em sua lista de compras.

Nota: **10**
Yuri Azaghal

VADER
"Welcome To The Morbid Reich"
Nuclear Blast

Mais uma vez os poloneses do Vader sofrem uma extrema mudança de formação, ficando somente o fundador, guitarrista e vocalista da banda, o clássico Peter. Caso você realmente ache que o disco ou a garantia de um belo disco poderia ser comprometido com tal mudança, com certeza, se enganou. Desde a Intro do disco, "Ultima Thule", até a última faixa, "Black Velvets And Skulls Of Steel", o clássico Vader está ali, nos maravilhosos climas soturnos colocados no meio da loucura, a velocidade e qualidade da banda, está tudo aí! Esse é, com certeza, aquele disco que você vai começar ouvindo e vai falar: "Isso é Vader, aí vem coisa boa!" e é muito boa mesmo. "Ultima Thule" dá aquele clássico clima do Vader, sendo seguida pela maravilhosa "Return To The Morbid Reich", mostrando o disco perfeito que ouviremos; blast beats e a clássica

pegada "um por um" estão espalhadas em todos os momentos do disco. Esse que, para mim, pode ser considerando mais um grande clássico na discografia mais que rica dessa grande banda. "The Black Eye", "Come And See My Sacrifice", "I Am Who Feasts Upon You Soul" e todas as outras faixas desse grande álbum são merecedoras de destaque. O petardo Death Metal do Vader poderá figurar em muitas listas de Top 10 desse ano, pois é merecido.

Nota: **10**
Augusto Hunter

VOMITORY
"Opus Mortis VIII"
Metal Blade Records

Na edição anterior da Hell tivemos a Evergrey como capa e a entrevista dela baseou-se na questão do fazer um som com inovações, sem perder a essência da banda. Isso não é tão comum – as coisas podem mudar completamente, assim como bandas. Metallica, Megadeth, Mayhem, Sepultura, Morbid Angel, entre outras centenas bem renomadas não são as mesmas de 20 anos atrás, porque muitos dos seus fãs preferem os álbuns antigos. Vomitory faz parte da minoria que, apesar de o tempo passar, a vela da alma da banda continua acesa – não há perda dos elementos antigos. Não estou dizendo que mudar completamente é ruim, mas é uma potencial causa para fãs antigos (ou até novos) ficarem insatisfeitos. A primeira coisa que podemos notar ao escutar "Opus Mortis VIII" é a mesma Vomitory de uns anos atrás e isso é um tanto reconfortante. O álbum carrega características do Groovy Death Metal (que é parecido com o Thrash, só que bem mais pesado) combinadas a Grindcore, mas sempre carregando o bom e velho Death Metal sueco: brutal e melódico. Quanto à gravação, aqui se presencia o baixo com maior peso, em comparação aos dois álbuns anteriores. O vocal está mais rasgado que nunca. Assim, quando começa a primeira faixa, você já sente que está sendo martelado nos ouvidos. É claro que eles não fazem um Death Metal super técnico e moderno, como muitas bandas; mas passam um som simples, brutal e cativante, elementos desesperadamente necessários hoje em dia. Vomitory ensina e influencia muitas outras bandas, é uma fonte de sabedoria musical. Eles mostram que criatividade é mais importante que habilidade técnica. Faixas como "Requiem For The Fallen", "Regorge In The Morgue" e "They Will Burn", se não provocarem nenhum entusiasmo em você, é porque é necessário que visite seu otorrinolaringologista. "Opus Mortis VIII" é uma ótima aquisição se você pretende gastar uma grana com música este ano. Álbum viciante.

Nota: **10.0**
Igor Scherer

WINDS OF PLAGUE
"Against The World"
Century Media

O novo lançamento do Winds Of Plague vem seguindo bem a linha de lançamentos deles, bastante peso, uma boa estrutura musical dentro desse novo estilo de som pesado que vem sendo feito, mas nada de demais, nada que nenhuma outra banda já não tenha feito antes. Apesar de ela incorporar ao som passagens, digamos mais "sinfônicas" – que são, na realidade, teclados até bem colocados –, efeitos aqui ou acolá que poderiam ser um diferencial para a banda, eu diria que não são. No entanto, longe de ser um disco ruim diria que seria "mais um" em um universo que conseguiu em tão pouco tempo ficar bastante saturado. Uma gravação boa, digamos, com tudo bem claro e na "cara", mas não é um disco empolgante de se ouvir. Caso o comparemos ao "The Great Stone War", que foi um disco que se ouvia com certo "tesão" dado, às vezes, por uma fórmula não tão gasta de guitarras pesadíssimas com breakdowns. No entanto, às vezes, por um momento de melhor composição do grupo, podemos falar muitos motivos, mas particularmente esse disco novo do Winds Of Plague nada tem de interessante, somente a bela arte gráfica que, como sempre, é um destaque nos trabalhos da banda.

Nota: **6.0**
Augusto Hunter

WOODS OF DESOLATION
"Torn Beyond Reason"
Northern Silence Productions

Isso é, de fato, o que as palavras Depressive Black Metal querem dizer. "Torn Beyond Reason" é o segundo álbum oficial da banda australiana Woods Of Desolation lançado, em fevereiro desse ano. A gravação consiste em apenas seis faixas, que não chegam a 40 minutos de tempo total. A beleza desse álbum consiste na influência. As músicas são belas, com uma gravação excelente, mas não vale a pena simplesmente ouvi-las de uma forma banal como se fosse uma daquelas bandas de metal que você deixa tocando no seu aparelho de som enquanto come cereais no café da manhã. Abra o

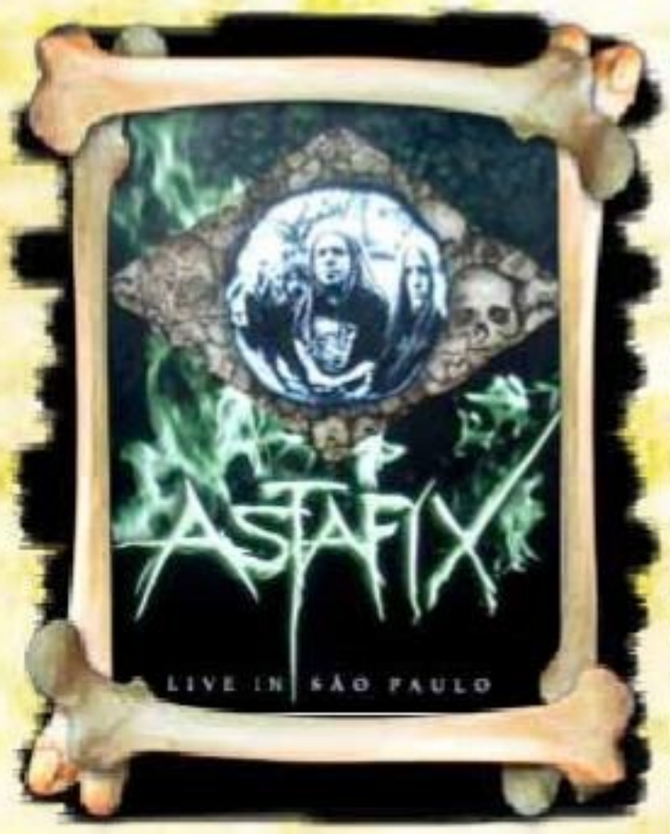
encarte e leia a letra cuidadosamente, então toque a faixa e cante junto. Faça esse procedimento faixa por faixa e verá como é impressionante a capacidade que esse álbum tem de fazer você refletir sobre sua vida, principalmente, sobre o passado. Adapte as palavras e os riffs desse trabalho a sua vida, deixando que "contamine" com suas lembranças, opiniões e conceitos. E, claro, recomendo fazer isso nas horas de solidão, com a luz apagada, antes de dormir. O despertar extremo de emoções que esse álbum pode causar é incrível. Esse álbum comprova, novamente, que Woods Of Desolation não é apenas mais uma banda de Black Metal que gosta de falar sobre solidão, negatividade e tristeza. Verifique uma ou duas faixas como "Darker Days" e "Inevitable End" e você entenderá o que eu estou dizendo.

Nota: **10**
Yuri Azaghal

DEVICE
"Antagonistic"
Independente

Originária de Brasília em 2004, a banda Device vem fazendo um ótimo trabalho com seu som agressivo e pesado. Após o EP "Behold Darkness" de 2007, a banda em seu mais novo trabalho "Antagonistic" está realmente divino e muito bem lapidado por Russ Russell (Napalm Death, Brujeria, Dimmu Borgir, The Exploited). "Antagonistic" na primeira ouvida, vi que se tratava de um som muito bem trabalhado com uma certa mistura de estilos, passagens de death e thrash são bem marcantes. "Let Burn" é rápida e de tirar o fôlego. "Bankrupt" tem uma passagem de solos fantásicos muito bem elaborados, os vocais de Ítalo sobrepõem o instrumental com seu gutural arrasador. Agora sim, em "Under The Cross" o bicho pega pra valer com uma pegada bem Slayer e uma bateria avassaladora. Tá na hora do peso, e "Insanity" enterra suas guitarras pesadas mergulhando numa densa insanidade metalística."Mind Decay" é excelente e logo vem "Temptations Of Desert" lembrando muito Slayer, mas, logo depois entra um death porradaria. "The Meaning Of Horror" é um puxão de freio na pancada e dá uma resfriada com um clima pra lá de anestézico. "Welcome" dá as boas-vindas ao death, pefeito para os amantes da banda do finado Chuck Schuldiner. Enfim, Device resolveu apelar de vez com a produção, qualidade e profissionalismo. Essa banda vai certamente conquistar seu espaço e aguardaremos o próximo trabalho anciosos.

Nota: **8.5**
Ricardo Thomaz



ASTAFIX
"Live In São Paulo"
Independente

Confesso que não sabia da existência desse DVD antes de recebê-lo para resenhar. Feito de forma independente e distribuido pela Voice Music, temos o primeiro registro em vídeo da banda Astafix. Para quem ainda não sabe, a banda é formada pelo ex-CPM22 Wally, que assume aqui as guitarras e os vocais. Além dele, o time é composto por Paulo Schroeber (Almah, Hammer67) nas guitarras, Ayka (Chipset Zero) no baixo e Thiago Caurio na bateria. O DVD, gravado em São Paulo, é bastante simples tecnicamente dizendo, sem grandes produções, mas conta com muita energia na execução das músicas. Uma ótima oportunidade para conferir do que esses caras são capazes ao vivo. O áudio está muito bom, bem como a edição de imagens, deixando tudo bem caótico, parecendo um videoclipe – isso se deve ao grande trabalho de Ben Hur, que dirigiu e editou o trabalho. Todos os músicos desempenham muito bem seus papeis, tocando com muita garra. O set list é composto pelas músicas de seu primeiro e único disco, o "End Ever", além de alguns covers como "Police Beat" (SSD) e "Strenght Beyond Strenght" (Pantera). Senti um pouco da falta de interação do público com a banda e vice-versa, fazendo com que os intervalos entre uma música e outra ficassem meio "vazios". A arte da capa, apesar de interessante, poderia ter sido mais bem trabalhada. Além da seção ao vivo, temos os clipes das faixas "Red Streets" e "Desordem e Retrocesso". Um ótimo lançamento desses Thrashers, que prometem crescer ainda mais! Vale a pena correr atrás e aquirir!

Nota: **8.0**
Pedro Humangous

ICED EARTH
"Festivals Of The Wicked"
Century Media Records

E o Iced Earth insiste em ser "perverso". Depois do "Box Of The Wicked", lançado em março de 2010, a banda lançou "Festivals Of The Wicked" oficialmente, em de julho desse ano. Trata-se de um DVD duplo da banda que cobre três shows completos, além de um documentário que passa de 50min e diversos bônus contendo imagens exclusivas. O disco I conterá o documentário e o show de 2008 "Live At Metal Camp Open Air". O disco II terá os shows completos "Live At Rock Hard Festival 2008" e também o crucial "Live At Wacken Open Air 2007", um dos maiores e mais famosos festivais da Alemanha de metal do mundo, além do material bônus. Ao todo, são mais de 40 faixas ao vivo, além dos clipes, totalizando quase três horas em cada um dos DVD's, fazendo desse DVD também uma coletânea gigantesca, contendo os maiores sucessos ao vivo da banda em mais de 25 anos de carreira. Entre as dezenas de faixas tocadas nos três shows, estarão "Pure Evil", "Dracula", "A Question Of Heaven", "I Died For You", "Burning Times" e, claro, "Iced Earth". O único ponto negativo é que algumas das faixas se repetem nos três shows, mas para muitos, isso não significa absolutamente nada de ruim – muito pelo contrário. Fora isso, é inegável que material de qualidade tem de sobra nessas duas mídias.

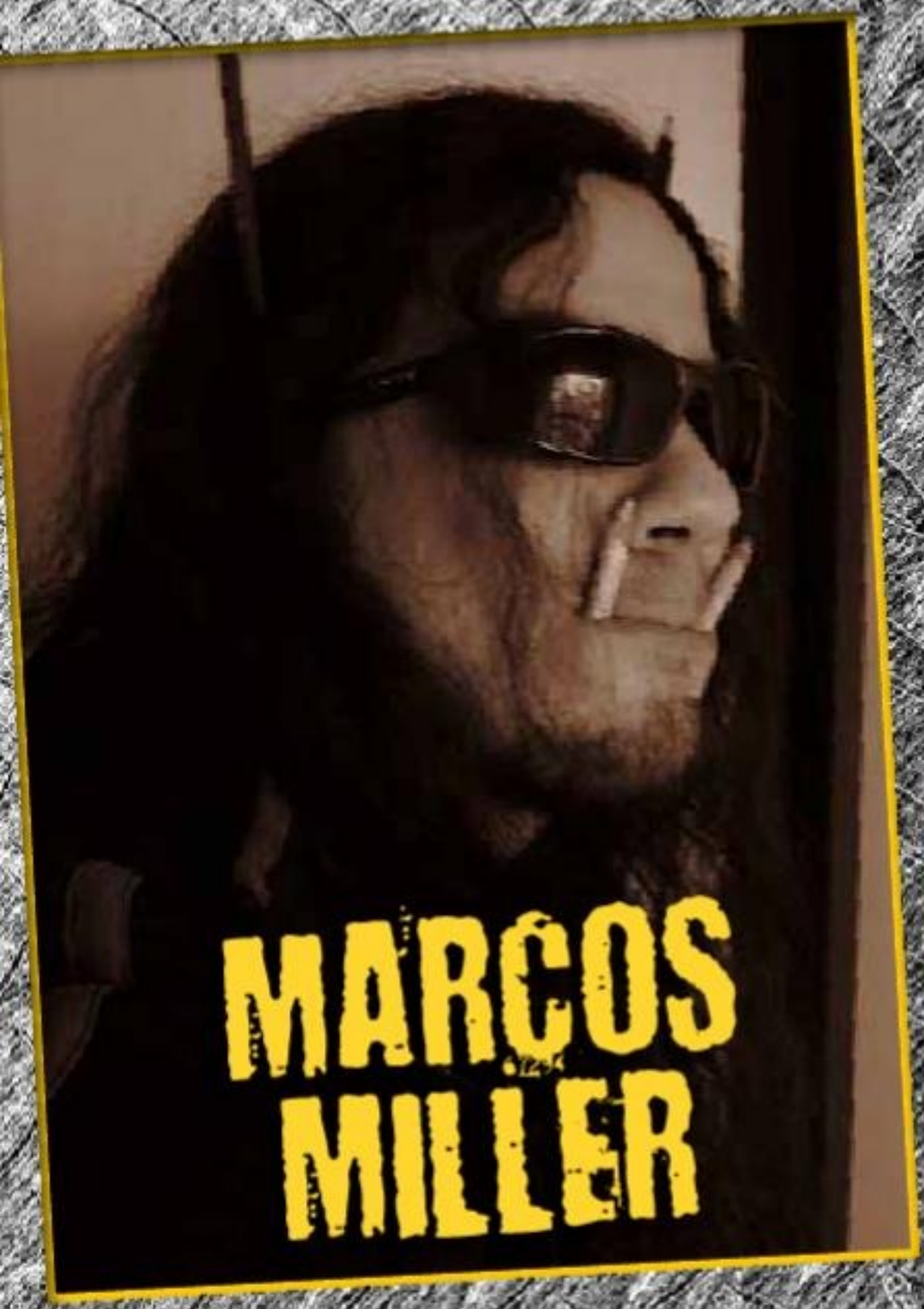
Nota: **8.5**
Yuri Azaghal

MALEVOLENT CREATION
"Death From Down Under"
Arctic Records

"Death From Down Under" é o segundo DVD a entrar para o repertório da banda, lançado, oficialmente, em julho desse ano. Trata-se, na verdade, de um complemento visual para o álbum ao vivo "Australian Onslaught", lançado no final do ano passado. Portanto, terá as mesmas faixas e a mesma duração – jura? – que não passa muito de uma hora. O encarte do DVD, como sempre, está bem profissional, e a track list variada e escolhida cuidadosamente pela banda fazem do DVD e do álbum ao vivo uma ótima junção de músicas do repertório da banda. A cobertura audiovisual está ótima, fazendo com que não seja perdido um único detalhe em todo o show, e o desempenho dos caras no palco, como sempre, está exemplar, mostrando a experiência e o poder que uma banda veterana tem de levar o público à loucura. O DVD também inclui um pôster gratuito da banda e algumas entrevistas. Outro ponto a se ressaltar aqui é a formação da banda que sofreu algumas alterações. Jason Blachowicz está de volta como baixista, além de Gio Geraca na guitarra e Gus Rios na bateria. Trata-se de um DVD single, mas provavelmente mais adiante serão lançadas versões deluxe dele contendo, também, o álbum "Australian Onslaugh". Posso dizer que, como fã da banda, esse DVD não desaponta em coisa alguma. Vale a pena se você quiser gravar em sua mente as imagens do show e não apenas as músicas

Nota: **8.5**
Yuri Azaghal

COVERING SICKNESS



ARTE NOS MÍNIMOS DETALHES..

Marcos Miller é um ilustrador gaúcho influenciado por nomes como Derek Riggs, Ed Repka e Joe Petagno e que também busca influências em Hieronymus Bosch e Pieter Bruegel para compor suas obras, geralmente direcionadas a bandas de Death e Thrash Metal. Dentre seus principais trabalhos nessa área, as capas de "Blemished Redemption" (Mental Horror), "Escaping From the Apocalyptic City" (Cement Rain) e "While Flames Burn" (The Jokke) realmente impressionam pelos seus inúmeros detalhes, que merecem ser apreciados com toda atenção. Conheça um pouco mais de seu trabalho na entrevista a seguir, e não deixe de conferir os álbuns citados na matéria, que alem de capas matadoras, são ótimos registros metálicos, condizentes com a arte de Marcos

HELL DIVINE: Marcos, como surgiu o seu interesse pela arte em geral? Foi algo que começou desde pequeno ou criou forma a partir de sua adolescência, talvez influenciado pelas capas de discos e afins, quando entrou no mundo do som pesado?

Marcos Miller: Meu interesse por desenho surgiu por influência do meu irmão, que desenhava. Pelas HQs, arte renascentista e sem dúvida pelas capas de discos como as do Iron Maiden. Quando criança, meu brinquedo era desenhar. Há até um Eddie, que desenhei quando o Iron tocou no Brasil em 1985.

HELL DIVINE: Quais artistas você citaria dentre suas influências? Derek Riggs, Ed Repka e Andreas Marschall têm destaque dentre os escolhidos?

Marcos Miller: Todos esses são mestres, mas muito mais inspiração do que influência. Ainda podemos destacar: Dan Seagrave e Joe Petagno. Existem muitos outros artistas novos e antigos, porém estes: Giger, Moebius, Bosch, fazem parte do meu panteão particular e, sem dúvida, a influência do deus Giger foi aquela que apareceu no meu traço. A in-

fluência pode vir de tudo e não só da arte desenhada. A própria natureza se encarrega com suas espetaculares bizarrices. A música com suas variadas atmosferas e ainda a miséria humana.

HELL DIVINE: Você já trabalhou com diversas bandas, criando capas absolutamente magníficas, como a do disco "Blemished Redemption", do Mental Horror. Eu gostaria que você comentasse como foi desenhar esta capa, tão repleta de detalhes e que lembra muito obras de Hieronymus Bosch e Pieter Bruegel, por exemplo?
Marcos Miller: Esse trabalho foi construído aos poucos. Fui preenchendo cada espaço até deixar a imagem bastante saturada. Foi uma busca diferente de concepção. Não é um trabalho para ser visto como um todo e sim em pedaços. Seria legal se fosse impresso num tamanho ainda maior do que a banda conseguiu. Porém, é importante dizer: nada se compara ao Bosch e ao Bruegel. Nosso olhar inexperiente nos faz comparar, mas não há tecnicamente e artisticamente comparação alguma, e mais, eles é que são magníficos.

HELL DIVINE: E como funciona a confecção das capas? Já acontece de você já ter um material pronto que se casou perfeitamente com o gosto da banda ou todo seu trabalho é baseado naquilo que é solicitado por elas?
Marcos Miller: Talvez tenha acontecido para alguma antiga DT. Bom, normalmente o trabalho é solicitado pela banda, pois estas querem um material exclusivo. Não que uma capa pronta não possa ser legal, mas ela será legal para qualquer banda. Para um desenhista, produzir a esmo e ainda vender a produção é uma excelente alternativa, que não deve ser descartada.

HELL DIVINE: Muitas vezes o método de criação depende da audição das músicas do álbum a ser trabalhado. No seu caso, é preciso escutar o material antes de começar a desenhar? Isso influencia?
Marcos Miller: Gosto de ouvir o som da banda, acho que é uma obrigação, mas não necessariamente uma influência. A capa do álbum "While Flames Burn" do The Jokke é levemente cômica e o som da banda é um Death metal que eu só fui conhecer depois de terminar o desenho. Ficou, talvez, um pouco incongruente se comparado com as tendências, mas esse tipo de surpresa às vezes é legal, como na capa de "Realm of Chaos" do Bolt Thrower, ou ainda uma surpresa não muito agradável como as belíssimas capas do Molly Hatchet feitas pelo Frazetta, porém o som da banda não tem muito a ver. Em boa parte do processo de trabalho é preciso concentração, paz e a empolgação e é aí que pode entrar a música. Penso que um trabalho mais abstrato pode ser confeccionado de cabo a rabo com a trilha violenta do Death metal, entretanto, na maior parte do trabalho o silêncio da madrugada é a trilha necessária.

HELL DIVINE: Outra arte que achei simplesmente perfeita é a capa do álbum "Escaping From the Apocalyptic City", do Cement Rain. Analisando bem, veremos que existe uma mistura de "Rust in Peace" e "Somewhere in Time" ali, concorda? Como você conseguiu inserir tantos detalhes assim?
Marcos Miller: Essa capa seria perfeita se fosse desenhada pelo Repka, mas, sim, concordo contigo, pois ela

é uma ode ao metal e a um monte de coisas legais interligadas que curtimos, como filmes de terror, por exemplo. Inseri tudo o que me foi solicitado (a lista era inacreditavelmente grande) e ainda não satisfeito, inseri outras idéias por conta própria. Acho que é mais um trabalho de paciência do que qualquer outro. É também um trabalho pra ser visto em tamanho grande.

HELL DIVINE: E dentro de tudo o que você já fez, qual sua obra preferida, tanto pela capa, e também pela sonoridade?

Marcos Miller: Não sei escolher qual o melhor disco. Cada banda tem uma particularidade assim como cada capa. Para todas elas eu faço o melhor que posso, mas não posso negar que "Escaping From the Apocalyptic City" é uma das preferidas. Também destaco a capa do álbum "Proclaiming Vengeance" que é um trabalho que tem um pé no desenho tradicional (a lápis) e a finalização no digital.

HELL DIVINE: Há alguma banda em especial que você desejaria trabalhar?

Marcos Miller: Existem várias, mas, penso que desenhar o Eddie, Vic Rattlehead, Snaggletooth, seria muito legal.

HELL DIVINE: Bom, já falamos sobre suas preferências relacionadas a arte gráfica e tudo o que envolve o seu trabalho. Agora, queremos saber como você chegou até o Metal ou, como ele chegou até você?

Marcos Miller: Exatamente da mesma forma como o desenho chegou.

HELL DIVINE: O que você tem produzido fora da cena Metal? Já rolou algum tipo de convite para fazer uma amostra de suas pinturas?

Marcos Miller: Ilustrações em geral para a publicidade, storyboards, jogos digitais, etc. Quanto a exposições, ainda não rolou um convite.

HELL DIVINE: Marcos, muito obrigado pelo tempo cedido, fica aqui o espaço para suas considerações finais e dicas para a galera que está começando neste ramo agora e o que elas podem esperar deste mercado?

Marcos Miller: Eu que agradeço essa oportunidade, pois é como um primeiro convite para exposição. Pra quem está começando, trabalho não faltará, pois há centenas de milhares de bandas, mas não esqueça: não dá para sobreviver apenas fazendo capas para bandas de metal, a não ser que você cobre um preço que lhe permita isso e ainda terá que contar com as poucas bandas que investem nisso. Para fechar, o mais importante: aprenda a cobrar justamente pelo seu trabalho e procure se informar melhor sobre o ramo. O resto é treino, estudo, comprometimento e a busca particular de cada um.

Por Maicon Leite.

EXCURSÃO

ROCK TOTAL TOUR

Rock in Rio

Dia 25 de Setembro

METALLICA

Slipknot

motörhead

SEPULTURA

Dia 02 de Outubro

GUNS N' ROSES

SYSTEM OF A DOWN

ARTE: FRAJOX

INFORMAÇÕES E RESERVAS:

(61) 3475-8776
8560-0242
9941-0548
8147-8269

rocktotaltour@hotmail.com

HELL DIVINE
BERLIN DISCOS
61 3226.3106

APOIO:

FUNK ROCK
3046-1549

@BRBU PRO ROCK Tattoo Shop
Steel Tattoo e Body Piercing
3561-3382 / 3047-3244

BAR DA TOINHA
ROCK'N ROLL BAR

Porão 666
3562-3573

CULT 22
100,9 FM

OLD SKULL

OLD SKULL
Death Metal
E a podridão reina...
Parte 2

Continuando nossa saga sobre o Death Metal iniciada na edição passada, e que certamente ainda terá mais capítulos, destacaremos agora os grandes baluartes do estilo, e porque não, o lado mais "mainstream", já que Cannibal Corpse e Morbid Angel se tornaram gigantes e juntos venderam milhares de cópias de seus pútridos trabalhos, um marco para a história da cena pesada. Ao mesmo tempo constataremos a mudança de sonoridade do Napalm Death, saindo do campo Grindcore para um Death Metal pesado, de faixas mais longas que o habitual (para eles) e a entrada triunfal de Mark "Barney" Greenway nos vocais, vindo do Benediction, que com a entrada do vocalista Dave Ingram só teve a ganhar. E por fim, o polêmico Deicide, de Glen Benton. Se fossemos dar bola para tudo o que Glen falou ao longo de sua carreira, nem daríamos bola para o Deicide, afinal, para quem disse que iria se suicidar aos 33 e está aí ainda, é algo irrelevante. Analisando estas cinco bandas e seus respectivos álbuns, veremos que nenhuma se parece com a outra, ou seja, o Death Metal é um estilo tão abrangente que se listarmos mais umas cinco bandas aqui, como Grave, Autopsy, Entombed, Suffocation e Bolt Thrower, podemos dar a certeza de que ainda assim todas possuem sua própria sonoridade. Aliás, na próxima edição, este quinteto citado acima estará aqui nesta seção, para deleite de muitos!

Discos essenciais:

MORBID ANGEL
"Altars of Madness"
1989
O Morbid Angel do início de carreira pouco lembra em relação ao que a banda faz hoje em dia, apesar de sempre estar à frente do seu tempo, nunca se recusando a inovar, mas, tudo tem seu limite. "Altars of Madness" é um exemplo prático de como se faz um clássico de ponta a ponta, onde cada música traz suas próprias características, soando absolutamente geniais. "Immortal Rites", "Maze of Torment" e "Chapel of Ghouls" desafiam qualquer mortal a fazer algo no mínimo tão massacrante. David Vincent (baixo/vocal), Trey Azagtoth e Richard Brunelle (guitarras) e Pete Sandoval (bateria) davam forma à criação de um mito, uma lenda que hoje, pelo menos por enquanto, está abalada por mudanças drásticas em sua sonoridade.

NAPALM DEATH
"Harmony Corruption"
1990
Para muitos, "Harmony Corruption" é o melhor trabalho do Napalm ao lado de "Scum" e "From Slavement of Obliteration", o que não deixa de ser uma realidade. A entrada de Mark "Barney" Greenway trouxe ao grupo uma pegada mais Death Metal, já que "Barney" cantava no Benediction. Aquela sonoridade Grind, rápida e rasteira, foram substituídas por canções mais longas, técnicas e pesadas, e inaugurava também uma formação quase que inteiramente nova, pois, excetuando-se o baixista Shane Embury e o batera Mick Harris, houve a entrada dos guitarristas Jesse Pintado e Mitch Harris, além de Mark. "Vision Conquest", "If the Truth Be Known", "Mind Snare" e "Suffer the Children" são músicas fortes e impactantes, principalmente a última, um baita clássico, fundamental em qualquer lista que cite o que há de melhor no Metal extremo.

CANNIBAL CORPSE
"Tomb of the Mutilated"
1992

Um dos reis do Death Metal, talvez o nome mais conhecido e de maior sucesso no mainstream, o Cannibal Corpse goza até hoje de um prestigio inabalável, mas foi com "Tomb of the Mutilated" que os americanos conquistarem o mundo, através dos urros inteligíveis e grunhidos assassinos de Chris Barnes. A técnica instrumental, aliadas a ferocidade das composições, marcava de vez o Death Metal, que a partir daí se viu diante de uma de suas bandas mais influentes. Uma das características mais marcantes de seus trabalhos, em especial deste, são as letras, doentias, que inclusive foram censuradas na Alemanha. São vários os destaques do álbum, e seria sacrilégio não citar as clássicas "I Cum Blood" e "Hammer Smashed Face", presença obrigatória nos shows até hoje

BENEDICTION
"Transcend the Rubicon"
1993

Ao lado de "instituições" do Metal extremo inglês, como Napalm Death, Carcass e Bolt Thrower, o Benediction é responsável pelo lançamento de verdadeiros clássicos do gênero, e "Transcend the Rubicon" torna-se o mais essencial entre eles. "Transcend the Rubicon" com certeza é o disco mais comentado e apreciado entre os fãs da banda e do Death Metal em geral, ocupando lugar de destaque entre os grandes lançamentos do gênero. O disco abre com "Unfound Mortality", alternando partes mais rápidas com momentos mais lentos, característica comum de suas composições. O vocalista Dave Ingram solta berros sem dó nem piedade, assemelhando-se com seu antecessor, Mark "Barney" Greenway. "Nightfear", viciante, usa a velocidade como aliada, um verdadeiro arregaço, de riffs cortantes e peso matador. Como todas as músicas são de igual valor, não preciso descrever uma por uma, creio que o ouvinte o fará ao ouvir esta obra prima, mas, não posso deixar de citar o cover para "Wrong Side of the Grave", do The Accüsed, uma obra-prima.

DEICIDE
"Serpents of the Light"
1997

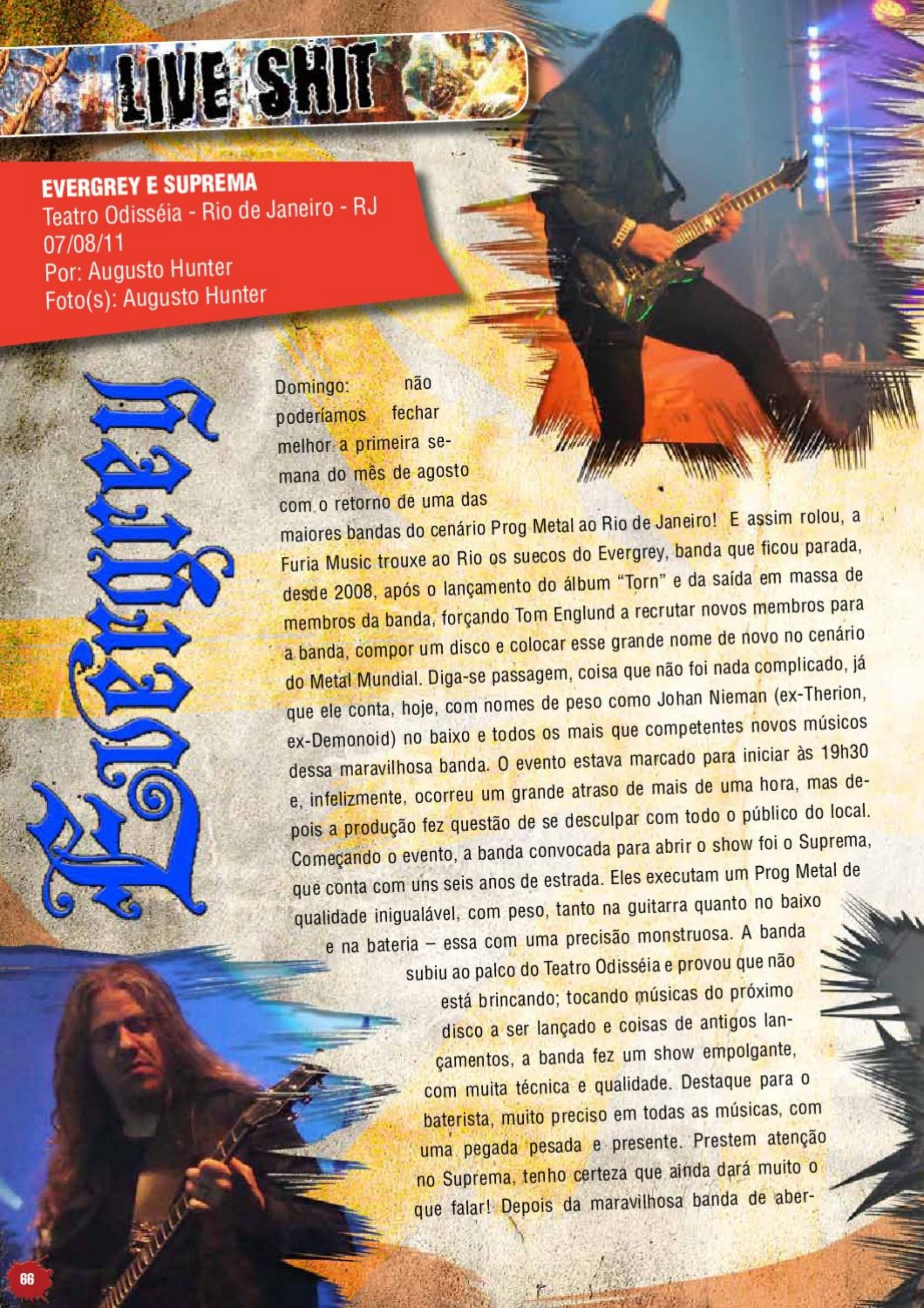
Esqueça as baboseiras proferidas por Glen Benton durante os mais de vinte anos de Deicide e concentrem-se nas músicas, perversas, rápidas e dotadas de um vigor tão impressionante que deixa de queixo caído até quem não é fã do estilo. A temática satânica, presente desde a capa, condiz exatamente com a fúria de suas músicas, amparadas por uma produção eficaz, muitas vezes difícil de ser vista em obras do gênero. Apesar de Benton (baixo/vocal), os irmãos Eric e Brian Hoffman (guitarras) e o monstro Steve Asheim (bateria) lançarem discos que igualmente se tornaram clássicos, "Serpents of the Light" tem uma pegada cheia de "punch" e cada riff e batida que saem dos alto falantes, na execução das aniquiladoras "Slave to the Cross", "I Am no One" e a faixa titulo, um arregaço.

Por Maicon Leite.

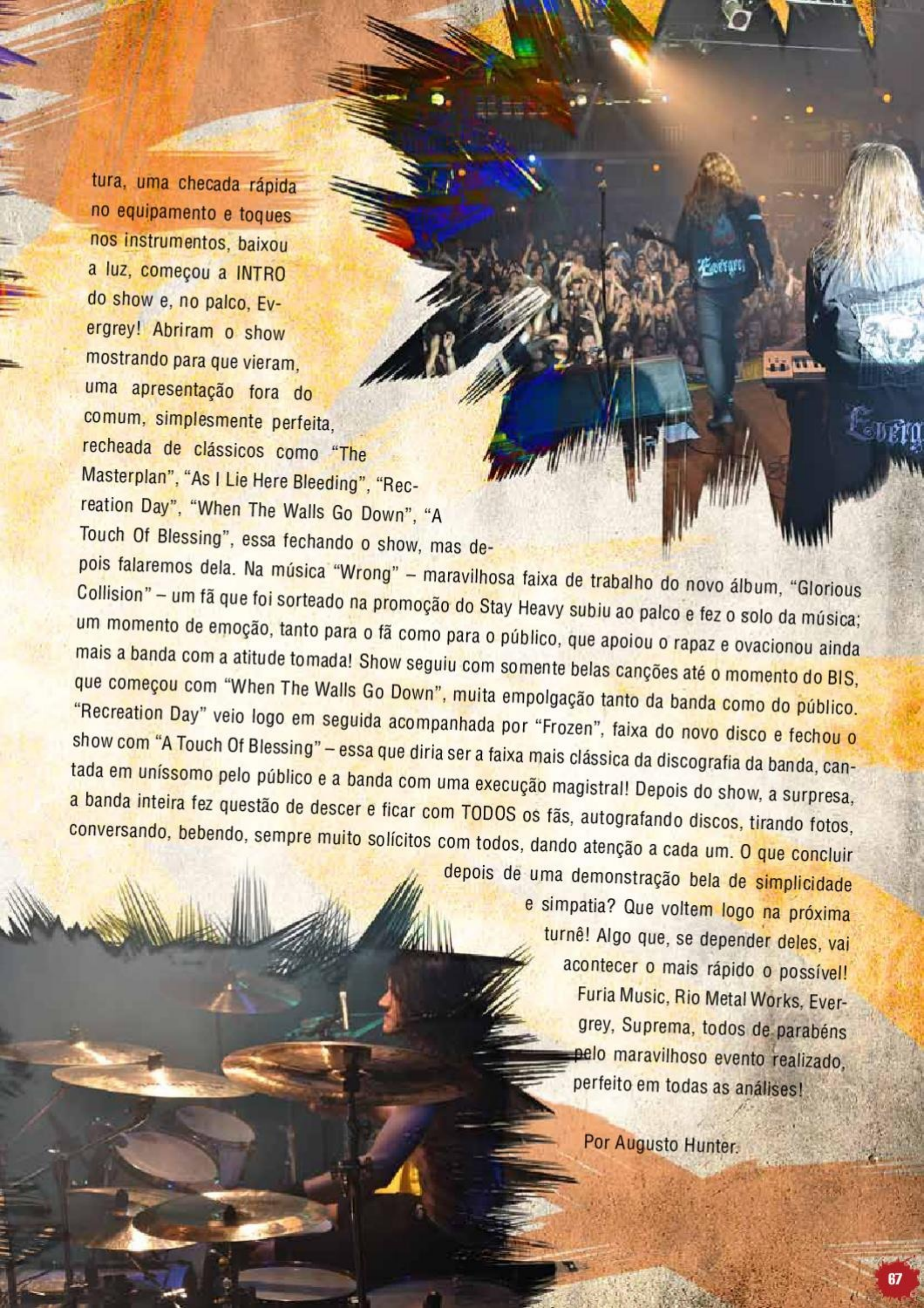
LIVE SHIT

EVERGREY E SUPREMA

Teatro Odisséia - Rio de Janeiro - RJ
07/08/11
Por: Augusto Hunter
Foto(s): Augusto Hunter



Domingo: não poderíamos fechar melhor a primeira semana do mês de agosto com o retorno de uma das maiores bandas do cenário Prog Metal ao Rio de Janeiro! E assim rolou, a Furia Music trouxe ao Rio os suecos do Evergrey, banda que ficou parada, desde 2008, após o lançamento do álbum "Torn" e da saída em massa de membros da banda, forçando Tom Englund a recrutar novos membros para a banda, compor um disco e colocar esse grande nome de novo no cenário do Metal Mundial. Diga-se passagem, coisa que não foi nada complicado, já que ele conta, hoje, com nomes de peso como Johan Nieman (ex-Therion, ex-Demonoid) no baixo e todos os mais que competentes novos músicos dessa maravilhosa banda. O evento estava marcado para iniciar às 19h30 e, infelizmente, ocorreu um grande atraso de mais de uma hora, mas depois a produção fez questão de se desculpar com todo o público do local. Começando o evento, a banda convocada para abrir o show foi o Suprema, que conta com uns seis anos de estrada. Eles executam um Prog Metal de qualidade inigualável, com peso, tanto na guitarra quanto no baixo e na bateria – essa com uma precisão monstruosa. A banda subiu ao palco do Teatro Odisséia e provou que não está brincando; tocando músicas do próximo disco a ser lançado e coisas de antigos lançamentos, a banda fez um show empolgante, com muita técnica e qualidade. Destaque para o baterista, muito preciso em todas as músicas, com uma pegada pesada e presente. Prestem atenção no Suprema, tenho certeza que ainda dará muito o que falar! Depois da maravilhosa banda de aber-



tura, uma checada rápida no equipamento e toques nos instrumentos, baixou a luz, começou a INTRO do show e, no palco, Evergrey! Abriram o show mostrando para que vieram, uma apresentação fora do comum, simplesmente perfeita, recheada de clássicos como "The Masterplan", "As I Lie Here Bleeding", "Recreation Day", "When The Walls Go Down", "A Touch Of Blessing", essa fechando o show, mas depois falaremos dela. Na música "Wrong" – maravilhosa faixa de trabalho do novo álbum, "Glorious Collision" – um fã que foi sorteado na promoção do Stay Heavy subiu ao palco e fez o solo da música; um momento de emoção, tanto para o fã como para o público, que apoiou o rapaz e ovacionou ainda mais a banda com a atitude tomada! Show seguiu com somente belas canções até o momento do BIS, que começou com "When The Walls Go Down", muita empolgação tanto da banda como do público. "Recreation Day" veio logo em seguida acompanhada por "Frozen", faixa do novo disco e fechou o show com "A Touch Of Blessing" – essa que diria ser a faixa mais clássica da discografia da banda, cantada em uníssomo pelo público e a banda com uma execução magistral! Depois do show, a surpresa, a banda inteira fez questão de descer e ficar com TODOS os fãs, autografando discos, tirando fotos, conversando, bebendo, sempre muito solícitos com todos, dando atenção a cada um. O que concluir depois de uma demonstração bela de simplicidade e simpatia? Que voltem logo na próxima turnê! Algo que, se depender deles, vai acontecer o mais rápido o possível!

Furia Music, Rio Metal Works, Evergrey, Suprema, todos de parabéns pelo maravilhoso evento realizado, perfeito em todas as análises!

Por Augusto Hunter.

LIVE SHIT

EVERGREY

Carioca Club - São Paulo - SP
29/07/11
Por: Luiz Ribeiro
Foto(s): Luciano Piantonni

Com um público bastante abaixo do esperado, o Evergrey fez uma grande apresentação na capital paulista divulgando o seu mais recente e ótimo álbum "Glorious Collision". Sem nenhuma mudança do setlist da noite anterior, em Porto Alegre, a noite começa com "Leave It Behind Us" - faixa que abre o novo álbum da banda - seguida de "Monday Morning Apocalypse", única do álbum homônimo lançado em 2006. A partir daí, só foram executados seus principais clássicos. "As I Lie Here Bleeding" levantou o público, seguida da trinca "The Masterplan", "Rulers Of The Mind" e "Mark Of The Triangle" do maravilhoso – e meu álbum favorito – "In Search Of Truth". Após algumas brincadeiras de Tom Englund, começam os primeiros acordes de "Wrong", single do novo álbum. Talvez o ponto mais fraco do show. "Blinded" fez com que todos voltassem a cantar e agitar, mas as duas faixas seguintes, "Solitude Within" - com seu lindo refrão - e "Nosferatu" - uma das mais pedidas da noite - fizeram os fãs da banda reviverem momentos nostálgicos. Mais uma breve pausa e os suecos voltam com "I'm Sorry", música que foi cantada em unissono por todos e com certeza um momento que ficará marcado na memória dos fãs presentes ao Carioca Club. Outro momento interessante foi a execução de "Frozen", talvez a música mais pesada de "Glorious Collision". Na volta da banda para finalizar sua apresentação, grande destaque para o tecladista Rikard Zander na execução de "When The Walls Go Down", seguida da figurinha carimbada em seus shows, mas não menos importante, "Recreation Day". Já "Broken Wings" foi a única do álbum controverso "Torn". E para fechar a noite com chave de ouro, não poderia faltar "A Touch Of Blessing", do maravilhoso "The Inner Circle". Talvez a falta de público tenha sido um ponto negativo no show dos suecos por São Paulo, mas isso também se deve à passagem de muitas bandas num pequeno periodo de tempo na capital paulista. Apesar desse fato, não só eu, mas todos os presentes, saíram bastante satisfeitos do Carioca Club.

Agradecemos à Seven Stars e ao Luciano Piantonni da LP Metal Press por facilitar a cobertura desse evento pela Hell Divine! Go To Hell!!

GRAVE DIGGER

Ilha dos Pescadores - Rio de Janeiro - RJ
22/07/11
Por: Rachel Möss
Foto(s): Daniel Croce

A Ilha dos Pescadores vem sendo um ótimo local para shows de rock/metal. Após o muito bem sucedido show da Doro, o local recebeu na sexta-feira, 22/7, uma das mais tradicionais bandas da história do heavy metal, Grave Digger. Na noite anterior, a banda fez uma "Noite de Autógrafos" e ali já deu para sentir o clima da banda. Muito receptivos e simpáticos, disseram estar animados para o dia seguinte e ansiosos em tocar no Rio pela primeira vez. O dia do show chegou e às 22h30 o tecladista, Hans-Peter Katzenburg, fantasiado com a clássica roupa de caveira entrou no palco e começou a introdução "Days Of Revenge". O show começou com a pesada "Paid In Blood", do último CD "The Clans Will Rise Again", e levou o público presente à loucura. Chris Boltendahl subiu ao palco caracterizado e, como havia dito na noite de autógrafos, muito empolgado por estar tocando no Rio. Na sequência, veio "The Dark Of The Sun" e fez todos banguearem muito com um riff poderoso e refrão forte, logo depois "Hammer Of The Scots". Início de show matador! Uma grande surpresa para mim foi a próxima música, "Killing Time", do álbum "Tunes of War"; ficou nítido para o público que a banda estava muito segura, entrosada e feliz em estar no palco. A próxima música tocada foi a balada "The Ballad of Mary (Queen of Scots)", na qual vimos outro lado de Chris, agora com vocais limpos, emotivos e que conseguiram levar todo público a se imaginar em um dos campos da Escócia. Outra surpresa foi "The Bruce (The Lion King)". Uma música bem pesada, instrumental bem trabalhado e, posso dizer, arrastada. A escolha das músicas para esse show me pareceu bastante cuidadosa para que diferentes performances e fases da banda fossem apresentadas. O clássico hino "Rebellion (The Clans are Marching)" foi cantado por todos. Ela é a música mais marcante da história do Grave Digger nos anos 90 e todos os presentes sabiam seu refrão de cor. Quando Jens Becker começou sua introdução, o público já entrou em êxtase e começaram as palmas acompanhando a música e todos pulando e gritando "Hey! Hey! Hey!". Emocionante ter visto isso ao vivo! Um dos momentos mais marcantes do show foi durante a música "Excalibur". A música é muito agressiva e é muito popular entre os fãs da banda. Riff de guitarra sensacional e clássico, platéia bangueando em rodas e cantando o refrão; sem dúvidas, um dos ápices do show! Vale comentar que um fã levou uma espada de plástico para o show e Chris entrou no clima e ergueu a espada, brincando, em homenagem à música. A banda tocou mais uma, "Knights Of The Cross", e se despediu ao som de palmas e gritos pela banda. Eles, então, voltam com a clássica balada "Yesterday" que faz parte do primeiro álbum, de 1983, e que foi regravada, em 2006. Uma das grandes esperadas da noite foi finalmente entoada, "Valhalla". A banda se despediu mais uma vez e a platéia continuou pedindo bis e gritando "olê, olê, olê, olé, Digger, Digger!" Então, a banda subiu novamente ao palco com "The Round Table (Forever)". Chris agitou a platéia e todos gritaram "Hey! Hey! Hey!". Uma das músicas mais animadas e, sem dúvidas, uma das que mais agitou aquela noite. "Heavy Metal Breakdown" insandeceu o público que foi à loucura. Chris ficou extasiado com a reação da galera vendo todo mundo cantar o refrão a plenos pulmões. Absurdamente empolgante. Individualmente falando, destaco a voz inconfundível de Chris, que estava poderosa e em forma, como sempre. Stefan Arnold na bateria e Jens Becker no baixo formavam uma dupla pesadíssima deixando a "cozinha" como um destaque a parte nesse show. Axel Ritt, muito simpático e com uma presença de palco muito forte, fez jus ao excelente trabalho mostrado no último CD, seu álbum de estreia com o Grave Digger. Foi notável o grau de satisfação de todos que presenciaram esse grande show. Sem dúvidas, um evento memorável!

INSANIDADE METAL

Imaginem uma época sem internet. Uma época onde para se assistir a um único vídeo de Metal o fã tinha que se submeter a cerca de 45 minutos de música pop e rap, pois os programas de clips não eram segmentados (e o Metal sempre vinha no último bloco!).

A forma de "compartilhamento de arquivos" na época eram as gravações em fitas cassete, copiadas de uma para outra ou gravadas do discos em vinil, já que os CD´s ainda eram uma realidade distante...

O ano era 1989, e o Metallica era uma unanimidade. Todos, do pessoal mais tradicional até a galera mais extrema, os admiravam. Haviam lançado há cerca de um ano o "...And Justice For All", que a gravadora se recusava a lançar no Brasil por se tratar de um álbum duplo. De repente, boatos começam a circular a respeito de uma tour sul americana, o álbum é lançado, e o clip de "One" começa a rolar direto na programação musical de algumas emissoras de TV, pré-MTV, na sua versão integral. No Rio, a saudosa Rádio Fluminense FM sorteava discos da banda. Era verdade, finalmente veríamos o mito se materializar diante dos nossos olhos.

Eu, então com meus 14 anos, me juntei a alguns amigos, e rumamos para o aeroporto onde nos somamos ao pequeno contigente de fãs, cerca de 100, que aguardavam a banda desembarcar. Para nossa decepção, na nossa ingenuidade, acreditávamos que a banda nos daria toda a atenção, e isso não aconteceu. Pelos vidros do setor de desembarque, víamos uma banda diferente da que conhecíamos por fotos. Quase todos exibiam as laterais dos cabelos raspadas, num corte mezzo moicano, mezzo comprido. Para alguns, aquilo foi um choque, já que havia uma rixa violenta entre punks e bangers na época. Alguns meses depois, o "corte" virou uma espécie de moda na cena metálica.

No dia seguinte estávamos na porta do Hotel Othon, em Copacabana, onde se hospedaram. Após algumas tentativas frustradas de entrar no hotel, e sob o olhar irritado dos seguranças, doidos para destribuir algumas bordoadas naqueles moleques cabeludos, vimos Jason Newsted sair e distribuir alguns autógrafos. Como o cerco se apertou em torno dele, o baixista empurrou a multidão, que se afastou um pouco, mas continuou a assinar revistas e fotos, meio de cara fechada. Foi aí que soubemos que Hetfield havia saído naquele instante, e saímos à caça dele por Copacabana, para o encontrarmos quase uma hora depois, bebendo em um bar próximo ao hotel...

Pedimos nossos autógrafos, e sentamos na mesa ao lado, onde saboreei pela primeira vez alguns chopps. Em um momento hilário, um fã simulando histeria (de pura galhofa) angariou a simpatia do Hetfield, que o apelidou de "loco", às gargalhadas. Logicamente não havia a histeria que uma Madonna causa quando vem ao Brasil, era mais a curiosidade de saber como os caras eram. E foi importante descobrir que é melhor deixar a admiração no terreno da música, sem essa idolatria de filme americano, do que conhecer um ídolo e se decepcionar.

No dia do show, estávamos todos lá, no famigerado Maracanãzinho, lutando contra a reverberação que a péssima acústica proporcionava, decepcionados pelo cenário do show não incluir a estátua gigante, símbolo da justiça, que desmoronava durante o show. E mesmo assim, um showzaço! Uma época em que um show do Metallica no Rio atraía apenas cerca de 7 mil fãs.

Uma curiosidade: o integrante mais simpático da banda foi, por incrível que alguns possam achar, Lars Ulrich! Sempre sorridente no contato com os fãs, repetindo palavras em português e pedindo calma também em nosso idioma, quando saía com o intuito único de assinar autógrafos.

Por Marcelo Val.

MOMENTO WTF

Desde sua criação, o metal é um gênero musical que se expande e ganha espaço em todo o mundo. Já são, no mínimo, três décadas em que bandas surgem, bandas acabam e um mundo de notícias, polêmicas e controvérsias sobre esse estilo de musica ficam marcados no tempo. Desde sua criação, o metal sempre foi um estilo marginalizado, evitado, estereotipado e, em alguns países, até mesmo criminalizado. Seja pelas letras, pelo tipo de sonoridade ou pelo estilo de vida adotado pelos fãs e artistas desse estilo, o fato é que o metal sempre foi visto com maus olhos pelas pessoas, digamos, "normais". Assassinatos, estupros, suicídios, satanismo e incêndios a Igrejas são alguns dos temas que acompanham a visão negativa sobre o metal, fortalecendo seus diversos estereótipos. Entretanto, sempre existe uma exceção para tudo, até mesmo para o metal. O caso citado abaixo ocorreu na Noruega – nada de Black Metal, dessa vez – e se trata de um ótimo exemplo para quebrar o tabu.

Recentemente, um garoto norueguês de 13 anos (foto abaixo) voltava da escola, quando um grupo com cerca de quatro lobos cercou seu caminho. Em vez de fugir ou revidar com hostilidade contra a matilha – o que iria piorar as coisas, já que agravaria o instinto de caça dos animais – o garoto pegou seu celular, aumentou o volume ao máximo e selecionou uma música da banda Megadeth. Os animais se assustaram e recuaram. O garoto, que havia sido informado sobre como reagir a um ataque desses, usou isso como arma e funcionou. Por alguma razão os animais se assustaram e recuaram, permitindo que o menino continuasse seu trajeto de volta para casa – quem sabe os lobos eram fãs do Metallica... Talvez o garoto também tenha descoberto uma maneira garantida e mais pacífica de lidar com os lobos da região em vez do jeito tradicional contra animais hostis – metendo uma bala no meio da cabeça deles. Acho que Dave Mustaine e o seu pessoal devem estar muito felizes agora, pois graças a ele o jovem não teve a garganta dilacerada e sua carne devorada.

No geral, esse fato não tem nada de bizarro, ao menos não para nós. Com certeza, alguns religiosos vão achar isso bizarro – e um tanto frustrante também –, já que dessa vez não vão ter argumentos para marginalizar a música como "o som do Demônio", já que o metal acaba de salvar uma vida, literalmente.

Nessa matéria aprendemos que Metal, ou pelo menos Megadeth, afugenta lobos, mas nosso aprendizado não se limita a isso. O ser humano pode aprender muitas coisas na vida a qualquer momento, claro, já que a nossa "missão" nesse planeta é evoluir em todos os sentidos. No entanto, para aprendermos e evoluirmos, precisamos expandir nossa visão e nossa mente, e deixar de ter essa visão estúpida sobre um estilo musical e um estilo de vida já é um ótimo começo.

Por Yuri Azaghal.

UPCOMING STORM

WIZARD SMOKE

Wizard Smoke foi formado, em 2008, em Atlanta, Georgia (EUA). Sem perder tempo, a banda lançou dois álbuns independentes, um, em 2009, com o nome de "Live Rock In Hell", e outro, nesse ano, chamado "The Speed Of Smoke". Essa é uma daquelas bandas que realmente surpreende você com a primeira faixa, pois mostra algo totalmente diferente do que você esperava. A variação de vocal e os solos de guitarra com ótima distorção são notáveis, fazendo das músicas uma

variação de ritmo e tempo muito interessante que, apesar do peso constante, acaba gerando aqueles momentos mais melancólicos e reflexivos com notas mais lentas de escalas menores. Não julgue o livro pela capa – ou melhor, não julgue as faixas pelos nomes! –, e confira alguns minutos de gravação. Wizard Smoke, com certeza, vai ganhar seu respeito. Afinal de contas, não é toda banda que consegue fazer um som com essa qualidade sem sequer ter assinado com alguma gravadora. Mais informações e amostra de faixas disponíveis em: http://www.myspace.com/wizardsmoking

NIBELHEIM

Depois de bandas como Cadaveria e Malfeitor, a Itália continua mostrando que pode fazer um metal extremo de uma forma tão sensacional quanto qualquer outro país. No presente momento, apenas o EP de 2007, "Drawing The Lines", e a demo de 2009, "The Waiting Room", registram a magnífica voz de Stefania Salladini com um instrumental e letras

tão incríveis que chega a dar inveja. Cada faixa é apresentada como um capítulo de uma orquestra, notando-se o cuidado e a dedicação para cada nota soar na mais perfeita harmonia sonora, progredindo até encerrar de uma forma fantástica, deixando o ouvinte com o sangue pulsando euforicamente nas veias com as lembranças dessa incrível sonoridade. Existem por aí músicos formidáveis esperando uma chance de serem ouvidos, basta termos um pouco de boa vontade e sair do clichê para encontra-los. E posso dizer que a banda Nibelheim faz parte desses músicos? Com certeza posso, sim! Mais informações e amostra de faixas disponíveis em: http://www.myspace.com/nibelheim1

ARVAKH

Arvakh conta com uma ótima sonoridade de Black Metal que varia entre elementos sinfônicos, trechos mais focados no dark ambient e aqueles com foco no Black Metal cru tradicional. Formada na França, em 2005, a banda recentemente lançou seu primeiro trabalho oficial intitulado "La Haine par dessus Tout". As faixas são poucas, porém longas, mesclando elementos de uma forma inteligente, sem dar aquele aspecto de mudança brusca que desagrada. O que vale ressaltar aqui é que em todas as faixas, embora

sendo apenas quatro, a banda consegue criar um clima macabro e obscuro, provocando sensações sinistras em cada melodia – podemos dizer que, com isso, o intuito do Black metal foi concretizado. As músicas são simplesmente incríveis e vale a pena conferir mais uma banda que mostrou grande potencial para crescer na carreira. As guitarras, o vocal e os efeitos combinam entre si, fazendo das faixas uma rara e magnífica mescla de sensações bizarras. Arvakh simplesmente me surpreendeu. Mais informações e amostra de faixas disponíveis em: http://www.myspace.com/arvakh

VOCIFERATUS

A nova banda vem apresentando o EP "Blessed By The Hands Of Flames", uma gravação clássica, impressionante e destruidora. São três faixas do mais puro clima caótico e guerrilheiro, uma bateria rasgando na cara, com guitarras muito bem gravadas e executadas, um vocal naquele clássico gutural e um baixo que

vem segurando toda a onda! Esse é um dos muitos nomes que vem surgindo no Rio de Janeiro com muita qualidade, com uma formação que, além de nova, tem nomes já conhecidos no cenário como a Maria Fernanda Cals (Impacto Profano). Essa é uma banda que tem tudo para conquistar o país. Mais informações e amostra de faixas disponíveis em: http://www.myspace.com/vociferatus.

WHIPSTRIKER

Metal Punk Death Squad, essa é a melhor definição da banda do mais que gente boa Victor (Farscape – baixo). Nela, ele toca baixo e canta ao lado de correligionários em nome da simplicidade e agressividade. Riffs inspiradíssimos em bandas dos anos 70 e 80, visual nada

"politizado" – como diz o próprio disco deles, o mais Crú Rock N´Roll –, mas com velocidade e raiva para deixarem os fãs de Motorhead com o pescoço doendo e, ao mesmo tempo, passagens dignas dos irlandeses do Thin Lizzy! Essa banda voltou há pouco tempo de uma turnê europeia de muito sucesso e agora prepara o ataque em terras tupiniquins. Se o seu esquema é o Metal Punk, Whipstriker é o seu nome! Ouça e conheça a banda, em http://www.myspace.com/whipstriker.

Vociferatus e Whipstriker:
Por Augusto Hunter
Wizard Smoke, Nibelheim e Arvakh:
Por Yuri Azaghal

WISH LIST

IN MEMORY OF QUORTHON
"The Vinyl Box"

É sempre bom ver que um clássico é, de fato, um clássico. Ou seja, não importa quanto tempo se passe, os verdadeiros fãs jamais o esquecem. E com Bathory não poderia ser diferente. Mesmo depois de quase oito anos que perdemos Quorthon, sua banda, uma das pioneiras do Black Metal, volta a brilhar nas vitrines. Esse é "O" artigo de colecionador para os fãs da banda Bathory. O box conterá em formato vinil os três volumes da coletânea "In Memory Of Quorthon" lançada, em 2006, além do primeiro álbum da banda, também no formato vinil. O box conta, ainda, com um livreto de 48 páginas, além de ilustrações e designs incríveis nos discos. Essa maravilha foi lançada em julho, mas pelo seu valor não creio que durará muito tempo nas prateleiras; então, se não quiser apelar para a importação e pagar uma nota ainda mais preta, não dê bobeira e garanta logo seu box.

MEGADETH
"Peace Sells 25th Anniversary Edition"

Parece que a mania de comemoração de aniversário de clássicos pegou entre os veteranos do metal e depois do "Madman" Ozzy Osbourne é a vez de o Megadeth comemorar as 25 primaveras de um de seus álbuns mais clássicos: "Peace Sells...But Who's Buying?". Trata-se de uma edição especial – óbvio – em um incrível boxset contendo cinco CD's; três LP's; além de remixes raros; encartes; um concerto ao vivo realizado, em 1987; livretos e textos escritos por Dave Mustaine e Lars Ulrich do Metallica. Logo se nota pela foto que não é só mais um item no repertório da banda; nota-se, também, que apesar do preço, não será um item que durará muito. Mas não se preocupe, esse item ainda é uma grande novidade, então ainda dá tempo de quebrar o porquinho e correr para a loja especializada mais próxima – claro, vai depender de quanto tempo você andou "engordando" o porco. Agora, se você está realmente desesperado para ter esse box, já pode verificar em sites gringos.

OPETH
"Heritage Deluxe Collector's Edition Box Set"

Em setembro, a banda Opeth lançará seu novo álbum intitulado "Heritage", mas não satisfeitos com isso, a banda resolveu que lançará uma edição especial desse mesmo álbum. Trata-se de um kit que além de, obviamente, trazer o novo álbum em formato de CD, conterá também o álbum em formato duplo em vinil, um DVD com faixas extras, encartes, ilustrações e fotos exclusivas da banda em um livreto e também uma jaqueta customizada do novo álbum. E se isso não é deluxe o suficiente para você, saiba que todo esse material virá dentro de um slipcase também customizado pela banda. Independente de ser um item caro, uma coisa que jamais poderemos falar é que a banda não sabe fazer itens de qualidade e beleza. E não é necessário dizer que esse item tem uma tiragem bem limitada, então não se engane pensando "Ah, é um item caro e não é todo mundo que tem como comprar, então vai ficar bastante tempo nas lojas", porque esse kit está tão bonito que até quem não é fã da banda não vai conseguir deixar de dar aquela olhadinha demorada na vitrine e ficar tentado.

Por Yuri Azaghal.

RASCUNHO DO INFERNO

Porão 666

TODAS AS TENDÊNCIAS E ESTILOS DO ROCK

CSB 02 Lote 08 Loja 02
Taguatinga Sul - Distrito Federal
(fundos do Alameda Shopping)
(61) 3562 3573 / 3032 1303

ROTEIRO E DESENHOS: ADRIANO CARVALHO

VI UPIR ROCK FESTIVAL

08/ OUTUBRO / 2011

18H - SÁBADO - CAXIAS DO SUL - RS

OZZY OSBOURNE

TRIBUTO

Com a banda:

Baby Sitters

Além dos covers do Ozzy
vão tocar suas músicas próprias
(Hard/Heavy - Caxias do Sul)

PHOBNAX

Músicas próprias e covers
do Yngwie Malmsteen
(Heavy Metal - Porto Alegre)

STEELGRINDER

Músicas próprias e covers
de Venom, Annihilator e Slayer
(Thrash/ Heavy - Porto Alegre)

SCREAM

Músicas próprias e covers
de Brujeria, Morbid Angel
e Sepultura
(Death Metal - Caxias do Sul)

TORMO

Lançamento do CD
"WORLD OF GLORY
AND HATE"
Além de suas músicas,
tocarão covers de
Pantera, Sepultura, Slayer
(Thrash Metal - Caxias do Sul)

SuperSonic Brewer

Músicas próprias e covers
de Pantera e Metallica
(Thrash Metal -
Bento Gonçalves)

INGRESSO:

ANTECIPADO: R$10,00 - NA HORA: R$15,00 - LOCAL DE VENDAS: ROCK ART

LOCAL:

FIFTY MUSIC BAR: AV. JÚLIO DE CASTILHOS, 3285 (EM FRENTE AO PARQUE CINQUENTENÁRIO). COM ESTACIONAMENTO PRIVATIVO GRATUÍTO

INÍCIO DOS SHOWS: Pontualmente às 18H

UPIR - Ajudando a fortalecer a cena Roqueira de nossa Região!

TRIBUTE TO CHUCK SCHULDINER

09, 10 E 11 / DEZEMBRO

LOCAL: FAZENDA EVARISTO RIO NEGRINHO - SC

10 ANOS SEM CHUCK SCHULDINER

ZOOMBIE RITUAL

2011

Bandas:

Dark Funeral - Suécia

Krisiun - RS

Gama Bomb - Irlanda do Norte

The Accused - EUA

Garotos Podres - SP

Claustrofobia - SP

Anthares - SP

Vulcano - SP

DFC - DF

Mortuorial Eclipse - Argentina

Juggernaut - SC

Apokalyptic Raids - RJ

Fried Host - SC

Adonifer - SC

Symphony Draconys - RS

Holder - PR

Power Steel - SC

Lycanthropy - MG

Carrasco - SC

Sacrificio Sumério - PR

Jailor - PR

Doomsday Ceremony - PR

Imperious Malevolence - PR

Ovarios - SC

Bestial - RS

Agression - MS

Lachrimatory - PR

Zombie Cookbook - SC

LOCAIS PARA COMPRA DE INGRESSOS:

Rio Negrinho – SC Mundo do Rock (47) 3644 9123 5193
Hollywood video locadora (47) 3644 6600
Joinville – SC - Rock Total (47) 3422 2788
Guaramirim – SC - CD & Cia (47) 3373 0534
Blumenau – SC - Be Bop Discos (47) 3322 5254
Curitiba – PR - Túnel do Rock (41) 3322 9502
Rio Negro – PR - Orks Tattoo (47) 3642 6089

INGRESSOS PARA OS 3 DIAS:

1º lote: R$ 150,00 venda do dia 16/09 á 16/10
2º lote: R$ 180,00 venda do dia 17/10 á 17/11
3º lote: R$ 190,00 venda do dia 18/11 á 07/12
Ingressos na hora: R$ 200,00

PAGA MEIA ENTRADA:

Com 1 Kg ou um brinquedo (entregar no dia do evento)
Meia entrada para estudantes com carteirinha.
Infra-estrutura completa
Camping Gratuito
Abertura dos portões ás 15:00 hs
Proibido entrar com bebidas

Apoio: HELL DIVINE

REALIZAÇÃO ZR ENTERTAINMENT
Informações: 47 9182 5126 / 47 9132 8720
E-mail: zoombie.ritual@hotmail.com
Site: www.zoombieritual.com.br

ZR entertainment

ARTWORK BY: fernandobecker@gmail.com

Storm Festival 24

OPEN BAR!

Black Metal (Caxias do Sul/RS)
Retorno aos palcos após 4 anos!!

Frost Despair

Symphonic Black Metal (Porto Alegre/RS)
Lançamento do álbum "The God Delusion"

Hegesmor

Death/Black Metal (São Leopoldo/RS)

Data: 08/10/2011 - Sábado

Embaixada do Rock
(Rua Presidente Roosevelt, 806. Centro - São Leopoldo/RS)

OPEN BAR!! Com cerveja, whisky, vodka, vinho, refri e água liberados das 23 as 4 horas da manhã.

INGRESSOS: Feminino: R$20,00 e Masculino: R$30,00
(Com nome na lista na comunidade da EMBAIXADA DO ROCK no Orkut ou no Facebook)

Apoio:

HELL DIVINE

WARGODS

UNDERGROUND

METAL ARMY

ROCKBOX

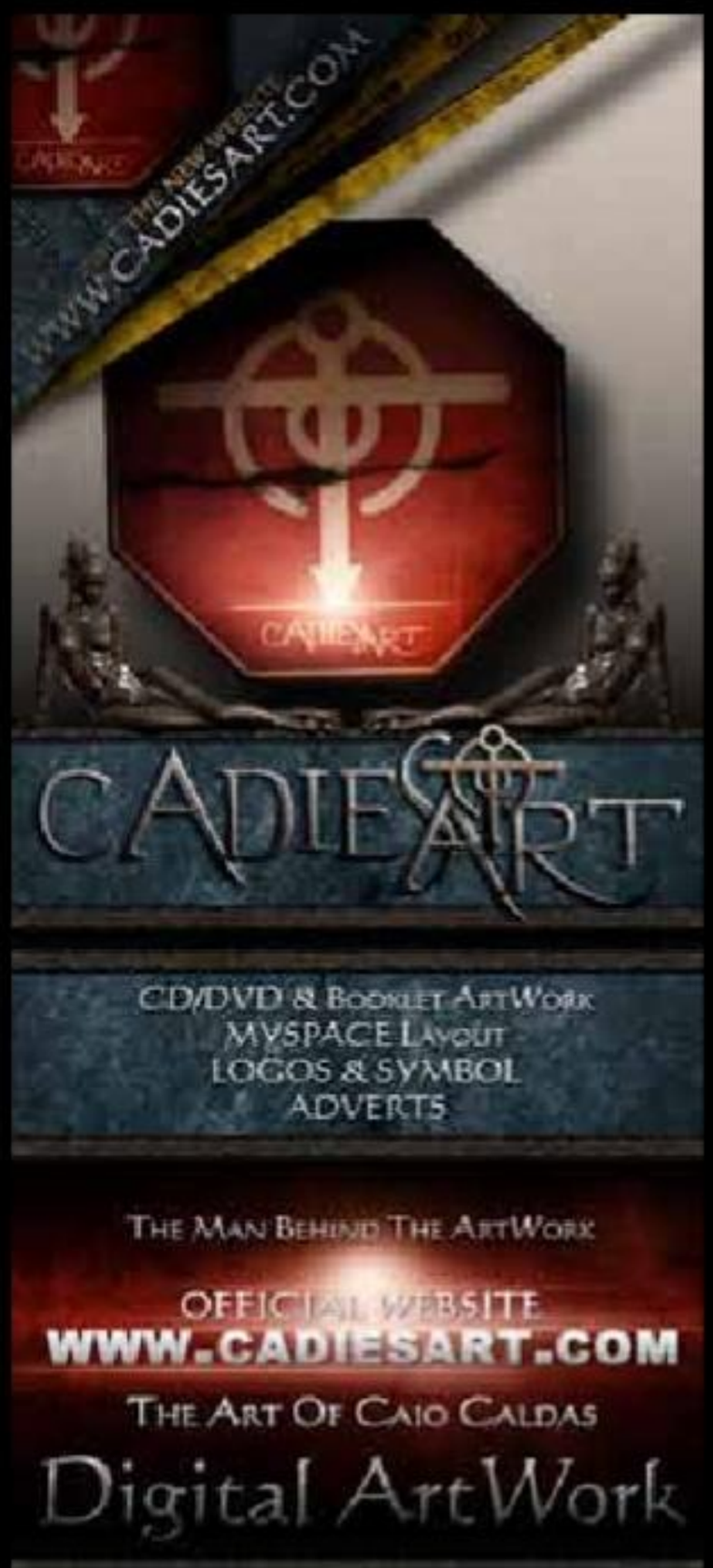
ROCK NA TORRE

Confira os ganhadores da Promoção Hell Divine e Die Fight!

DIEFIGHT METAL UNDERGROUND

> Rossano Santos Noronha > João Messias
> Pedro Bucky > Eduardo Augusto > Andre Machado

Fique atendo às novas promoções!


THE NEW WEBSITE!
WWW.CADIESART.COM
CADIESART
CD/DVD & Booklet ArtWork
MYSPACE Layout
LOGOS & SYMBOL
ADVERTS
The Man Behind The ArtWork
OFFICIAL WEBSITE
WWW.CADIESART.COM
The Art Of Caio Caldas
Digital ArtWork

CONFIRA MAIS ARTES À VENDA NO SITE!

CADIESART
WWW.MYSPACE.COM/CADIESARTWORK
WWW.CADIESART.COM
contact@cadiesart.com
(11) 9632-0826 | cadiesart@hotmail.com
São Paulo - Brasil
ARTES PARA CDs, ADVERTS, MYSPACE, OUTROS...
Caio Caldas & CadiesArt Copyrights © 2011 - Todos os direitos reservados

HELL DIVINE
ONLINE METAL MAGAZINE
ANUNCIE CONOSCO
E MOSTRE SUA CARA
PRA TODO MUNDO!
CONTATO:
HELLDIVINEMETAL@GMAIL.COM

HELL DIVINE
ONLINE METAL MAGAZINE
A PRIMEIRA E ÚNICA REVISTA DIGITAL GRATUITA DO BRASIL!
+ NOTÍCIAS + ENTREVISTAS
EXCLUSIVAS + RESENHAS
DE SHOWS, CDS, DVDS
E LIVROS!
FAÇA O DOWNLOAD AQUI!
WWW.MYSPACE.COM/HELLDIVINE
GO TO HELL!

METALVOX

A VOZ DO METAL

REVIEWS · ENTREVISTAS · MP3 · NEWS · SHOWS

WWW.METALVOX.COM.BR

VERSUS MAGAZINE

METAL ONLINE

MYSPACE.COM/VERSUSMAGAZINE

orbi design

estúdio orbi design

logos • editoriais • ilustrações • livros • sites

orbidesign.com

matheus@orbidesign.com

(31) 8886 3358

MARCEL

PEDRO

RACHEL MOSS

CUPIM LOMBARDI

RICARDO THOMAZ

VA

LUIZ RIBEIRO

YURI AZAGHAL

HUMANGOS

AUGUSTO

MICONLITE

FERNANDA CUNHA

IGOR SCHERER

HUNTER

GO TO HELL!

HELL DIVINE

ONLINE METAL MAGAZINE

O METAL ESTÁ AQUI.

www.myspace.com/helldivine